



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA E EVOLUÇÃO

LUCAS SILVA PACHÊCO DOS SANTOS

**PATRIMÔNIO BIOCULTURAL E AS PRÁTICAS HALIÊUTICAS EM UMA
COMUNIDADE TRADICIONAL: UMA ABORDAGEM ETNOECOLÓGICA**

FEIRA DE SANTANA, BAHIA

2025

LUCAS SILVA PACHÊCO DOS SANTOS

**PATRIMÔNIO BIOCULTURAL E AS PRÁTICAS HALIÊUTICAS EM UMA
COMUNIDADE TRADICIONAL: UMA ABORDAGEM ETNOECOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Evolução, Universidade Estadual de Feira de Santana, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ecologia e Evolução.

ORIENTADOR: Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto

COORIENTADOR: Dr. Francisco José Bezerra Souto

FEIRA DE SANTANA, BAHIA

2025

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

S123p

Santos, Lucas Silva Pachêco dos

Patrimônio biocultural e as práticas haliêuticas em uma comunidade tradicional: uma abordagem etnoecológica / Lucas Silva Pachêco dos Santos. – 2025.

99 f.: il.

Orientador: Eraldo Medeiros Costa Neto

Coorientador: Francisco José Bezerra Souto

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Evolução, Feira de Santana, 2025.

1. Ecologia. 2. Pesca. 3. Biodiversidade. 4. Degradação ambiental. 5. Comunidade quilombola. 6. Santiago do Iguape, Cachoeira -BA. 7. Cana-de-açúcar. I. Costa Neto, Eraldo Medeiros, orient. II. Souto, Francisco José Bezerra, coorient. III. Universidade Estadual de Feira de Santana. IV. Título.

CDU 639.2(814.22)

Daniela Machado Sampaio Costa - Bibliotecária - CRB-5/2077

LUCAS SILVA PACHÊCO DOS SANTOS


**PATRIMÔNIO BIOCULTURAL E AS PRÁTICAS HALIÊUTICAS EM UMA
COMUNIDADE TRADICIONAL: uma abordagem etnoecológica**

Aprovada em: 27/10/2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARCIO LUCIANO PEREIRA BATISTA**
Data: 27/10/2025 12:16:51 -0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof. Dr. Márcio Luciano Pereira Batista
(Centro Universitário Tecnológico de Teresina)

Documento assinado digitalmente
 **LEONARDO EVANGELISTA MORAES**
Data: 27/10/2025 15:35:54 -0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof. Dr. Leonardo Evangelista Moraes
(Universidade Federal do Sul da Bahia)

Documento assinado digitalmente
 **ERALDO MEDEIROS COSTA NETO**
Data: 27/10/2025 13:26:17 -0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof. Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto
(Universidade Estadual de Feira de Santana)
Orientador e Presidente da Banca

Feira de Santana, Bahia
Outubro, 2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, a minha avó e a comunidade Quilombola de Santiago do Iguape, que me apoiaram e inspiraram ao longo dessa jornada. A todos que acreditaram em mim e me deram forças para seguir em frente, meu mais sincero agradecimento.

EPIGRAFE

IDENTIDADE

Quilombola, eu? Pescador, eu? Descendente de escravo, eu?

Sim! Para além disso. Descendente de um povo forte, resiliente, que não teme a morte, que por vocação e aporte venceu as barreiras da escravidão e passou a ocupar seu lugar, seu habitar, seu residir, seu sentir, seu ser, a viver! Mesmo em meio a dura, impiedosa, separatista e preconceituosa sociedade moderna, que de moderna, pouco tem.

Resistir em “terras de preto” não é fácil; habitar em “terras de branco”, uma guerra diária. Mas é nesta batalha na qual eu acumulo troféus. Alcanço lugares antes inalcançáveis, minha voz ecoa em algares sem eco, mas por ser potente e forte, é ouvida há quilômetros.

Não são gritos. São poemas, músicas, conhecimentos e poesia, que afastam a burguesia e atraem o ser humano, sem raça, sem cor, mas que não esquece da dor, que um dia causou a um povo, ao mesmo povo, apenas diferente na produção de melanina, seja menino ou menina, seja quem for, somos todos humanos.

A raça, fica para os cães, as espécies, para as plantas. Para nós, a humanidade e empatia, pouco prática hoje em dia, mas uma busca diária daqueles que mesmo em meio a duras batalhas, sabem amar e respeitar o igual e o diferente, o ser gente, o ser humano, as diferentes identidades.

E dessa forma vão brotando sementes de esperança e alegria. Viva, viva, viva a nós! Vivamos nós o amanhecer de cada dia. Sem perder do rosto a alegria de tudo que conquistamos e estamos semeando para uma colheita farta.

E só para finalizar: tristezas, inquietudes, alegrias e virtudes nos acompanharão a cada dia. Cabe a nós a sabedoria de escolher com quem conviver e, no mais íntimo de nosso ser, deixar aflorar nossa identidade, nossa essência, nossa verdade. Por isso, viva, cante, leia, escreva, descanse, pule e dance, pois o amanhã pode não nos caber! Não deixe de ser! Viva com a natureza, viva sua natureza e as flores da alegria deixe florescer.

O Autor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todo sustento emocional e psíquico nesta minha trajetória. Pelo dom da vida a mim concebido e por ser a força que me mantém crendo na possibilidade de um dia vivermos em um mundo melhor.

Aos meus pais Iracema e Bartolomeu; a minha avó Leninha; aos meus irmãos (ãs) por sempre acreditarem em mim e por todo apoio durante minha Jornada acadêmica que, talvez, ainda não se encerre aqui.

A minha rede de apoio: Rita, Gilma, Célia, Adriana, Luciana, Marilene, Gabriel, dona Elta, Zé Mineiro (*in memoriam*), Vero, Maria, Lani, Marizete, Raimunda, Robson e amigos de profissão, por me incentivarem durante todo esse processo.

Aos meus orientadores Eraldo e Franzé, por todo conhecimento compartilhado, construído e ressignificado ao longo desses anos. Pela paciência e por acreditarem quando cheguei com a ideia ainda rabiscada, mas que aos poucos me ajudaram a lapidar e tornar este trabalho possível. E aos parceiros Elmo Borges e Heitor Braga.

Agradeço o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES), Código de Financiamento 001, sem o qual não seria possível a realização desta pesquisa.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Evolução pela oportunidade. Ao ex-coordenador, Caio Graco Machado. À secretária do programa, Lyah, pelo esforço para que tudo funcione perto do essencial.

Agradeço imensamente a toda comunidade quilombola de pescadores (as) de Santiago do Iguape por compartilharem comigo, ao longo da vida, seus saberes e histórias, em especial durante minha pesquisa de campo, onde foram acolhedores, o que foi essencial para a realização e conclusão desta pesquisa.

RESUMO GERAL

A pesca artesanal, praticada há séculos, é essencial para a segurança alimentar e a cultura de comunidades tradicionais. No Nordeste do Brasil, a comunidade quilombola de pescadores de Santiago do Iguape, em Cachoeira (BA), é um exemplo de um povo cuja subsistência está ligada a essa atividade, apesar dos conflitos e das condições insalubres. Diante desse cenário, esta dissertação buscou, por meio de uma abordagem ético-êmica, compreender o sistema pesqueiro local, os desafios socioambientais, o papel das mulheres e o interesse dos jovens na continuidade dessa cultura. A pesquisa, baseada em entrevistas semiestruturadas com 49 pescadores e um questionário online com 56 jovens, e observações participante, revelou que a comunidade possui um vasto conhecimento sobre o ecossistema e os impactos ambientais que o afetam. Entre os principais problemas, destacam-se os impactos gerados pela Hidrelétrica Pedra do Cavalo, o uso de redes de malhas finas, a contaminação por efluentes domésticos e industriais, além do uso de explosivos que intensificam a destruição dos recursos pesqueiros. Um ponto crítico evidenciado foi o risco de erosão biocultural. Os resultados indicam uma significativa redução da mão de obra juvenil nas atividades, com 75% dos jovens entrevistados não pretendendo seguir na profissão. Essa desvalorização se deve, em grande parte, às condições de trabalho difíceis e à falta de incentivos, o que fragmenta e ameaça a transmissão dos saberes tradicionais. No entanto, a pesquisa também ressalta a força das mulheres pescadoras, que desempenham um papel central na manutenção dessas práticas. Elas representam uma parte significativa da força de trabalho, organizam-se para lutar por seus direitos e participam ativamente da gestão dos territórios de pesca. Os resultados apontam para a urgência de ações conjuntas entre a comunidade, o poder público e organizações da sociedade civil para garantir a continuidade da pesca artesanal. Como sugestão, propomos a implementação de programas de educação ambiental nas escolas, que destaquem a pesca não apenas como uma atividade econômica, mas como um elemento fundamental da cultura e identidade local. Somente com melhores condições de trabalho e maior valorização, os jovens poderão se tornar os guardiões desse patrimônio histórico, social e cultural.

Palavras-chave: Pesca artesanal, Sustentabilidade, Degradação ambiental, Erosão biocultural, Conhecimento Ecológico Local.

GENERAL ABSTRACT

Artisanal fishing, practiced for centuries, is essential for the food security and culture of traditional communities. In the Northeast of Brazil, the quilombola community of fishermen in Santiago do Iguape, Cachoeira (BA), is an example of a people whose subsistence is linked to this activity, despite conflicts and unhealthy conditions. Given this scenario, this dissertation sought, through an *etic-emic* approach, to understand the local fishing system, socio-environmental challenges, the role of women, and the interest of young people in the continuity of this culture. The research, based on semi-structured interviews with 49 fishermen, an online questionnaire with 56 young people, and participant observations, revealed that the community possesses vast knowledge about the ecosystem and the environmental impacts that affect it. Among the main problems are the impacts generated by the Pedra do Cavalo Hydroelectric Plant, the use of fine-mesh nets, contamination by domestic and industrial effluents, in addition to the use of explosives that intensify the destruction of fishing resources. A critical point evidenced was the risk of biocultural erosion. The results indicate a significant reduction in youth labor in these activities, with 75% of the young people interviewed not intending to continue in the profession. This devaluation is largely due to difficult working conditions and a lack of incentives, which fragments and threatens the transmission of traditional knowledge. However, the research also highlights the strength of the women fishers, who play a central role in maintaining these practices. They represent a significant part of the workforce, organize to fight for their rights, and actively participate in the management of fishing territories. The results point to the urgency of joint actions among the community, public authorities, and civil society organizations to ensure the continuity of artisanal fishing. As a suggestion, we propose the implementation of environmental education programs in schools that highlight fishing not only as an economic activity but as a fundamental element of local culture and identity. Only with better working conditions and greater appreciation can young people become the guardians of this historical, social, and cultural heritage.

Keywords: Artisanal fishing, Sustainability, Environmental degradation, Biocultural erosion, Local Ecological Knowledge.

LISTA DE FIGURAS DO CAPÍTULO I

Figura 1. Diálogo entre conhecimentos Científico e Tradicional.....	15
--	----

LISTA DE FIGURAS E TABELAS DO CAPÍTULO II

Figura 1. Mapa de Localização da Resex marinha Baía de Iguape.....	30
---	----

Tabela 1. Trabalhos selecionados após revisão bibliográfica.....	33
---	----

LISTA DE FIGURAS E TABELAS DO CAPÍTULO III

Figura 1. Geographic location of the Baía de Iguape Marine Extractive Reserve, Bahia, Brazil. Source: Souza et al. Fonte: Souza <i>et al.</i> (2022)	4
---	---

Tabela 1. Table 1- Local Ecological Knowledge (LEK) on fishing techniques, tools employed in resource capture, safety measures for fisheries, and harvested fishery resources.....	50
---	----

Figura 2. (a) Retorno da pescaria com redinha e (b) com camarãozeira.....	51
--	----

Figura 3. (a) Peixe morto no manguezal; (b) Peixe morto por explosivos boiando nas águas do estuário	53
---	----

Figura 4. Responses obtained about the occupation of the interviewees.....	55
---	----

Figura 5. Responses obtained from interviewees about the position regarding continuity of their parents' profession.....	56
---	----

LISTA DE FIGURAS E TABELAS DO CAPÍTULO IV

Figura 1. Localização da comunidade de Santiago do Iguape e da Resex Baía de Iguape.....	69
---	----

Figura 2. Registro das pescadoras retornando da pesca embarcada para camarão (a) e da pesca com gaiola (b).....	74
--	----

Tabela 1. Conhecimento ecológico local das pescadoras sobre os recursos e petrechos utilizados na prática de suas atividades. * = em alguns casos, as informações não foram citadas na entrevista formal.....	75
--	----

Figura 3. Registros de pescadores na mariscagem do sururu (<i>Mytella</i> sp.)	76
--	----

LISTA DE SIGLAS

PCT – Povos e Comunidades Tradicionais

CT – Comunidades Tradicionais

CDB – Convenção da Diversidade Biológica

LEK – Local Ecological Knowledge

PB – Patrimônio Biocultural

RESEX – Reserva Marinha Extrativista

SUMÁRIO

RESUMO GERAL	8
GENERAL ABSTRACT.....	9
APRESENTAÇÃO	13
CAPÍTULO I. REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
1.1. Conhecimento tradicional e conhecimento científico: contribuições	15
1.2 Patrimônio Biocultural.....	17
1.3 Pesca artesanal.....	19
1.2. Erosão Biocultural.....	21
REFERÊNCIAS.....	23
CAPÍTULO II.....	27
Pesca artesanal e patrimônio biocultural na Resex Extrativista Marinha Baía de Iguape, Bahia, Brasil.....	27
1. INTRODUÇÃO	28
2. METODOLOGIA.....	29
2.1 Área de estudo.....	29
2.2 Coleta e análise dos dados	30
2.3 Aspectos éticos da pesquisa	32
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	32
3.1. Impactos ambientais na pesca artesanal.....	34
3.1.1 Saúde ocupacional.....	34
3.1.2 Memória, saberes tradicionais e identidade cultural.....	34
3.1.3 Conflitos territoriais e governança	35
3.1.4 Papel das mulheres na pesca artesanal	35
3.2 Visãoêmica da comunidade sobre a contribuição das pesquisas na/para a comunidade	35
3.2.1. Percepção sobre as pesquisas e devolutivas	36
3.2.2. Conhecimentos ecológicos locais e impactos ambientais	36
3.2.3. Contribuição para preservação do patrimônio biocultural	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37

CAPÍTULO III	45
Artisanal Fishing in a Quilombola Community in Recôncavo Baiano, Brazil: Impacts, Challenges, and Future Perspectives	45
1. INTRODUCTION	46
2.METHODOLOGY	48
2.1. Study Area	48
2.2 Data collection	48
2.3. Data Analysis.....	49
3.RESULTS AND DISCUSSION	49
4. FINAL CONSIDERATIONS	58
5. REFERENCES	58
CAPÍTULO IV.....	63
Mulheres na pesca artesanal na comunidade quilombola de Santiago do Iguape, Ba: contribuições históricas e desafios atuais.	63
1.INTRODUÇÃO	65
2.METODOLOGIA.....	68
2.1 Area de estudo.....	68
2.2. Coleta de dados	69
2.3 Análises dos resultados.....	70
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	70
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
5.AGRADECIMENTOS	80
6.REFERÊNCIAS.....	80
CONCLUSÕES GERAIS	84
APÊNDICES	86
APÊNDICE 1 - Formulário de instrumento de coleta de dados: Roteiro para entrevista semiestruturada	86
APÊNDICE 2 - Termo de Livre Consentimento Esclarecido TCLE.....	88
APÊNDICE 3 - Folder construído e entregue aos estudantes e pescadores.	91
ANEXOS.....	93
ANEXO 1 – Termo de Anuência.	93
ANEXO 2 – Autorização do Presidente da Colônia de Pescadores.	94
ANEXO 3 - Parecer de aprovação do projeto.	95

APRESENTAÇÃO

Este trabalho surgiu a partir da observação pessoal do pesquisador, que viu a possibilidade de o conhecimento histórico do povo tradicional ao qual está vinculada por origem, estar exposto ao risco de erosão biocultural, diante dos impactos socioambientais agravados pelo racismo ambiental e pela atual crise climática, com reflexos sobre o saber o saber-fazer pesqueiro na comunidade de Santiago do Iguape.

A pesquisa está estruturada quatro capítulos. O primeiro, um **referencial teórico**, onde são discutidas questões relacionadas ao tema central, com o objetivo de proporcionar uma melhor compreensão dos processos que constituem o patrimônio biocultural, especialmente no que se refere às práticas haliêuticas (Pesca Artesanal), que, simultaneamente, estão expostas ao risco de erosão.

Capítulo II: intitulado “*Pesca artesanal e patrimônio biocultural na Resex Extrativista Marinha Baía de Iguape, Bahia, Brasil*”, teve como objetivo verificar a contribuição das pesquisas para a conservação do patrimônio biocultural associado às práticas de pesca artesanal na comunidade, analisar os problemas mais frequentemente abordados nesses estudos e avaliar o retorno recebido pela comunidade. Além da revisão bibliográfica, foram realizadas entrevistas com moradores e moradoras locais, que responderam a perguntas sobre suas percepções a respeito dessas investigações.

Capítulo III: intitulado, “*Artisanal Fishing in a Quilombola Community in Recôncavo Baiano, Brazil: Impacts, Challenges, and Future Perspectives*” aborda as questões históricas e socioeconômicas que influenciaram o avanço e o declínio da atividade na comunidade. Neste capítulo, também estão sendo discutidos os impactos das atividades humanas sobre os conhecimentos tradicionais, sob a perspectiva ético-êmica, e os efeitos desses problemas sobre a diversidade biológica, a perda identitária e cultural, bem como estratégias para mitigar tais problemas e promover a reconstrução e ressignificação desses saberes.

Além das entrevistas de campo e observações diretas, foi aplicado um questionário online aos jovens acima de 18 anos para avaliar o nível de conhecimento sobre pesca e o interesse em dar continuidade à prática. Este capítulo está submetido e inicialmente aceito na Revista Brasileira de Ciências Ambientais- RBCIAMB. Mantivemos a formatação das referências, Tabelas e gráficos, mas adequamos a estrutura e formatação do texto para manter a estética da dissertação.

Capítulo IV: intitulado “*Mulheres e pesca artesanal na comunidade tradicional de Santiago do Iguape, Bahia: contribuições históricas e desafios atuais*”, teve como objetivo

evidenciar o papel das mulheres na pesca artesanal ao longo da história da comunidade, demonstrando que sua participação vai para além das atividades de desembarque, limpeza e comercialização do marisco. Historicamente, as mulheres, ao longo do tempo, assumiram funções de protagonismo, apoio e liderança na preservação e transmissão dos saberes pesqueiros. Durante décadas, entretanto, seus direitos foram negados sob a justificativa de fragilidade e incapacidade. Após lutas e reivindicações, conquistaram reconhecimento e passaram a ocupar, de forma efetiva, os espaços que lhes pertencem. A pescadora, portanto, deixa de ser uma exceção e se afirmar como elemento essencial na manutenção e na transmissão intergeracional do conhecimento sobre a pesca artesanal. Este capítulo foi publicado, no formato de artigo, na Revista de Gestão Social e Ambiental (RGSA)

CAPÍTULO I. REFERENCIAL TEÓRICO

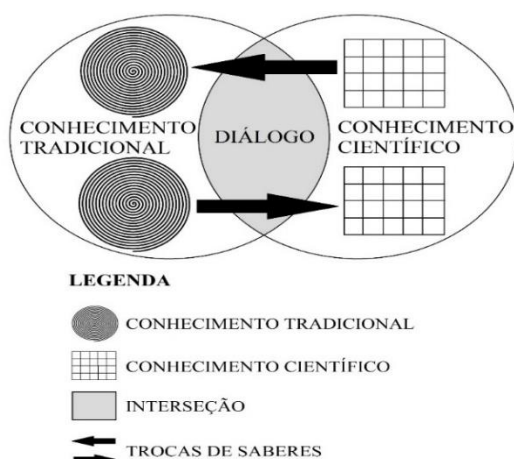
1.1. Conhecimento tradicional e conhecimento científico: contribuições

O conhecimento é fruto do esforço, da prática e da vivência em determinado campo do saber. Construído ao longo do tempo, ele se aprimora e se ajusta as necessidades das diferentes sociedades. No campo da pesquisa científica, o conhecimento está baseado na possibilidade de verificação, onde, com métodos bem delineados, hipóteses podem ser testadas, e neste caso, refutadas ou corroboradas até que um outro paradigma surja para remodelar o que se sabe (Cunha, 2007; Strachulski, 2017).

No campo do conhecimento tradicional, a construção dos saberes ocorre de forma indutiva, como fruto das experiências diárias e das interações sociais. Ele atende as necessidades individuais e coletivas nas diferentes sociedades, sem a necessidade de provar a terceiros que tal conhecimento é universal, podendo ser apenas localmente aceito, como cita Cunha (2007, p. 78): “Pode ser que, na sua terra, as pedras não tenham vida. Aqui elas crescem e estão, portanto, vivas.”

Apesar de serem distintos em muitos aspectos, os conhecimentos científico e tradicional compartilham algumas características como racionalidade e intencionalidade (Strachulski, 2017) há entre eles uma interseção que permite o diálogo e a ressignificação de saberes (Figura 1), tornam-se complementares (Eloy *et al.*, 2014) já que “todo conhecimento científico é socialmente construído” (Santos, 2008, p. 9).

Figura 1. Diálogo entre conhecimentos Científico e Tradicional.



Fonte: Strachulski (2017).

Segundo Santos (2004), no que trata da ecologia dos saberes, tanto o conhecimento científico quanto o tradicional foram e são essenciais à construção de uma parte significativa

do que se sabe sobre muitas áreas de conhecimento atualmente estruturado, e nesse diálogo horizontal, não há homogeneidade, apenas diferentes formas de percepção, que conectadas, tornam-se interdependentes.

Partindo dessa compreensão, abordar os Conhecimentos Tradicionais (CT) e analisá-los a partir de abordagens *ético-êmicas* permite que a pesquisa seja representada em sua mais completa riqueza de detalhes, possibilitando uma imersão no tema e uma submersão na busca por meios para traçar estratégias de intervenção, gestão e conservação do saber abordado (Cunha, 2007; Toledo e Barrera-Bassols, 2009).

Para aproximar o conhecimento científico do saber tradicional, que foram separados de forma mais metódica em meados do século XVII, a Etnoecologia e a Etnobiologia têm sido campos de pesquisas chave, possibilitando aos Povos e Comunidades Tradicionais (PCT) demonstrarem a importância de seus saberes e, a partir de suas vivências, falar como os impactos das atividades exploratórias interferem em sua cultura, crenças e meios de subsistência (RODRIGUES JUNIOR, 2009). Esse diálogo permite uma análise mais ampla, robusta e completa, pois o aporte dado pela ciência somado aos conhecimentos de vivência dos PCT, permitem o desenvolvimento de estratégias e aprimoramento, com suporte dos meios legais para salvaguardar o patrimônio biocultural desses povos.

Historicamente, a construção desses saberes é essencial para as representações de identidades dos PCT, que são detentoras de um rico Patrimônio Biocultural (PB), que engloba as técnicas, as artes, inovações desenvolvidas, os recursos, formas de utilização, as manifestações culturais e religiosas, valores e ideologias (Ido, 2017; Souza e Franz, 2022). A construção desses saberes é repleta de ancestralidade e identidade, tornando-se parte da cultura, transmitidas entre as gerações nas tarefas e interações do dia a dia através da experiência, vivência e da tradição (Dias, 2017; Moreira et al., 2002).

Diante do exposto, é possível perceber a dimensão do paradigma aqui abordado, pois este não se encerra em si mesmo, mas abre espaço para reconstrução e resgate de saberes, das práticas e todo PB preservado pelos PCT. Por isso, o diálogo entre o campo científico e os conhecimentos tradicionais, tornaram-se essenciais na corrida para preservação da diversidade biológica e cultural através de práticas sustentáveis, historicamente construídas e ressignificadas por esses povos (Eloy et al., 2014).

O conhecimento tradicional é aqui compreendido não como oposto, mas como complementar ao científico, sendo essencial para compreender a resiliência das práticas pesqueiras quilombolas”. Por isso, associar o CT ao científico é uma estratégia com potencial assertivo para a conservação biocultural. Alguns autores, como Cunha, (2017), Guellida-

Esquinca (2022), Ido (2017) e Toledo e Barrera-Bassols (2009), pontuam a relevância da cultura e do modo de vida dos PCT como espelhos para mitigar os danos antrópicos, e permitir meios mais sustentáveis de utilizar e conservar os recursos naturais, os saberes tradicionais dessas comunidades que hoje encontram-se tão vulnerabilizadas por questões ligadas ao racismo ambiental e a crise climática (Maciel e Mattos, 2020; Rios, 2019; Costa e Silva, 2021).

1.2 Patrimônio Biocultural

O Brasil abriga entre 12 e 14% da diversidade biológica a nível mundial, estimando-se ainda que este percentual possa ser até seis vezes maior que o valor já conhecido (Lewinsohn e Prado, 2002; Andreoli et al., 2014). Além da diversidade biológica, o Brasil detém significativa riqueza sociocultural proveniente PCT e da miscigenação. O povo Brasileiro, naturalmente resiliente, construíram saberes, técnicas, e meios de perpetuar suas formas de vida, culturas e tradições.

A soma da diversidade biológica, cultural e linguística constituem o patrimônio biocultural – PB (Garcia et al., 2022; Rodrigues Junior, 2009). O PB apresenta duas dimensões: A primeira dimensão ou código é a material que é constituída pelo que é tocável e perceptível a visão e aos demais sentidos. Esse código abrange então diversidade biológica em toda sua complexidade: flora fauna, ecossistemas, e de forma mais ampla, contempla a biodiversidade, que inclui além de aspectos biológicos, a variabilidade genética, os processos evolutivos entendidos agora a nível de genes, das espécies, ecossistemas e paisagens, influenciadas por fatores abióticos (Andreoli et al., 2014; Souza e Franz, 2022).

A segunda dimensão é a Imaterial, são códigos que não podem ser vistos ou tocados; como os valores, as crenças, e ideologias. Ambos são construídos a partir das interações socioculturais e se originam da cosmovisão desses povos, permitindo a inserção do terceiro código, o linguístico, pois é a partir dele que as heranças culturais verbalizadas ou não são mantidas (Maffi, 2010; Souza e Franz, 2022).

As discussões sobre o PB se tornaram mais exóticas nas últimas duas décadas, no sentido de compreender e salvaguardar os conhecimentos e as técnicas desenvolvidas PCT. Boege *et al.* (2023) enfatizam que a valorização do PB se deve em especial à compreensão atual sobre a importância PCT e suas bases de conhecimento como propulsoras da conservação através do uso sustentável dos recursos, frente aos impactos catastróficos provenientes das atividades antrópicas desenvolvidos pelas sociedades para exploração dos recursos naturais.

Os mesmos autores ainda enfatizam que o reconhecimento legal do PB em diversas regiões do mundo é fruto das lutas iniciadas por esses povos, que começaram a reivindicar os

direitos sobre sua propriedade intelectual (os saberes produzidos e disseminados e os frutos econômicos provenientes destes) que estavam sendo fortemente utilizados de forma dicotômica em processos de biopirataria e bioprospecção.

Segundo Eloy *et al.* (2014), a Convenção da Diversidade Biológica (CDB), ao conferir a proteção ao conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético e enfatizar a importância da permanência dos povos e comunidades em seus territórios, é essencial na preservação e perpetuação desses saberes que dependem das condições de conservação desses ambientes para manutenção e perpetuação desses sabres.

Em países como o México, o volume de trabalhos que visam a elaboração e desenvolvimento de estratégias de valorização e recuperação dos CT e da memória biocultural são bastante expressivos, como os realizados por Álvarez Gordillo (2016) e Boege *et al.* (2023), que discutem questões inerentes a uma legislação mais específica para a proteção e conservação do patrimônio biocultural, como as existentes na China (Demgenski, 2021). Em São José do Norte, Rio Grande do Sul, Brasil, a pesca artesanal é legalmente reconhecida como patrimônio imaterial pela lei nº 866 de 2019, sendo, segundo Souza e Franz (2022), essencial “para ampliar a própria compreensão do conceito de cultura e patrimônio cultural na contemporaneidade”

Boege (2021) discute a importância do reconhecimento de determinados saberes como patrimônio biocultural, pois desta forma torna-se possível traçar estratégias que permitam o desenvolvimento local baseado em práticas sustentáveis. O autor também destaca os diversos componentes do patrimônio biocultural como propulsores da conservação da diversidade biológica e cultural, tema este discutido de forma minuciosa quando as comunidades começaram compreender sua importância e a utilização indevida dos seus saberes e dos frutos econômicos provenientes destes a partir das práticas de biopirataria e patenteamento ilegal.

Ovies (2021) demonstrou a importância da utilização endógena de Cogumelos psicotrópicos, que possuem importância histórica na medicina tradicional, com potencial terapêutico e como ele pode ser potencializador para atração turística e reduzir a vulnerabilidade socioeconômica dos povos tradicionais locais.

Os PCT são resilientes e continuam firmes mesmo diante de toda vulnerabilização as quais foram sujeitados diante da corrida econômica atual pela exploração dos recursos naturais, que tem afastado as gerações atuais e futuras de muitas práticas culturais, resultando no enfraquecimento de laços afetivos, econômicos e identitários desses sujeitos com seus locais de origem, podendo causar rupturas na construção e transmissão dos saberes locais (Dias, 2017; COsta e Machado, 2018; Barbosa, 2020).

1.3 Pesca artesanal

A pesca artesanal é uma atividade ancestral, histórica, cultural e identitária. Surge em diferentes culturas e contextos, principalmente como meios de subsistência e/ou ajudam a complementar a fonte de renda das comunidades haliêuticas (Souza, 2008). Para Abreu (2022), a pesca artesanal é uma atividade desenvolvida por membros de uma família, amigos e grupos próximos, cuja relação tem como base a cooperação e o respeito mútuo. Dessas relações surgem vínculos que podem durar a vida inteira, já que a atividade é realizada de tal modo que permite o contato diário, o compartilhamento de experiências e saberes, que resultam de complexas relações sociais e ecossistêmicas (Pasquotto e Miguel, 2004).

Em muitas comunidades tradicionais, o sistema pesqueiro artesanal tem como principal característica a sua realização ser em pequena escala, para suprir necessidades básicas do dia a dia e o comércio local, esses aspectos estão descritos também na Lei nº 11.959, de 29/06/2009, que discorre sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca (BRASIL, 2009).

Os pescadores e pescadoras artesanais são detentores de amplos saberes sobre o meio aquáticos e costeiros, sobre horários da maré, melhores pesqueiros (loais preferenciais para lançar a rede), ocorrência e reprodução das espécies utilizadas, sobre a influência do tempo para a realização da atividade e tempo necessário de descanso dos “pesqueiros” -loais onde ocorre uma maior concentração de determinadas espécies (Santana et al., 2014). Souza e Franz (2022) argumentam que:

“Esses conhecimentos são cruciais para a manutenção da atividade pesqueira, e que não são compreendidos em manuais, textos escritos, ou cursos profissionalizantes, mas se desenvolvem no cotidiano e são repassados pela oralidade, pelos gestos, de forma comunitária e geracional”

Muitas comunidades ainda preservam os aparatos tradicionais: canoa de madeira e remos, e instrumentos específicos para realização da atividade. Mas com os avanços tecnológicos emergentes, muitas comunidades substituíram ou alternam o uso de canoas de madeira e canoas de fibras, que são geralmente maiores e mais leves, além do motor, que facilita e reduz o tempo da locomoção. Todas essas mudanças possuem dois vieses; o positivo, pois facilita a vida e reduz o esforço do pescador devido a redução do desgaste físico empregado na remada. Por outro, intensifica o volume de vezes que a rede é lançada ao mar, o aumento da frequência das pescas, uma pressão maior sobre os estoques locais.

São mudanças que acompanham os avanços tecnológicos da globalização. No entanto, independente de tais mudanças, a relação dessas comunidades com o mar, no sentido de “subsistência” continuam vividas (Santos et al., 2024). Para Dias, (2017) apesar de compartilhar

muitas características, há muitas singularidades que variam de comunidade para comunidade, e daí surge a importância desta prática milenar na construção identitária das comunidades tradicionais. No contexto dessa discussão, Souza e Franz (2022, p. 101) afirmam:

“Os pescadores artesanais, nesse sentido, mostram-se enquanto comunidades culturalmente diferenciadas tornando-se sujeitos construtores de culturas e identidades próprias, sobretudo associado ao seu modo de vida tradicional, exigindo uma leitura de cultura e identidade apropriadas as suas especificidades”.

As comunidades de pescadores artesanais têm em sua origem o contato direto com os ambientes aquáticos, de onde, geralmente, coletam os recursos necessários a subsistência e complementação da renda familiar, além de ser um espaço de socialização e construção técnicas perpetuadas entre as gerações (Souza, 2008). O “saber-pescar” ou saber-fazer nessas comunidades perpassa apenas o lançar a rede ao mar, é preciso conhecer os locais apropriados para lançar a rede, qual tipo de rede, horários, como manejar remos e conseqüentemente guiar as embarcações (geralmente canoas e pequenos barcos) e dias de “descanso” que cada local precisa para apresentar fartura novamente. Tudo isso demanda tempo e vivência (Herrejón et al., 2021; Cruz, 2014).

Por ser uma prática transmitida entre gerações, é preciso que novos integrantes estejam disponíveis para que haja a perpetuação de tais conhecimentos, que são a base cultural dessas comunidades. No entanto, a globalização é um processo propulsor da busca por melhores condições de vida, e muitos dos jovens já não querem mais ficar nos campos, nas zonas rurais. Somando a este processo, os impactos ambientais e conseqüente degradação ambiental, somados são peças-chave no desmonte dessas práticas em algumas comunidades (Pryston, 2023).

No recôncavo baiano, onde foi construída e inaugurada a antiga Barragem Pedra do Cavalo, em meados de 1985, mas que hoje funciona como uma Usina Hidrelétrica, muitas comunidades foram afetadas pelo represamento das águas do rio Paraguaçu, que modificou a dinâmica ecossistêmica dos ambientes aquáticos, afetando os estoques de muitas espécies marinhas, gerando danos ambientais, socioeconômicos e identitários para as comunidades de pescadores artesanais dessa região (Genz, 2006). Outras atividades antrópicas como despejo de esgotos domésticos e industriais, a pesca predatória, a contaminação e redução de áreas de pesca e mariscagem, e o vazamento de petróleo ocorrido em 2019, que atingiu quase todo o litoral nordestino, vulnerabilizando essas comunidades que já sofrem historicamente com o racismo ambiental e falta de aporte judicial (Santos et al., 2022; Pereira et al., 2024; Paiva et al., 2024).

Apesar de todos esses problemas enfrentados, as mudanças climáticas vêm agravando e intensificando a degradação dos ecossistemas costeiros e estuarinos. Mesmo diante desse cenário, essas comunidades continuam tentando se adaptar a estas intensas mudanças através de “reinvenções para que o modo de vida artesanal se mantenha” (Ribeiro, 2020, p. 22). Mas hoje, segundo Pereira *et al.* (2023), o problema consiste também na manutenção de quem dará prosseguimento a perpetuação da cultura, pois há um envelhecimento da mão de obra, e redução da mão-de-obra juvenil que está voltada para atividades com retornos financeiros melhores.

Nesse contexto, as mulheres que foram invisibilizadas no setor pesqueiro por séculos ganham destaque como mantenedoras da cultura pesqueira, demonstrando que são pescadoras e não somente “ajuda” secundária (Maneschy et al., 2012). A mulher assume o papel de protagonista em pescarias embarcadas, sendo essenciais na manutenção e perpetuação desses saberes e proteção dos ambientes pesqueiros (Cidreira-Neto et al., 2020). No entanto, o risco e declínio da mão de obra juvenil perpassa questões de gênero e atingem todo setor pesqueiro artesanal.

Sem ter para quem transmitir as informações sobre as técnicas e todo aparato necessário para realização dos diferentes tipos de pesca com suas singularidades locais, pode ocorrer a fragmentação nas informações, e nos casos mais extremos, ocorrer um processo de erosão biocultural, que consiste na ruptura completa na transmissão de determinados conhecimentos dentro dessas comunidades.

1.2. Erosão Biocultural

A erosão biocultural é um tema ainda pouco explorado na literatura. De maneira ampla, a etimologia da palavra "erosão" vem de "*erodere*", que significa corroer ou devorar (Marenga, 2023). O termo "erosão" é comumente utilizado nas áreas das ciências exatas e da terra, sendo definida como um processo complexo, que envolve a ação direta e indireta de diversos fatores, como tipo de solo, clima, vegetação e interferência humana (Marenga, 2023, p. 1). Esse processo resulta em mudanças na estrutura e funcionamento dos ambientes, alterando o solo e impactando a diversidade biológica.

Quando abordamos a erosão no contexto biocultural, ela envolve questões igualmente complexas, que requerem uma atenção maior para uma compreensão plena. Dessa maneira, podemos interpretá-la como o enfraquecimento e a fragmentação na construção, transmissão e ressignificação de conhecimentos construídos pelos povos e comunidades ao longo das gerações, resultando em alterações na sua forma de vida, cultura e identidade

Esse processo evidencia os impactos mais profundos causados pela globalização sobre povos e comunidades tradicionais. Trata-se de um processo dinâmico e complexo, pois se torna desafiador identificar de forma literal as suas ocorrências. No entanto, ao analisá-lo de maneira cuidadosa, é possível perceber tendências indicativas de sua presença, mas como traz Pinho (2016), é quase impossível afirmar a fatalidade ou inevitabilidade os resultados de processos históricos ainda em curso.

Reafirmando o que foi mencionado anteriormente, na literatura há uma escassez de estudos que discutem a existência ou não da erosão biocultural. Domingues e Barros (2015) utilizam os termos "transformações, fragmentação, enfraquecimento e reconstrução", pois, segundo os autores, se ainda houver alguém praticando determinado saber, este não teria sofrido o processo de erosão biocultural.

Porém, entendemos a erosão biocultural como um indicativo de extinção, que pode ser inicialmente local e, posteriormente, generalizado. A erosão, nesse caso, é sinônimo de destruição: quando um saber se torna não funcional, não praticado ou não compartilhado para sua perpetuação, ele passa a fazer parte apenas da memória, a qual, de acordo com Barbosa (2020, p. 1160), "é responsável pela preservação de um patrimônio biocultural". O mesmo autor afirma a importância da memória biocultural para a permanência dos povos em seus territórios, além de considerá-la essencial nos processos de aprendizagem entre as gerações para gerar novas aprendizagens, ou seja, a renovação e a ressignificação de saberes.

No entanto, se tais saberes permanecem apenas na memória, sem que haja sua transmissão etária, correm o risco de sofrerem o processo de amnésia biocultural (Petersen, 2015), o que os expõe os saberes ancestrais dessas comunidades à erosão em seu sentido literal (Corrêa, 2012; Domingues e Barros, 2012; Barbosa, 2020).

No estudo realizado por Pinho (2016) na Baía Sul da Ilha de Santa Catarina, apenas dez pescadores mantêm as atividades profissionais de pesca artesanal, atividade que foi praticada por milhares de famílias e esteve ligada a subsistência e cultura local. O autor destaca o risco de desaparecimento das práticas de pesca artesanal na ilha, mas também esperança na possibilidade de mudanças no cenário, já que a pesca é um fator social, e diante de cenários históricos e sociais, torna-se um desafio afirmar acontecimentos de forma previa.

A partir dessa problemática, esse estudo foi desenvolvido na comunidade quilombola de pescadores artesanais de Santiago do Iguape, localizada no recôncavo baiano. O objetivo foi compreender a atual situação do sistema de pesca artesanal na comunidade, sua história, a

manutenção da transmissão desses saberes, que são parte da identidade local, a contribuição das mulheres e o risco de exposição desses saberes à erosão biocultural.

REFERÊNCIAS

ABREU, J. S. D; BENEDITTO, A. P. M. D; MARTINS, A. S; ZAPPES, C. A. Pesca artesanal no município de Guarapari, estado do Espírito Santo: Uma abordagem sobre a percepção de pescadores que atuam na pesca de pequena escala. **Sociedade & Natureza**, v. 32, p. 56-71, 2022.

ÁLVAREZ GORDILLO, G. D. C; VERA CORTÉS, G; RAMOS MUÑOZ, D. E. Vulnerabilidad y patrimonio biocultural en Tacotalpa, Tabasco. **Política y cultura**, n. 45, p. 211-239, 2016.

ANDREOLI, C. V; ANDREOLI, F. D. N; PICCININI, C; SANCHES, A. D. L. **Biodiversidade: a importância da preservação ambiental para a manutenção da riqueza e equilíbrio dos ecossistemas**. Curitiba: Sistema Faep, 2014.

BARBOSA, L. P. Povos do campo, memória e patrimônio biocultural na defesa dos territórios da América Latina. In: OLIVEIRA, G. M. C.; VIEIRA, K. M. A. (orgs.). **Patrimônio, povos do campo e memórias: diálogos com a cultura, a arte e a educação**. Edufersa, Mossoró, RN, 2020, p. 107-122.

BOEGE, E. **Acerca del concepto de diversidad y patrimonio biocultural de los pueblos originarios y comunidad equiparable: construyendo territorios de vida con autonomía y libre determinación**. BUAP, INAH, 2021.

BOEGE, E; AINO, V; BOLANOS, M. A. **Etnografía del patrimonio biocultural de las regiones y territorios indígenas de México**. Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2023.

BRASIL. Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 jun. 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11959.htm. Acesso em: 12 jun. 2025

COSTA, R. D. S; MACHADO, C. B. Diversidade cultural e diferentes formas de habitar: a comunidade remanescente de quilombos de Santiago do Iguape, Bahia. SEMOC- **Semana de Mobilização Científica**, 2018.

COSTA, M. A; SILVA, L. P. Mudanças climáticas e patrimônio cultural de povos indígenas e comunidades tradicionais no Pantanal. **Patrimônio e Memória**, v. 17, n. 2, p. 103-123, 2021.

CIDREIRA-NETO, I. R. G.; RODRIGUES, G. G.; CANDEIAS, A. L. B. Pesca artesanal: identidade e representatividades da mulher na pesca artesanal. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 13, n. 42, p. 62-76, 2020.

CUNHA, M. C. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **Revista USP**, n. 75, p. 76-84, 2007.

CRUZ, A. P. B. da S. **“Viver do que se sabe fazer”**: memória do trabalho e cotidiano em Santiago do Iguape (1960-1990). Dissertação. Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

DIAS, G. S. **Alijados da terra**: (Des) territorialização e (Des) caminhos da comunidade quilombola de Santiago do Iguape, em Cachoeira, Ba. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017.

DOMINGUES, B. R. C; BARROS, F. B. A produção artesanal de brinquedo de miriti e suas transformações frente as exigências do mercado. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, 2015.

DEMGENSKI, P. Salvaguarda do patrimônio cultural imaterial na China contemporânea: entre sustentabilidade e mercantilização. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, v. 12, p. 113-123, 2021.

ELOY, C. C.; VIEIRA, D. M.; LUCENA, C. M. D.; ANDRADE, M. D. Apropriação e proteção dos conhecimentos tradicionais no Brasil: a conservação da biodiversidade e os direitos das populações tradicionais. **Gaia Scientia**, v. 8, n. 2, p. 189-198, 2014.

GENZ, F. **Avaliação dos efeitos da barragem Pedra do Cavalo sobre a circulação estuarina do rio Paraguaçu e Baía de Iguape**. Tese (Doutorado em Geologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

GELLIDA-ESQUINCA, C. A. *et al.* Un marco teórico-metodológico para el análisis biocultural de pesquerías artesanales. **Ciencia Pesquera**, v. 30, n. 1-2, p. 119-133, 2022.

GARCIA, S. A.; RAMÍREZ, A. M.; BOTELLO, F. Y. Promover el patrimonio biocultural y conocimiento tradicional ancestral desde la dimensión educativa. **Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v. 20, n. 1, p. 105-118, 2022.

HERREJÓN, M. V.; CANCINO, Y. A.; NAVA, M. M. El papel de los recursos pesqueros en el patrimonio biocultural y la alimentación en Ihuatzio, México. **Etnobiología**, v. 19, n. 2, p. 114-134, 2021.

IDO, V. H. P. **Conhecimentos tradicionais na economia global**. Dissertação (mestrado) Universidade de São Paulo, 2017.

LEWINSOHN, T.; PRADO, P. I. **Biodiversidade brasileira**: síntese do estado atual do conhecimento. Editora Contexto, 2002.

MACIEL, F.; MATTOS, P. Como pensar o capitalismo contemporâneo? Considerações preliminares. **Sociedade e Estado**, v. 35, p. 673-694, 2020.

MARENGA, M. Impacto da erosão nas bermas do rio malema: vila municipal de malema—Moçambique. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, v. 4, n. 5, p. e453159-e453159, 2023.

MANESCHY, M. C.; SIQUEIRA, D.; ÁLVARES, M. L. M. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, n. 3, p. 713-737, 2012.

MOREIRA, R. D. C. T.; COSTA, L. C. D. B.; COSTA, R. C. S.; ROCHA, E. A. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta Farmacêutica Bonaerense**, v. 21, n. 3, p. 205-211, 2002.

OVIES, D. H. Cogumelos psilocibinos como patrimônio biocultural e seu potencial para o desenvolvimento local na Serra Mazateca de Oaxaca. **Perspectiva Geográfica**, v. 26, n. 2, p. 37-53, 2021.

PINHO, R. A pesca artesanal na Baía Sul da Ilha de Santa Catarina: um patrimônio da cultura local. **Revista Confluências Culturais**, v. 5, n. 2, p. 9-28, 2016.

PASQUOTTO, V. F.; MIGUEL, L. de A. Pesca artesanal e enfoque sistêmico: uma atualização necessária. In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO, 6. **Anais...** Aracaju, 2004.

PAIVA, N. C. M.; BARROS, I. F. Impactos socioambientais nas comunidades da pesca artesanal do Nordeste brasileiro. **Cadernos de Agroecologia**, v. 19, n. 1, 2024.

PEREIRA, M. B. *et al.* Desafios na pesca artesanal: uma pesquisa em comunidades pesqueiras da região norte e noroeste do Rio de Janeiro. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 1, p. 221-238, 2024.

PRYSTHON, A. Oportunidades e desafios para a pesquisa pesqueira artesanal no Brasil: o caso da Embrapa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENGENHARIA DE PESCA, 22., 2023. **Anais...** Ipojuca, PE, 2023.

RODRIGUES JUNIOR, E. B. **A proteção internacional do patrimônio biocultural imaterial a partir da concepção de desenvolvimento sustentável**. 2009. Tese (Doutorado), Faculdade de Direito, Universidade São Paulo, São Paulo, 2009.

RIBEIRO, N.; NASCIMENTO, G. Guardiãs das tradições: mulheres da pesca em Arraial do Cabo - RJ. **Humanas Sociais & Aplicadas**, v. 10, n. 29, p. 20-33, 2020.

SANTOS, B. D. S. **Fórum Social Mundial: manual de uso**. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, M. O. S. D.; NEPOMUCENO, M. M.; GONÇALVES, J. E.; MEDEIROS, A. C. L. V.; MACHADO, R. M.; SANTOS, C. P. D. S.; GURGEL, I. G. D. Oil spill in Brazil: analysis of vulnerabilities and socio-environmental conflicts. **BioChem**, v. 2, p. 260-268. 2022.

SANTOS, M. O. S. D. *et al.* Vulnerabilidades socioambientais na pesca artesanal: desafios e conquistas para territórios saudáveis e sustentáveis em Pernambuco. **Saúde em Debate**, v. 48, n. spe1, p. e8718, 2024.

SOUZA, R. M. Das redes de pesca às tramas da sustentabilidade em comunidades haliêuticas. **Revista GeoNordeste**, v. 19, p. 163-177, 2008.

SOUZA, F. P.; FRANZ, J. Conhecimento tradicional e a cultura imaterial dos pescadores artesanais de São José do Norte/RS. **Mares: Revista de Geografia e Etnociências**, v. 4, n. 2, p. 99-110, 2022.

STRACHULSKI, J. Ciência e conhecimento tradicional: a (re) aproximação entre saberes. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, 2017. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2017/03/ciencia-saberes.html>. Acesso em: 26 jan 2025.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio ambientes**, v. 20, p. 31-45, 2009.

CAPÍTULO II

Pesca artesanal e patrimônio biocultural na Resex Extrativista Marinha Baía de Iguape, Bahia, Brasil

Santos, L. P. S.^{1*}; Souto, F. J. B.²; Braga, H. O.³; Costa Neto. E. M.²

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Evolução da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, Feira de Santana – Bahia.

²Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, Feira de Santana - Bahia, Brasil.

³Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA, Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

Autor para correspondência: Lucas.pacheeco19@hotmail.com

Resumo: O Patrimônio biocultural, além de integrar a identidade dos povos, possibilita o desenvolvimento de estratégias para salvaguardar os conhecimentos e tecnologias historicamente construídos. Dentre as atividades que integram o patrimônio biocultural, destaca-se a pesca artesanal, a qual está diretamente relacionada à segurança alimentar. Considerando a importância desta atividade para a comunidade quilombola de Santiago do Iguape, localizada no município de Cachoeira, Bahia, este trabalho teve como objetivo verificar, por meio de uma revisão bibliográfica, os estudos realizados na comunidade com relação às contribuições para a conservação e valorização do patrimônio pesqueiro local. A revisão foi realizada nas plataformas Google Acadêmico e SciELO, abrangendo o período de 1990 a 2024. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas para registrar a percepção da comunidade sobre a importância e os impactos dessas pesquisas. Foram encontrados 81 trabalhos, dos quais 15 atenderam aos critérios de inclusão: foco na comunidade, com tema centrado na pesca. A associação entre a revisão bibliográfica e perspectivaêmica da comunidade destaca a importância dos resultados das pesquisas para a valorização sociocultural e conservação dos recursos naturais, dos saberes e dos ecossistemas, além de contribuir para a formação de políticas públicas. Também se evidencia a necessidade de devolver esses resultados à comunidade, respondendo aos questionamentos que originaram a pesquisa e fortalecendo a formação social e política dos envolvidos.

Palavras-chave: Conhecimento tradicional; Pesquisa etnográfica; Compromisso ético; Vulnerabilidade; Memória Biocultural.

Abstract: Biocultural heritage, in addition to integrating the identity of peoples, enables the development of strategies to safeguard historically constructed knowledge and technologies. Among the activities that integrate biocultural heritage, artisanal fishing stands out, which is directly related to food security. Considering the importance of this activity for the quilombola community of Santiago do Iguape, located in the municipality of Cachoeira, Bahia, this work aimed to verify, through a bibliographic review, the studies carried out in the community regarding contributions to the conservation and valorization of the local fishing heritage. The review was carried out on the Google Scholar and SciELO platforms, covering the period from 1990 to 2024. Semi-structured interviews were also conducted to record the community's perception of the importance and impacts of this research. Eighty-one works were found, of which 15 met the inclusion criteria: focus on the community, with a theme centered on fishing. The association between the literature review and the emic perspective of the community highlights the importance of research results for the sociocultural appreciation and conservation of natural resources, knowledge and ecosystems, in addition to contributing to the formation of public policies. It also highlights the need to return these results to the community,

answering the questions that originated in the research and strengthening the social and political formation of those involved.

Keywords: Traditional knowledge; Ethnographic research; Ethical commitment; Vulnerability. Biocultural memory.

1. INTRODUÇÃO

Patrimônio O Patrimônio Biocultural (PB) compreende conhecimentos, inovações, tecnologias e práticas culturais historicamente construídas pelos povos (Maff, 2005; Otamendi-Urroz *et al.*, 2025). O conceito transcende a separação entre natureza e cultura, ressaltando sua interdependência e coevolução (Bridgewater & Rotherham, 2019). Nesse âmbito, Maff (2005), Maffi & Woodley (2010) e Toledo *et al.* (2019) incluem, além das dimensões biológica e cultural, a linguística e simbólica, como crenças e ideologias, conferindo ao PB valor não apenas econômico, mas também identitário (Souza & Franz, 2022).

A proteção legal ao PB encontra-se na Constituição Federal Brasileira de 1988 (arts. 215, 216 e 225), que assegura a preservação da biodiversidade, do patrimônio material e imaterial e dos modos de vida das comunidades tradicionais (Brasil, 1989). O tema ganhou relevância diante da superexploração e do manejo inadequado dos recursos naturais e dos ecossistemas, que afetam populações cuja subsistência depende historicamente de práticas extrativistas (Diegues, 2003; Bambrick, 2018; Hernandez, 2022).

Entre essas práticas, destaca-se a pesca artesanal, uma das mais antigas da humanidade e ainda crucial para a segurança alimentar (Diegues, 1999; Martins & Alvim, 2016). Essa centralidade da pesca artesanal mostra que o PB pesqueiro deve ser entendido não como a simples soma de elementos isolados, mas como uma relação de interdependência (Merçon *et al.*, 2019). Tal relação articula, de um lado, a diversidade biológica dos ecossistemas costeiros — como manguezais e estuários — e, de outro, o patrimônio cultural, que integra o conhecimento ancestral sobre os ciclos das marés, os períodos reprodutivos das espécies, as técnicas de coleta, a divisão de tarefas, os rituais religiosos e a transmissão oral dos saberes (Fajardo *et al.*, 2021; Zhao *et al.*, 2024). É justamente nessa articulação dinâmica que se estrutura o PB dessas comunidades (Álvarez Gordillo *et al.*, 2016).

Desenvolvida em áreas continentais e costeiras, a pesca artesanal envolve identidade, cultura e modos de vida, repletos de simbolismos que ultrapassam o âmbito econômico (Ribeiro *et al.*, 2020; Souza & Franz, 2022). Essa prática está geralmente associada a comunidades costeiras ou ribeirinhas e desempenha um papel fundamental na segurança alimentar, na geração de rendimentos e na preservação de saberes e práticas culturais locais (FAO, 2015; Oliveira *et al.*, 2025). No Brasil, o setor reúne mais de 1 milhão de pescadores artesanais

cadastrados no Regime Geral de Pescadores (FAO, 2024), responsáveis por aproximadamente 45% da produção pesqueira nacional e constituindo a principal fonte de subsistência das comunidades pesqueiras (MAPA, 2024).

A intrínseca relação entre patrimônio alimentar e cultural confere à pesca artesanal a condição de patrimônio biocultural, cuja preservação se mostra urgente em um cenário de progressiva degradação (Zarate Baca, 2022). Desse modo, compreender como as populações tradicionais interpretam e ressignificam suas práticas e formas de interação com a natureza é preponderante para que tais fundamentos sejam considerados no desenvolvimento de planos de manejo (Dawson *et al.*, 2021; Silva *et al.*, 2025). Nessa direção, o Plano Nacional de Pesca Artesanal (PNPA) prevê, entre 2025 e 2030, ações voltadas à valorização, ao reconhecimento e à ampliação de políticas públicas para os povos tradicionais (MAPA, 2024).

O estado da Bahia possui mais de 1.200 km de litoral, equivalente a 12% do litoral brasileiro, abrigando quatro importantes Reservas Extrativistas Marinhas (Resex): Corumbau, Canavieiras, Cassurubá e Baía de Iguape, onde deságua o rio Paraguaçu. Esta última é de grande relevância socioeconômica, com cerca de 30 comunidades e quase 5.000 famílias que dependem diretamente ou indiretamente dos recursos naturais (Portela, 2012; ICMBio, 2017). As Resex visam proteger os meios de vida e a cultura das populações extrativistas, assegurando o uso sustentável dos recursos naturais (Brasil, 2000), além de atuarem como barreiras contra impactos da expansão latifundiária, do desmatamento e da degradação ambiental (Silva, 2015; Lopes *et al.*, 2023).

No Vale do Iguape, em Cachoeira (BA), 17 comunidades quilombolas são legalmente reconhecidas, tendo a pesca artesanal como atividade central (Muricy, 2017; Araújo *et al.*, 2019). Entre elas, Santiago do Iguape se originou de estratégias de resistência de populações escravizadas, que consolidaram vínculos com a pesca artesanal (Reis, 1992; Machado, 2015; Carvalho & Fernandes, 2019). Diante desse cenário, este artigo teve como objetivo verificar, a partir dos estudos realizados sobre a pesca artesanal, associados à abordagem êmica (conhecimentos e percepções construídos pelos atores sociais da própria comunidade), quais as contribuições desses trabalhos na conservação do patrimônio biocultural relacionado à atividade de pesca na comunidade quilombola de Santiago do Iguape, Bahia, Brasil.

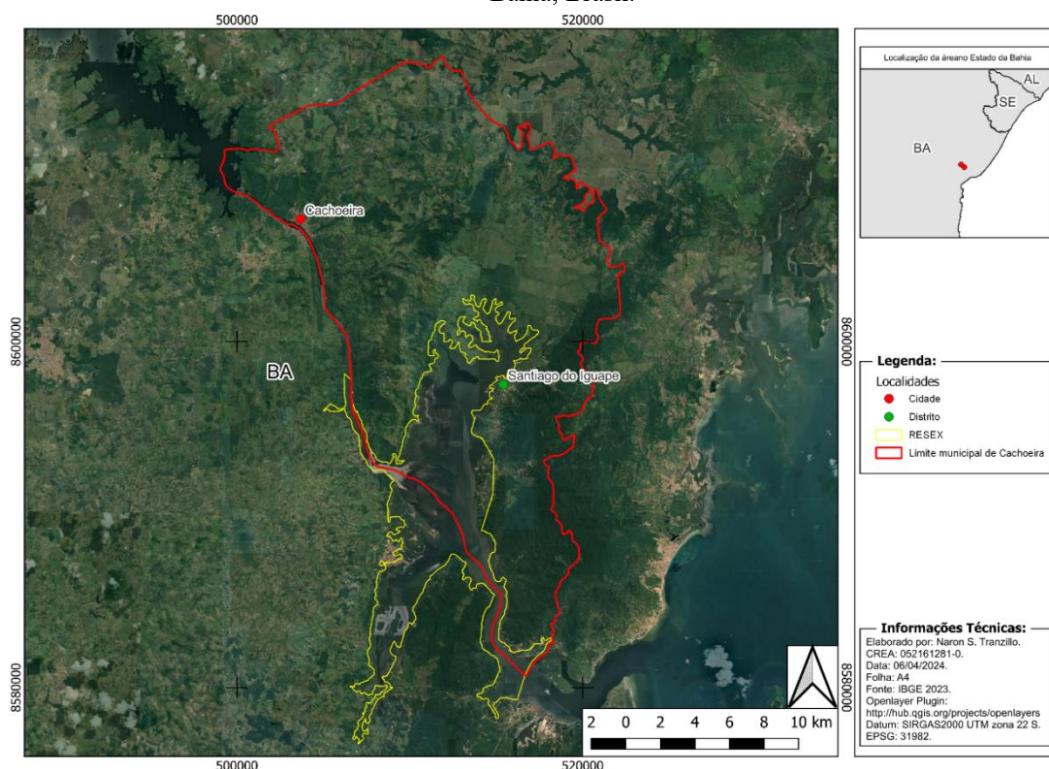
2. METODOLOGIA

2.1 Área de estudo

A comunidade quilombola de Santiago do Iguape está localizada a 40 quilômetros do perímetro urbano do seu município, Cachoeira, a aproximadamente 110 quilômetros da cidade

de Salvador, Bahia, Brasil (Figura 1). Desde os anos 2000, foi demarcada como uma comunidade inserida na margem leste da Resex, em uma área formada por remanescentes de Mata Atlântica, composta pelo estuário com áreas de manguezal (Silva & Scheer, 2009). A comunidade abriga aproximadamente 3.600 famílias, que têm sua subsistência, tradições e cultura vinculadas ao território e às práticas pesqueiras (Silva, 2024).

Figura 1. Localização da comunidade quilombola de Santiago do Iguape e da Resex Marinha Baía de Iguape, Bahia, Brasil.



Fonte: Tranzillo (2024).

Desde 1985, quando a Barragem Pedra do Cavalo foi construída, a comunidade passou a sofrer com as alterações ambientais que esse tipo de empreendimento gera nos ecossistemas aquáticos e costeiros devidos às alterações de salinidade e sedimentação, afetando as espécies e, consequentemente, as comunidades que extraem sua subsistência desses ambientes (Souza *et al.*, 2011; Figueroa *et al.*, 2022). Em 2005, a então barragem foi transformada em uma Usina Hidrelétrica, alterando as condições ambientais e afetando essas populações.

2.2 Coleta e análise dos dados

A revisão bibliográfica foi realizada nas plataformas Google Acadêmico e SciELO, utilizando os descritores: “Santiago do Iguape” AND “Pesca artesanal” e “Comunidade

quilombola de Santiago do Iguape, Cachoeira, BA” AND “Atividade pesqueira”. O recorte temporal compreendeu 34 anos (1990–2024), contemplando: (i) os anos iniciais da instalação da barragem até a sua transformação em Usina Hidrelétrica Pedra do Cavalo; (ii) a criação da Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape, em 2000; e (iii) o reconhecimento da comunidade pela Fundação Cultural Palmares, em 2007.

Após a seleção inicial por meio das palavras-chave, foram encontrados 81 textos, cujos resumos e metodologias foram integralmente lidos. Desse total, 66 foram descartados por não atenderem ao critério de inclusão: tratar especificamente da comunidade como foco de estudo, com ênfase nas atividades pesqueiras. Assim, o corpus final foi composto por 15 textos que abordaram a pesca de forma direta (por meio da coleta de dados na comunidade) e/ou indireta (ao discutir questões relacionadas à pesca a partir de outras fontes de dados). Esses estudos forneceram a base teórica para a análise e discussão desenvolvidas neste artigo.

Além da revisão bibliográfica, realizou-se pesquisa de campo entre maio e setembro de 2024, por meio de entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de compreender a percepção dos moradores sobre as devolutivas de pesquisas anteriores e suas contribuições para o fortalecimento da identidade, da segurança e da gestão comunitária, especialmente frente aos problemas ambientais que afetam a pesca, ameaçam os saberes locais e influenciam a participação das novas gerações (Guazi, 2021). No total, foram entrevistados 49 moradores (29 homens e 20 mulheres), todos envolvidos em atividades pesqueiras.

O acesso aos entrevistados ocorreu por meio da amostragem em rede, conhecida como bola de neve (*snow ball*), conforme descrito por Bailey (1994). Nesse procedimento, parte-se de um primeiro informante-chave, que indica novos participantes, formando uma cadeia de entrevistas sucessivas. A coleta prosseguiu até o ponto em que as indicações e informações começaram a se repetir com frequência, caracterizando o critério de saturação — quando novos participantes já não acrescentavam dados relevantes ao tema investigado e as indicações se repetem com frequência (Bockorni & Gomes, 2021; Hennink *et al.*, 2017; Naeem *et al.*, 2024). Foram considerados tanto a saturação de códigos, entendida como a ausência de novos temas, quanto a saturação de significado, que se refere ao aprofundamento e à riqueza interpretativa dos relatos (Hennink & Kaiser, 2022). Ao total foram entrevistados 49 pescadores e pescadoras, sendo 29 homens e 20 mulheres.

As entrevistas (Apêndice 1) foram gravadas e transcritas na íntegra. Os dados qualitativos foram tratados por meio da Análise Textual Discursiva (ATD), que permite a unitarização, categorização e organização dos relatos em metatextos interpretativos (Moraes & Galiuzzi, 2007). Essa técnica foi escolhida por possibilitar a emergência de categorias analíticas

a partir das falas, dando voz e visibilidade aos saberes vivenciados pelos pescadores e pescadoras. Já os dados quantitativos — referentes ao número de entrevistados que mencionaram determinado tema — foram sistematizados no software Excel, a fim de apoiar a análise qualitativa com informações numéricas de recorrência.

2.3 Aspectos éticos da pesquisa

A realização da pesquisa foi autorizada pelos representantes da comunidade mediante assinatura do Termo de Anuência e pelo representante da Colônia de Pescadores e Aquicultores Z-52. Posteriormente, foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UEFS, sob parecer nº 6.623.420. Cabia a cada participante da pesquisa aceitar ou não participar das entrevistas. Os participantes que aceitaram assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento que porta toda informação referente aos direitos e garantias previstas durante a pesquisa.

A pesquisa foi cadastrada na plataforma do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), via Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBIO; número 93992-1), responsável por autorizações de coleta e pesquisa de biodiversidade no Brasil, uma exigência para pesquisas realizadas em unidades de conservação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão identificou 81 estudos sobre a comunidade quilombola de Santiago do Iguape publicados entre 1990 e 2024, evidenciando aumento progressivo da produção acadêmica e amadurecimento das abordagens teóricas. Enquanto nos anos 1990 predominavam análises descritivas de caráter socioeconômico, os trabalhos mais recentes valorizam dimensões bioculturais, de gênero e de gestão territorial.

Observa-se, de maneira recorrente, ênfase na valorização dos saberes tradicionais e na relação entre comunidade, território e pesca artesanal. O corpus final de 15 estudos foi agrupado em cinco eixos temáticos que sintetizam as principais contribuições: impactos ambientais na pesca artesanal (4 estudos), saúde ocupacional (3), memória, saberes tradicionais e identidade cultural (3), conflitos territoriais e governança (2) e papel das mulheres na pesca artesanal (3) (Tabela 1).

Tabela 1. Trabalhos selecionados para a revisão bibliográfica.

Tipo de trabalho	Autores e ano	Título
Comunicação	Prost (2007)	Efeitos da barragem Pedra do Cavalo sobre a pesca artesanal na baía do Iguape.
Comunicação	Silva & Scheer (2009)	Troca de saberes (comunidades de Cachoeira/BA–academia): coesão social à co-gestão da Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape.
Comunicação	Prost & Cerqueira (2011)	Pesca artesanal em áreas protegidas: territórios conjugados.
Dissertação	Cruz (2014)	“Viver do que se sabe fazer”: memória do trabalho e cotidiano em Santiago do Iguape (1960-1990).
Comunicação	Costa & Machado (2018)	Diversidade cultural e diferentes formas de habitar: a comunidade remanescente de quilombos de Santiago do Iguape, Bahia.
Trabalho de conclusão de curso	Ferreira (2018)	Caracterização da comunidade quilombola pesqueira do município de Cachoeira: uma análise sobre aspectos sociodemográfico, saúde e trabalho, Bahia, Brasil.
Dissertação	Silva (2020)	Prevalência e fatores associados às queixas de pele sugestivas de dermatite de contato irritativa em pescadores e pescadoras artesanais de Santiago do Iguape, Cachoeira, Bahia, Brasil.
Trabalho de conclusão de curso	Costa (2020)	Impactos da Usina Hidrelétrica de Pedra do Cavalo e do acordo de gestão sobre os estoques de siris, economia e modos de vida das comunidades tradicionais da Resex Marinha Baía do Iguape, Recôncavo Baiano.
Tese	Müller (2021)	Prevalência de distúrbios musculoesqueléticos, fatores associados e perfil dos pescadores artesanais de comunidade tradicional da baía de Todos-Os-Santos, Bahia, Brasil.
Dissertação	Veloso Junior (2021)	O caso da coceira na baía do Iguape (Bahia, Brasil).
Tese	Muricy (2022)	Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape: espaço de disputas, conflitos e negociações.
Dissertação	Santos (2022)	Sofrimento psíquico entre pescadores e marisqueiras da Baía de Todos os Santos e Baía de Iguape/BA.
Tese	Souza (2023)	Dinâmica da paisagem costeira e os impactos da elevação do nível médio do mar na reserva extrativista marinha da baía do Iguape, no Recôncavo Baiano.
Artigo	Souto <i>et al.</i> (2023)	Só pra tu ver que não é mais rio... agora é mar!”.
Artigo	Santos <i>et al.</i> (2024)	Mulheres e a pesca artesanal na comunidade quilombola de Santiago do Iguape, Bahia: contribuições históricas e desafios atuais.

Fone: Elaboração própria.

A análise desses eixos revela que a pesca artesanal em Santiago do Iguape vai além da dimensão econômica, sendo componente central do patrimônio biocultural ao integrar saberes, práticas e relações sociais. Os diferentes temas refletem a interação entre fatores ambientais, socioeconômicos e culturais, permitindo compreender os desafios da sustentabilidade da atividade, as vulnerabilidades da comunidade e a necessidade de políticas públicas que articulem justiça ambiental, preservação cultural e gestão participativa dos recursos, que podem ser observados nos tópicos a seguir

3.1. Impactos ambientais na pesca artesanal

Os estudos convergem em demonstrar como grandes empreendimentos (hidrelétrica, polo naval e indústrias) transformaram profundamente a dinâmica da pesca artesanal na Baía do Iguape. Prost (2007), Prost & Cerqueira (2011) e Souto *et al.* (2023) evidenciam os impactos da Barragem Pedra do Cavalo e do Polo Naval sobre estoques pesqueiros e modos de vida. Costa (2020) mostra que a modernização de artes de pesca intensificou a exploração, enquanto Muricy (2022) discute as disputas geradas pela escassez de siris. Esses trabalhos revelam que as pressões ambientais e tecnológicas se articulam, produzindo vulnerabilidade socioeconômica e ameaçando o patrimônio biocultural local.

3.1.1 Saúde ocupacional

A saúde dos pescadores aparece como um reflexo direto da degradação ambiental e da precariedade laboral. Silva (2020) e Veloso Junior (2021) mostram como poluição e espécies invasoras comprometem a atividade, enquanto Müller (2021) e Santos (2022) apontam distúrbios musculoesqueléticos e sofrimento psíquico associados ao cotidiano da pesca. Em conjunto, esses estudos evidenciam que o trabalho pesqueiro deve ser analisado em interface com justiça ambiental, já que os impactos recaem de forma desproporcional sobre comunidades negras e tradicionais, reforçando processos de racismo ambiental e o quadro atual de injustiça climática.

3.1.2 Memória, saberes tradicionais e identidade cultural

Pesquisas como Cruz (2014) e Costa & Machado (2018) revelam a centralidade da memória e da oralidade na preservação do patrimônio biocultural, mesmo diante da perda de mestres e da substituição de técnicas tradicionais. Costa (2020) acrescenta que a introdução de novas tecnologias modificou práticas e intensificou pressões sobre os recursos, mas não apagou a força dos saberes locais. Nesse eixo, percebe-se que a resiliência comunitária não significa

ausência de vulnerabilidade, mas capacidade de reinventar práticas sem romper a continuidade cultural.

3.1.3 Conflitos territoriais e governança

Silva & Scheer (2009) e Muricy (2022) demonstram que a Resex é, ao mesmo tempo, espaço de proteção e de disputa. A cogestão representou avanço no reconhecimento de direitos, mas a implementação é tensionada por interesses econômicos externos e pela ausência de políticas que assegurem de fato a permanência das comunidades. Esse eixo revela a dimensão política da pesca artesanal, que extrapola a atividade produtiva e se inscreve na luta pelo território e pela cidadania.

3.1.4 Papel das mulheres na pesca artesanal

O protagonismo feminino, historicamente invisibilizado, emerge como um dos achados mais relevantes. Ferreira (2018) e Santos *et al.* (2024) mostram que as mulheres não apenas participam do desembarque e da comercialização, mas também atuam diretamente nas práticas pesqueiras e na transmissão intergeracional dos saberes. A dificuldade de acesso a direitos previdenciários evidencia desigualdades persistentes, mas os estudos apontam também para o papel estratégico das mulheres na sustentabilidade da pesca e na preservação cultural.

Em síntese, os estudos analisados indicam que Santiago do Iguape constitui um território vivo de produção de saberes bioculturais, nos quais práticas de pesca artesanal, papéis de gênero, rituais religiosos e redes de parentesco se entrelaçam. Ao mesmo tempo, persistem lacunas na articulação entre ciência, políticas públicas e comunidade, sobretudo no que diz respeito ao fortalecimento dos conhecimentos tradicionais e sua incorporação em estratégias de conservação. Por outro lado, alguns estudos chamam atenção para os desafios da transmissão cultural e do manejo sustentável.

3.2 Visãoêmica da comunidade sobre a contribuição das pesquisas na/para a comunidade

Long *et al.* (2017) e Almeida *et al.* (2018) discutem a necessidade de devolutivas consistentes das pesquisas às comunidades, ressaltando que a ausência desse retorno enfraquece a apropriação social do conhecimento produzido. Essa crítica ecoa nas falas locais, em que os pescadores e pescadoras relatam a recorrente dissociação entre ciência e cotidiano. Essas percepções são trazidas no item posterior.

3.2.1. Percepção sobre as pesquisas e devolutivas

A maior parte dos pescadores e pescadoras entrevistados (N= 47; 95,9%) reconhece a importância das pesquisas realizadas na comunidade, percebendo nelas potencial para melhorar práticas pesqueiras e a qualidade de vida. Uma participante (29 anos) afirmou: “As pesquisas são importantes para nos ajudar e nos colocar para seguir em frente. As pesquisas vão nos ajudar muito. É muito importante para nós todos que precisamos das marés”.

Entretanto, o retorno das pesquisas (devolutiva) é percebido como insuficiente. Muitos relatos indicam que os resultados não chegam à comunidade, limitando a aplicabilidade prática do conhecimento gerado: “A gente fala, fala, fala e eles não dizem nada pra gente. Coletam toda semana, mas a resposta, a gente não tem” (Homem, 36 anos). Os relatos continuam: “Nunca trouxe o resultado aqui, a gente nunca soube [...]” (Mulher, 52 anos).

Essas falhas na devolutiva confirmam observações de Rocha & Aguiar (2003) Long *et al.* (2017), Almeida *et al.* (2018) e Rocha *et al.* (2022), que ressaltam que o conhecimento científico precisa ser acessível e contínuo para efetivamente contribuir para a qualidade de vida das comunidades. Assim, apesar de reconhecerem a relevância das pesquisas, os moradores percebem lacunas éticas e práticas, evidenciando que a publicação em periódicos não garante impacto direto na realidade local.

O trabalho de Cruz (2014) exemplifica uma prática eficaz de devolutiva, que após registrar memórias e saberes da comunidade antes do falecimento de participantes, voltou e para contar-lhes sobre resultados encontrados, contribuindo para a preservação do patrimônio biocultural. Nóbrega *et al.* (2021) reforçam que a articulação entre pesquisa acadêmica e diálogo comunitário é essencial para subsidiar políticas públicas que valorizem saberes locais e promovam a sustentabilidade da pesca artesanal.

3.2.2. Conhecimentos ecológicos locais e impactos ambientais

Os relatos da comunidade demonstram profundo conhecimento ecológico local pescadoras observam redução de estoques e alterações nos manguezais, citando poluição, esgotos e mudanças no regime hídrico: “Sumiu sim, que de primeiro papai [...] hoje para as pessoas irem, chega lá, pega nada [...] ainda tem esse óleo que disse que tá destruindo a própria natureza. O esgoto, os esgotos também fazem isso” (Mulher, 60 anos); “Soltou muita água doce [...] a água quando vem mata as ostras, o sururu e quem fica prejudicado é a gente” (Homem, 54 anos).

Essas percepções corroboram estudos de Veloso Júnior (2021), Silva (2020) e Souto *et al.* (2023), que indicam que empreendimento como a Barragem Pedra do Cavalo e a poluição industrial afetam diretamente a subsistência, a biodiversidade e a saúde ocupacional da

comunidade. O confronto entre relatos êmicos e dados científicos evidencia convergência na percepção sobre a degradação ambiental, mas também aponta para dimensões não captadas totalmente pelos estudos acadêmicos, como impactos cumulativos e efeitos sobre práticas culturais e intergeracionais, que são enfraquecidas mediante as degradações ambientais.

3.2.3. Contribuição para preservação do patrimônio biocultural

Apesar da ausência de devolutiva efetiva em muitas pesquisas, os entrevistados reconhecem que estudos científicos ajudam a visibilizar injustiças socioambientais, documentar saberes tradicionais e valorizar o patrimônio biocultural. A preservação de memórias e práticas locais, como evidenciado por Cruz (2014), fortalece a identidade quilombola, a preservação do patrimônio biocultural pesqueiro e a gestão participativa da Resex e impulsiona a busca por direitos e melhores condições de vida.

Os dados indicam que o compromisso ético com a devolutiva não é apenas uma boa prática acadêmica, mas uma exigência para o fortalecimento da autonomia comunitária, da sustentabilidade ambiental e da preservação cultural, como discutem Almeida *et al.* (2018), Rocha & Aguiar (2003) e Nóbrega *et al.* (2021). Essa devolutiva precisa ser acessível, adaptada a realidade social da comunidade, e não apenas através de publicações em periódicos e revistas científicas. diálogos contínuos entre pesquisadores e comunidade se mostram essenciais para integrar saberes científicos e tradicionais, subsidiar políticas públicas, melhorar a gestão dos recursos pesqueiros e assegurar a continuidade da prática artesanal nas futuras gerações.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos estudos e das percepções da comunidade evidencia que a pesca artesanal em Santiago do Iguape é marcada por tensões entre continuidade e ruptura. A memória, a identidade cultural e o protagonismo feminino contribuem para a reprodução cultural e a preservação do patrimônio biocultural, enquanto os impactos ambientais, os conflitos territoriais e a precarização da saúde ameaçam a permanência dessa atividade.

Os resultados reforçam que políticas públicas eficazes devem integrar dimensões ambientais, culturais e de justiça social, reconhecendo a pesca artesanal não apenas como atividade econômica, mas como patrimônio biocultural essencial à sustentabilidade do Recôncavo Baiano. O reconhecimento legal de direitos, saberes e territórios é fundamental para a conservação ambiental e a proteção cultural, bem como para o fortalecimento da autonomia comunitária.

A devolutiva das pesquisas emerge como um elemento ético e estratégico, imprescindível para que o conhecimento produzido seja apropriado pela comunidade e contribua efetivamente para a gestão participativa dos recursos pesqueiros. O diálogo contínuo entre pesquisadores e moradores integra saberes científicos e ecológicos locais, subsidiando políticas públicas e promovendo práticas sustentáveis que garantam a continuidade da pesca artesanal para as futuras gerações.

A pesquisa evidencia que o compromisso ético com a devolutiva, aliado à valorização dos saberes locais, constitui um instrumento central de justiça ambiental e preservação do patrimônio biocultural, consolidando Santiago do Iguape como território vivo de conhecimento e práticas tradicionais.

5. AGRADECIMENTOS

Os autores expressam sua gratidão à comunidade quilombola de Santiago do Iguape pela colaboração e compartilhamento e construção conhecimentos durante a realização da pesquisa. Agradecem também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa cedida ao primeiro autor.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, U. R.; CÉSAR, J. M.; LUCIANO, L. D. S.; CARVALHO, P. H. A devolutiva como exercício ético-político do pesquisar. *Fractal: Revista de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 204-213, maio/ago. 2018. DOI: 10.22409/1984-0292/v30i2/5527.

ARAÚJO, M.; DI BLANDA, L.; MOLINU, M. **Mapeamento participativo das comunidades remanescentes de quilombo e dos conflitos ambientais do Vale do Iguape.** Cruz das Almas-BA: Mufrb, 2019. Disponível em: https://ufrb.edu.br/proexc/images/Mapeamento_Participativo_Vale_do_Iguape_Araujo_et_al_2019_UFRB.pdf. Acesso: 10 jul. 2025.

BAILEY, K. *Methods of social research*. 4. ed. New York: The Free Press, 1994.

BAMBRICK, H. Resource extractivism, health and climate change in small islands.

International Journal of Climate Change Strategies and Management, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 272-288, 2018. DOI: 10.1108/IJCCSM-03-2017-0068.

BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, [Umuarama, PR], v. 22, n. 1, p. 105-117, jan./abr. 2021. DOI: 10.25110/receu.v22i1.8346.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [1988]. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 27 jun. 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009**. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca. Brasília, DF: Presidência da República, [2009]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/lei/11959.htm. Acesso em: 12 jun. 2025.

BRIDGEWATER, P.; ROTHERHAM, I. D. A critical perspective on the concept of biocultural diversity and its emerging role in nature and heritage conservation. **People and nature**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 291-304, 2019. DOI: 10.1002/pan3.10040.

CARVALHO, A. P. C.; FERNANDES, M. B. O negro no Recôncavo da Bahia: reflexões sobre construções identitárias, retóricas de etnicidade, raça e cultura. **Ilha - Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 7-34, maio/ago. 2019. DOI: 10.5007/2175-8034.2019v21n2p7.

Costa, R. D. S.; Machado, C. B. Diversidade cultural e diferentes formas de habitar: a comunidade remanescente de quilombos de Santiago do Iguape, Bahia. In: *Anais da 21ª Semana de Mobilização Científica: alteridade, direitos fundamentais e educação*. Salvador, 2018. Disponível em: <https://ri.ucsal.br/bitstreams/e7e5154b-6bb1-44c9-8e3a-4ad860a14b2f/download>. Acesso em: 10 jul. 2025.

COSTA, M. V. P. **Impactos da Usina Hidrelétrica de Pedra do Cavalo e do acordo de gestão sobre os estoques de siris, economia e modos de vida das comunidades tradicionais da Resex Marinha Baía do Iguape, Recôncavo Baiano**. 2020. [88 f.] Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Ambiental) – Universidade Católica do Salvador (UCSAL), Salvador, 2020.

CRUZ, A. P. B. S. **“Viver do que se sabe fazer”: memória do trabalho e cotidiano em Santiago do Iguape (1960-1990)**. 2014. [150 f.] Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, 2014.

DAWSON, N. M. et al. The role of Indigenous peoples and local communities in effective and equitable conservation. **Ecology and society**, [S. l.], v. 26, n. 3, 19, 2021. DOI: 10.5751/ES-12625-260319.

DIEGUES, A. C. S. A sócio-anthropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. **Revista Etnográfica**, Lisboa, v. 3, n. 2, p. 361-375, 1999. Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N2/Vol_iii_N2_361-376.pdf. Acesso em: 12 mar. 2024.

DIEGUES, A. C. S. **Sociedades e comunidades sustentáveis**. São Paulo: USP/Nupaub, 2003.

FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura). **Pesca artesanal e desenvolvimento sustentável**. Roma: FAO, 2015. Disponível em: <https://openknowledge.fao.org/server/api/core/bitstreams/da75610f-fea4-4c66-bbeb-67c0dce76195/content>. Acesso em: 8 jun. 2025.

FAJARDO, P.; BEAUCHESNE, D.; CARBAJAL-LÓPEZ, A.; DAIGLE, R. M.; FIERRO-ARCOS, L. D.; GOLDSMIT, J.; CHRISTOFOLETTI, R. A. Aichi Target 18 beyond 2020: mainstreaming Traditional Biodiversity Knowledge in the conservation and sustainable use of marine and coastal ecosystems. **PeerJ**, [S. l.], v. 9, e9616, 2021. DOI: 10.7717/peerj.9616.

FERREIRA, M. D. C. **Caracterização da comunidade quilombola pesqueira do município de Cachoeira: uma análise sobre aspectos sociodemográfico, saúde e trabalho, Bahia, Brasil**. 2018. [60 f.] Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2018.

FIGUEROA, S. M.; SON, M.; LEE, G. H. Effect of estuarine dam location and discharge interval on estuarine hydrodynamics, sediment dynamics, and morphodynamics. **Frontiers in Marine Science**, [S. l.], v. 9, 1035501, 2022. DOI: 10.3389/fmars.2022.1035501.

GUAZI, T. S. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, [S. l.], v. 2, p. 1-20, 2021. DOI: 10.18227/2675-3294repi.v2i0.7131.

HENNINK, M. M.; KAISER, B. N.; MARCONI, V. C. Code saturation versus meaning saturation: how many interviews are enough?. **Qualitative health research**, [S. l.], v. 27, n. 4, p. 591-608, 2017. DOI: 10.1177/1049732316665344.

HERNANDEZ, A. R. C. Memória biocultural: cultura(s)-natureza(s) na contramão do Capitaloceno. **Tramas y Redes**, [S. l.], v. 3, p. 25-49, 2022. DOI: 10.54871/cl4c301a.

CMBIO (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). **Reserva Extrativista Baía do Iguape**. [Brasília, DF], 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/marinho/lista-de-ucs/resex-marinha-da-baia-do-iguape>. Acesso em: 15 dez. 2024.

LONG, C. R.; STEWART, M. K.; MCELFISH, P. A. Health research participants are not receiving research results: a collaborative solution is needed. **Trials**, [S. l.], v. 18, n. 1, 449, 2017. DOI: 10.1186/s13063-017-2200-4.

LOPES, R. V. P.; GARRO, F. L. T.; LEITE, J. C. Reservas extrativistas na Amazônia brasileira: dilema entre a saúde ambiental e o bem-estar das populações tradicionais. **Revista Ibero-Americana De Ciências Ambientais**, [S. l.], v. 13, n. 9, p. 165-180, 2022. DOI: 10.6008/CBPC2179-6858.2022.009.0014.

MAFFI, L. Linguistic, cultural, and biological diversity. **Annual Review of Anthropology**, [S. l.], v. 34, p. 599-617, 2005. DOI: 10.1146/annurev.anthro.34.081804.120437.

MAFFI, L.; WOODLEY, E. **Biocultural diversity conservation: a global sourcebook**. Washington, USA: Earthscan, 2010.

MACHADO, M. F. **Lutas e resistências nas “terras de preto”: o caso de Santiago do Iguape**. 2015. [120 f.] Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2015.

MARTINS, M. L. S.; ALVIM, R. G. Perspectivas do trabalho feminino na pesca artesanal: particularidades da comunidade Ilha do Beto, Sergipe, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 11, n. 2, p. 379-390, maio/ago. 2016. DOI: 10.1590/1981.81222016000200003.

MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). **Plano Nacional de Desenvolvimento da Pesca Sustentável: estratégias para a gestão de conflitos de interesse na pesca brasileira**. Brasília, DF: O Ministério, 2024. Disponível em: <https://brasilparticipativo.presidencia.gov.br/processes/PNPA>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MERÇON, J.; VETTER, S.; TENGÖ, M.; COCKS, M.; BALVANERA, P.; ROSELL, J. A.; AYALA-OROZCO, B. From local landscapes to international policy: Contributions of the biocultural paradigm to global sustainability. **Global Sustainability**, [S. l.], v. 2, e7, p. 1-11, 2019. DOI: 10.1017/sus.2019.4. Moraes, R.; d Carmo Galiazzi, M. *Análise textual: discursiva*. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

MURICY, I. V. T. Reserva Marinha Extrativista Baía de Iguape: entre os discursos ambientais, identitários e desenvolvimentistas. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA, 31., 2017, Montevideo. **Anais** [recurso eletrônico]. [S. l.]: ALAS, 2017. p. 232. Disponível em: <https://cdsa.aacademica.org/000-018/232.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2024.

MURICY, I. T. **Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape: espaço de disputas, conflitos e negociações**. 2022. [250 f.] Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2022.

MÜLLER, J. S. **Prevalência de distúrbios musculoesqueléticos, fatores associados e perfil dos pescadores artesanais de Comunidade Tradicional da Baía de Todos-Os-Santos, Bahia, Brasil**. 2021. [200 f.] Tese (Doutorado em Saúde) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2021.

NAEEM, M.; OZUEM, W.; HOWELL, K.; RANFAGNI, S. Demystification and actualisation of data saturation in qualitative research through thematic analysis. **International Journal of Qualitative Methods**, [S. l.], v. 23, e16094069241229777, 2024. DOI: 10.1177/16094069241229777.

NÓBREGA, D. N.; MONTEIRO, B. E. F.; LIMEIRA, M. C. A.; DE MELO, A. L. T. M.; NUNES, D. M.; SILVA, R. A. F.; CARVALHO, R. D. C. X. Estudos de etnozootologia realizados nas comunidades pesqueiras no Nordeste do Brasil: revisão sistemática. **Revista Brasileira de Meio Ambiente**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 146-164, 2021. Disponível em: <https://zenodo.org/records/5703362>. Acesso em: 10 jan. 2025.

OLIVEIRA, T. R. A.; JESUS, C. J.; ALMEIDA, G. L.; JESUS, R. A.; ANDRADE, J. D. S.; OLIVEIRA, I. C. S.; JESUS, C. N. A. (In) sustentabilidade da pesca artesanal no Baixo São Francisco: percepções e conflitos socioambientais. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 11, n. 2, e78008, 2025. DOI: 10.34117/bjdv11n2-082.

OTAMENDI-URROZ, I.; QUINTAS-ORIANO, C.; HANSPACH, J.; REQUENA-MULLOR, J. M.; LAGIES, A. O.; CASTRO, A. J. Exploring biocultural diversity: A

systematic analysis and refined classification to inform decisions on conservation and sustainability. **Ambio**, [S. l.], v. 54, n. 4, p. 499-516, 2025. DOI: 10.1007/s13280-025-02168-y.

PORTELA, R. **Pescadores na Bahia do século XIX**. 2012. [100 f.] Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2012.

PROST, C. Efeitos da barragem da Pedra do Cavalo sobre a pesca artesanal na Baía do Iguape. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E BARRAGENS, 2., 2007, Salvador. **Anais** [recurso eletrônico]. [S. l.]: [s. n.], 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317318661_Efeitos_da_barragem_da_Pedra_do_Cavalo_sobre_a_pesca_artesanal_na_baia_do_Iguape. Acesso em: 10 jun. 2025.

PROST, C.; CERQUEIRA, I. L. S. Pesca artesanal em áreas protegidas: territórios conjugados. In: SIMPÓSIO NACIONAL E SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 6., 2011, Belém. **Anais eletrônicos**. [S. l.]: [s. n.], 2011. Disponível em: https://costeiros.ufba.br/sites/costeiros.ufba.br/files/prost_cerqueira_10_iv.singa_.pdf. Acesso em: 10 jun. 2025.

RIBEIRO, E. M.; PAIVA, S. V.; LUCAS, C. C.; VILLACICENCIO, C. B.; SOARES, M. O. Unidades de Conservação costeiras e marinhas no Brasil. In: **Geografia Marinha: oceanos e costas na perspectiva de geógrafos**. Rio de Janeiro: PGGM, 2020. p. 402-437. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/345744072_Unidades_de_conservacao_costeiras_e_marinhas_no_Brasil. Acesso em: jan. 2025.

REIS, J. J. Recôncavo rebelde: revoltas escravas nos engenhos baianos. **Revista Afro-Ásia**, Salvador, v. 15, p. 100-127, 1992. Disponível em: https://memoriareconcavo.unilab.edu.br/wp-content/uploads/tainacan-items/2178/2236/afroasia_n15_p100.pdf. Acesso em: dez. 2024.

ROCHA, M. L. D.; AGUIAR, K. F. D. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 23, n. 4, p. 64-73, 2003. DOI: 10.1590/S1414-98932003000400010.

ROCHA, M. H. S.; SILVA, C. H. F.; DELLAZZANA-ZANON, L. L. Devolutiva de resultados: compromisso ético-político em pesquisa com seres humanos. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 219-235, 2022. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/pretextos/article/view/26081>. Acesso em: jul. 2025.

SANTOS, M. C. F. D. **Sufrimento psíquico entre pescadores e marisqueiras da Baía de Todos os Santos e Baía de Iguape/BA**. 2022. [150 f.] Dissertação (Mestrado em Saúde, Ambiente e Trabalho) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2022.

SANTOS, L. S. P.; SOUTO, F. J. B.; KOCH, E. B. A.; COSTA-NETO, E. M. Mulheres e a pesca artesanal na comunidade quilombola de Santiago do Iguape, Bahia: contribuições históricas e desafios atuais. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, [S. l.], v. 18, n. 10, p. 1-22, 2024. DOI: 10.24857/rgsa.v18n10-223.

SILVA, R. M. D.; SCHEER, M. A. P. D. S. Troca de saberes (comunidades de Cachoeira/BA – academia): coesão social à co-gestão da reserva extrativista marinha Baía do Iguape. In: SEMANA DE MOBILIZAÇÃO CIENTÍFICA, 12., 2009, Salvador. **Anais** [recurso eletrônico]. [S. l.]: [s. n.], 2009. Disponível em:

<https://ri.ucs.br/server/api/core/bitstreams/203f678c-46c7-46ce-858c-b1b741a75d1d/content>. Acesso em: 17 jan. 2025.

SILVA, S. A. A sobreposição de territórios: a indústria naval no Quilombo Enseada do Paraguaçu em Maragogipe/BA. **Revista de Direito da Cidade**, [Rio de Janeiro], v. 7, n. 2, p. 484-517, 2015. DOI: 10.12957/rdc.2015.16959.

SILVA, D. T. D. **Prevalência e fatores associados às queixas de pele sugestivas de dermatite de contato irritativa em pescadores e pescadoras artesanais de Santiago do Iguape, Cachoeira, Bahia, Brasil**. 2020. [150 f.] Dissertação (Mestrado em Saúde, Ambiente e Trabalho) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2020.

SILVA, L. Diálogos de saberes e práticas sobre saúde tradicional na comunidade quilombola de Santiago do Iguape, Cachoeira–BA. **Cadernos de Agroecologia**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 1-6, 2024. Disponível em: <https://cadernos.abagroecologia.org.br/cadernos/article/view/9065/6715>. Acesso em: 15 jul. 2025.

SILVA, E. C.; GUERRERO-MORENO, M. A.; OLIVEIRA, F. A.; JUEN, L.; DE CARVALHO, F. G.; BARBOSA OLIVEIRA-JUNIOR, J. M. The importance of traditional communities in biodiversity conservation. **Biodiversity and Conservation**, [S. l.], v. 34, n. 2, p. 685-714, 2025. DOI: 10.1007/s10531-024-02999-3.

SOUTO, F. J. B.; MARTINS, V.; GALVAGNE-LOSS, A. T. “Só pra tu ver que não é mais rio... agora é mar!”. **Navigator**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 37, p. 106-120, 2023. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/view/3766>. Acesso em: 12 jul. 2025.

SOUZA, W. F.; MEDEIROS, P. R.; BRANDINI, N.; KNOPPERS, B. Impactos de barragens sobre os fluxos de materiais na interface continente-oceano. **Revista Virtual de Química**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 116-128, 2011. DOI: 10.5935/1984-6835.20110016.

SOUZA, F. P.; FRANZ, J. C. Conhecimento tradicional e a cultura imaterial dos pescadores artesanais de São José do Norte/RS. **Revista Mares**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 99-110, 2022. Disponível em: <https://revistamares.com.br/index.php/files/article/view/201/199>. Acesso em: 15 jul. 2025.

SOUZA, I. S. **Dinâmica da paisagem costeira e os impactos da elevação do nível médio do mar na reserva extrativista marinha da baía do Iguape, no Recôncavo Baiano**. 2023. [200 f.] Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju, 2023.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N.; BOEGE, E. ¿Qué es la diversidad biocultural?. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2019. Disponível em: <https://www.aacademica.org/eckart.boege/29>. Acesso em: 15 jul. 2025.

VELOSO JUNIOR, V. C. **O caso da coceira na baía do Iguape (Bahia, Brasil)**. 2021. [200 f.] Tese (Doutorado em Ecologia) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2021.

ZARATE BACA, E. Patrimonio biocultural alimentario y sus contribuciones a la sostenibilidad y resiliencia territorial. **Antropología: Cuadernos de Investigación**, [S. l.], v. 26, p. 75-83, 2022. DOI: 10.26807/ant.vi26.286.

ZHAO, Y.; HAN, Z.; ZHANG, C.; WANG, Y.; ZHONG, J.; GAO, M. Coastal cultural ecosystem services: A bridge between the natural ecosystem and social ecosystem for sustainable development. **Land**, [S. l.], v. 13, n. 9, e1352, 2024. DOI: 10.3390/land13091352.

CAPÍTULO III

Artisanal Fishing in a Quilombola Community in Recôncavo Baiano, Brazil: Impacts, Challenges, and Future Perspectives

Pesca artesanal em uma comunidade quilombola no Recôncavo Baiano, Brasil: impactos, desafios e perspectivas futuras

Autores

Santos, L. P. Silva¹; Koach, E. A.; Souto, F. J.B²; Costa-Neto, M²;

Lucas.pacheeco19@hotmail.com; eraldont@gmail.com²; heitorob@gmail.com^{2,3},

franze.uefs@gmail.com²

¹Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ecologia e Evolução da Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS

²Departamento de Ciências Biológicas, Universidade estadual de Feira de Santana-UEFS

Abstract

Artisanal fishing is a vital source of income for traditional communities along the Brazilian coast; however, environmental degradation has reduced fishery resources and rendered working conditions unfeasible in some areas, leading to a diminished interest among younger generations in maintaining this tradition. This study examines fishing practices in the quilombola community of Santiago do Iguape, located in the Recôncavo Baiano, with a focus on the current state of the activity and the challenges it faces, based on an ethicist-emicist approach. The results indicate that the expansion of large enterprises, chemical waste contamination, and overall ecosystem degradation have exacerbated the situation. Although 75% of young people have some experience with fishing, many do not intend to pursue the profession due to economic insecurity, unhealthy working conditions, and resource scarcity. Despite the community's rich sociocultural heritage, there is a significant risk of losing traditional knowledge transmission. Therefore, it is essential to secure rights and governmental protection to improve both the economic and environmental conditions and to encourage the continuity of artisanal fishing.

Keywords: Traditional communities; Sustainability; Biocultural heritage; Biocultural erosion; participatory management.

Resumo

A pesca artesanal é uma fonte vital de renda para comunidades tradicionais na costa brasileira, mas a degradação ambiental tem reduzido os recursos pesqueiros e tornado as condições de trabalho inviáveis em algumas localidades, o que acentua o desinteresse das novas gerações em manter essa tradição. Este estudo analisa a pesca na comunidade quilombola de Santiago do Iguape, no Recôncavo Baiano, focando no estado atual da atividade e nos desafios enfrentados, a partir de uma abordagem eticista-emicista. Os resultados indicam que grandes empreendimentos, contaminação por resíduos químicos e degradação do ecossistema têm agravado a situação. Embora 75% dos jovens tenham experiência em alguma modalidade de pesca, muitos não pretendem seguir na profissão devido à insegurança econômica, às condições insalubres de trabalho e a escassez de recursos. Apesar de a comunidade possuir um rico patrimônio sociocultural, há riscos de perdas na transmissão desse conhecimento. Portanto, é essencial garantir direitos e proteção governamental para melhorar a situação econômica e ambiental, além incentivar a continuidade da pesca artesanal.

Palavras-chave: Comunidades tradicionais; Sustentabilidade. Patrimônio Biocultural. Erosão biocultural. Gestão Participativa.

1. INTRODUCTION

Artisanal fishing is a fundamental activity for supplying fishing resources to global markets (Basurto et al., 2025). This fishing sector is the third-largest food production system in the world. In 2020, global marine production reached 90 million tons; of this amount, artisanal fisheries are estimated to account for approximately 60% (FAO, 2022). Approximately 90% of individuals engaged in global fishing activities are associated with small-scale fisheries, which account for over half of the world's total catches (FAO, 2022; Zeller et al., 2023).

These figures highlight the social, economic, and productive significance of artisanal fishing on a global scale (Basurto et al., 2025). However, despite its relevance, this sector faces numerous challenges, including predatory fishing practices, a decline in the number of active fishers, environmental degradation in coastal areas, port infrastructure expansion, real estate speculation, and structural limitations such as low levels of education, income, scientific data, and management (Tidd et al., 2022).

In Brazil, according to data from the Ministry of Integration and Regional Development (Prysthon, 2021), there are around 1 million registered artisanal fishers. Brazilian artisanal fishing has deep historical roots dating back to the pre-colonial period and is maintained primarily by traditional peoples and communities (Diegues, 2006). In the Northeast region, several communities depend on this activity for their subsistence, demonstrating not only its importance for food security but also its critical role in preserving fishing territories and reinforcing a profound cultural identity with the environment (Pauly and Zeller, 2016; Cinner et al., 2018).

Artisanal fishing activities are regulated by Law No. 11.959/2009, which establishes the National Policy for the Sustainable Development of Aquaculture and defines, in Article 8, this fishing modality as one “practiced directly by a professional fisherman, either autonomously or under a family-based economic system, using their own means of production or under a partnership agreement, with the catch landed and potentially employing small-scale vessels” (Brasil, 2009).

Various particularities such as social, political, and religious factors shape the uniqueness of each fishing community (Prysthon et al., 2025). Nonetheless, some key characteristics of this fishing model can be emphasized, such as the use of small vessels, self-sufficient production methods, small-scale capture for subsistence and local trade, and the transmission of traditional knowledge through lived experience and oral communication (Mesquita and Isaac-Nahum, 2015).

In the Iguape Valley, within the Recôncavo Baiano, there are approximately 16 traditional communities legally recognized as remnants of quilombos, which engage in artisanal fishing within the Marine Extractive Reserve of the Bay of Iguape. In this region, artisanal fishing, agriculture, and handicrafts are the primary sources of income and subsistence for local populations (Araújo et al., 2019). One of these communities is Santiago do Iguape, where artisanal fishing has developed extensively, becoming the main source of financial and food resources – especially after the abolition of slavery, the decline in tobacco production, sugarcane, and palm oil cultivation, and the cessation of cargo operations at the ports of Cachoeira district and city. Moreover, this activity has become deeply intertwined with the community's cultural identity (Araújo et al., 2019).

The coastal zone where Santiago do Iguape is located is characterized by the predominance of Atlantic Forest formations, with particular emphasis on mangrove ecosystems. These environments support high faunal diversity and provide essential ecosystem services for human well-being and the subsistence of local communities, including climate regulation, protection against flooding and coastal erosion, carbon sequestration and storage, food resource provision, and biodiversity conservation (Owuor et al., 2024). However, mangroves face various threats, including environmental degradation, pollution, salinity fluctuations, sedimentation, sea level changes, and broader climate change – factors that compromise the availability of fish, crustaceans, and mollusks, as well as human sustainability and the livelihoods of local communities (Akram et al., 2023).

The scarcity of resources and the loss of suitable fishing areas represent ongoing challenges that further increase the vulnerability of communities dependent on this activity (Lira et al., 2021; Abreu et al., 2024). This situation contributes to a declining interest in artisanal fishing and, consequently, to interruptions in the intergenerational transmission of traditional fishing knowledge (Dias et al., 2023).

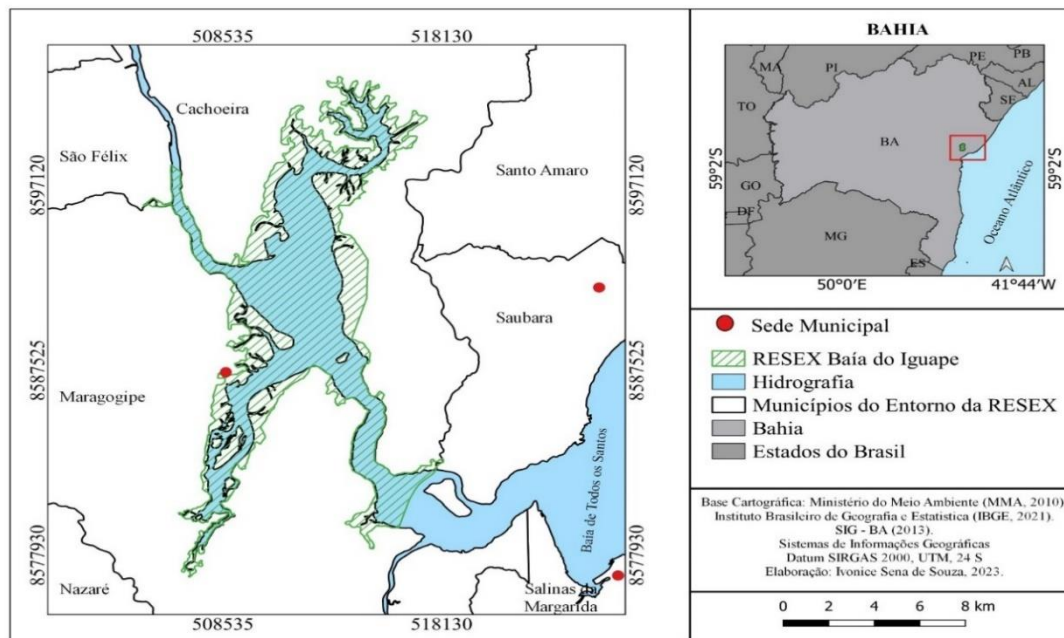
Given this context, several questions arise: What is the current state of the fishing system in the community of Santiago do Iguape, and what does its future hold? Which factors does the community identify as key drivers of these challenges? What is the level of interest among young people in pursuing artisanal fishing? Is this practice truly at risk of biocultural erosion? The present study analyzes the main challenges faced by local fishermen and discusses pathways to mitigate the impacts threatening both artisanal fishing and traditional knowledge.

2.METHODOLOGY

2.1. Study Area

The traditional quilombo community of Santiago do Iguape is located in the Iguape Valley, approximately 40 km from the urban area of Cachoeira in the Recôncavo region of Bahia, and 110 km from Salvador, at a latitude of 12°41'00"S and a longitude of 38°51'38"W. Situated within the Atlantic Forest biome, Santiago do Iguape is part of the Marine Extractive Reserve of the Bay of Iguape, established on August 11, 2000, and legally ratified by Law No. 12.058 on October 13, 2009. The reserve covers an area of 10,082.45 hectares, encompassing the municipalities of Cachoeira, São Félix, and Maragogipe (Figure 1), and aims to protect local populations while promoting the sustainable use of resources and territories (ICMBio, 2024).

Figure 1. Geographic location of the Baía de Iguape Marine Extractive Reserve, Bahia, Brazil.



Source: Souza et al. (2022).

2.2 Data collection

Data collection commenced after the project was approved by the Committee of Ethics in Research with Human Beings (CEP) of the State University of Feira de Santana (Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS), N° 6.623.420, and following registration and approval on the Chico Mendes Institute (ICMBio) platform through the Biodiversity Authorization and Information System (SISBio). Data were obtained via semi-structured interviews with adult men and women, employing a non-probabilistic snowball sampling

technique, in which one participant recommends one or more individuals deemed knowledgeable on the subject (Bailey, 1994).

The study was initially presented to the community leader and the president of the fishermen and aquaculturists' colony of Cachoeira – Z52 – to secure their consent. During data collection, participating community members signed the Free and Informed Consent Form (TCLE). The semi-structured interviews were conducted between May and August 2024, and field observations were carried out until December of the same year to monitor the embarkation and disembarkation activities performed by the fishermen. The interviews were recorded and transcribed as faithfully as possible to the respondents' original speech. These data are archived at the Laboratory of Ethnobiology and Ethnoecology (LETNO) at UEFS to ensure compliance with the guarantees stipulated in the project and the TCLE.

To engage younger community members who were not identified through the interviews, an online questionnaire was administered via Google Forms platform. This questionnaire aimed to capture their interest in fishing activities and their perceptions of the estuarine ecosystem through both objective and open-ended questions regarding species, professional interest, environmental issues, and other relevant topics. Participation criteria were: (i) being 18 years of age or older, and (ii) residing in the community.

2.3. Data Analysis

The data were structured and systematized to facilitate a qualitative analysis of the dimensions of cosmos (cosmovision), corpus (knowledge), praxis (the practical application of that knowledge), eekos (understanding of natural resources, the interrelationships and connections among organisms, and the sustainable use of these resources), and consensus (local agreements regarding environmental/resource management) as expressed in the interview narratives (Gellida-Esquinca et al., 2022). Statistical data were generated using Excel and Google Forms platform based on the administered questionnaire.

3.RESULTS AND DISCUSSION

A total of 104 community residents (ages 18–79 years) were interviewed. Of these, 49 individuals (59.18%, $n = 29$ male; 40.82%, $n = 20$ female) participated in in-person field interviews. An additional 56 respondents completed an online questionnaire to capture non-referenced members of the community. The 49 participants contacted via snowball sampling

demonstrated comprehensive knowledge of fishing tools, gear, and techniques commonly used in local fisheries (Table 1).

Table 1 – Local Ecological Knowledge (LEK) on fishing techniques, tools employed in resource capture, safety measures for fishers, and harvested fishery resources.

Tools used for resource extraction	Local names	Translation to English
Protective equipment	Faca	Knife
	Facão	Machete
	Pedaços de madeira	Pieces of wood
	Calça	Pants
	Luvas	Gloves
	Sapatos	Shoes
Trawl nets	Calão de terra	Land “calão”
	Rede grande	Large net
	Redinha	Little net
	Redota	Medium-sized fishing net
Active collection nets and gear	Sauneira	Specific net for collecting saúna (fish)
	Jeréré	cone net trap
	Linha	Line
Passive collection nets and gear	Arraieiro	Specific net for collecting arraia (fish)
	Camarãozeira	Specific net for collecting shrimp
	Gaiola	Cage
	Musuá	traditional fish trap
	Paruzeira	Specific net for collecting paru (fish)
	Tainheira	Specific net for collecting tainha (fish)

Concerning fishing techniques, trawl nets (*redinha*, *rede grande*, and *redota*) were historically utilized by the community for decades, though the number of operational trawl nets has significantly declined. Respondents reported that over 35 trawl nets were once active in the community, distributed as 20 *redinhas* (requiring 3–4 fishers per operation), eight *redes grandes* (12 fishers per net), and seven *redotas* (7–8 fishers per net). Currently, only

one *redota* remains operational, one *rede grande* is under repair, and just four *redinhas* were documented during fieldwork.

Viana *et al.* (2021) highlight that trawl nets exhibit low selectivity, capturing non-target species (bycatch) due to inadequate mesh selectivity. The impacts caused by this fishing method led to alterations in sedimentation, a reduction of organic carbon in the sediment, and consequently, drastic declines in benthic fauna biodiversity, as evidenced by Sala *et al.* (2021).

Given the prolonged, intensive use of trawl nets in the region, compounded by pollution and environmental degradation, these factors likely contributed to declining fish and crustacean stocks in the estuary, as their impacts manifest cumulatively. Participant observations during vessel departures and arrivals at Porto da Igreja and Porto da Coroa revealed low yields across all six monitored fishing trips. While seasonal productivity fluctuations are common in fisheries, as noted in community accounts, their severity has escalated in recent years, exacerbating sectoral instability. This trend disproportionately impacts communities historically marginalized by environmental racism, further entrenching socioeconomic precarity. Notably, fishers often returned home after 8+ hours of effort with minimal catches: small quantities of fish from *redinha* operations (Figure 2a) or shrimp from *camarãozeira* trawling (Figure 2b), underscoring the sector's growing insecurity.

Figure 2 – (a) Return of fishing activities using *redinha* (small trawl net) and (b) *camarãozeira* (shrimp trawl net).



Source: Santos, L. P. S

Regarding resource scarcity in the community's estuary, 94% of respondents identified the construction of the Pedra do Cavalo Dam—completed in 1985 and now operational as a

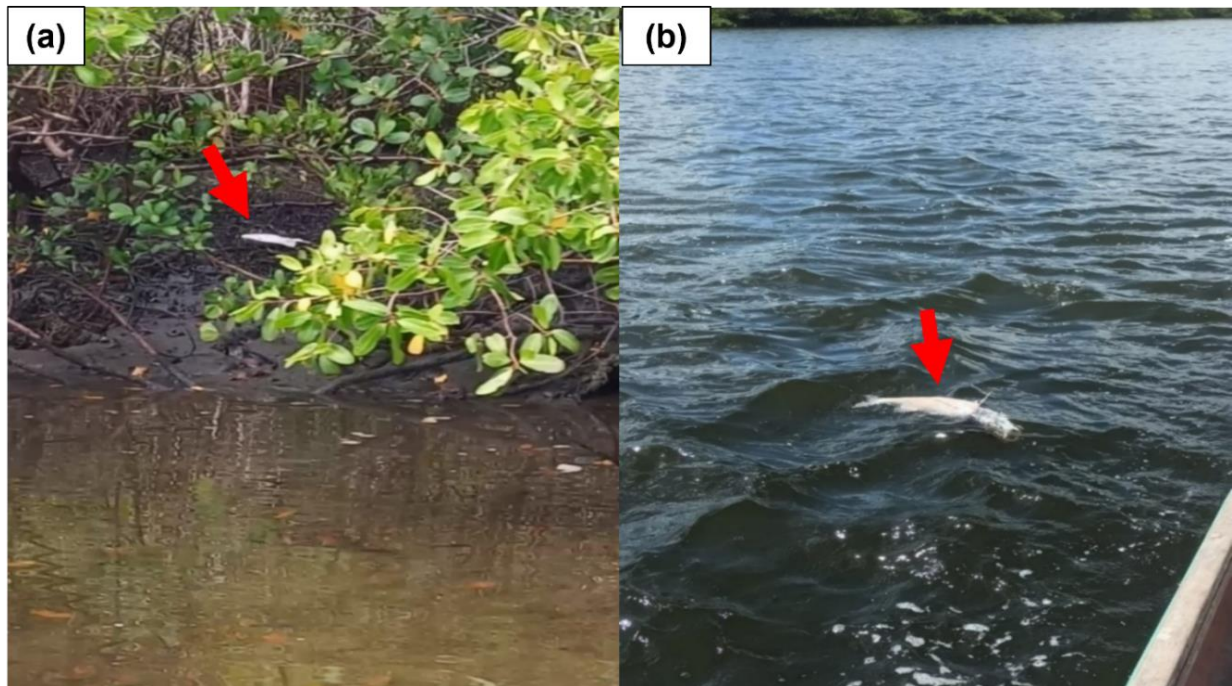
hydroelectric plant—as a driver of long-term socioenvironmental impacts. Similar findings on fishers’ perceptions of dam-induced fishery declines are discussed by Runde et al. (2020), who highlight the extensive socioecological vulnerabilities caused by dam developments in tropical rivers, particularly in relation to the availability of fish and the resilience of local communities. These effects persist to the present day, as articulated by one interviewee (Bel, Code 19, 44 years old):

“After the hydroelectric plant, our fisheries collapsed—no more goliath grouper (*Epinephelus itajara*), no more Atlantic goliath grouper (*Epinephelus quinquefasciatus*). Before the dam, when freshwater was released, the fisheries thrived; when the freshwater stopped and salinity rose, the shellfish buyers couldn’t keep up. I’m telling you—I’ve fished since I was nine, and I remember. Now, freshwater releases do nothing. Even the oysters and mussels are dying. Pollution is rampant, but no one investigates it thoroughly.”

Interviewees additionally cited multiple factors impacting local biodiversity: (1) Industrial contamination from tannery effluent discharged by the Mastroto Corporation; (2) Irregular sewage leaks from the Bahia Basic Sanitation Company (EMBASA); (3) Pruritogenic agents in sediment (reported as “itchy mud”); (4) Non-selective 18-mm mesh nets for shrimp harvesting; and (5) Illegal blast fishing (use of explosives), a practice causing cascading ecosystem damage.

Blast fishing was a particularly sensitive topic, with few respondents willing to discuss it openly; most comments were shared informally after recording ended. One interviewee (R, Code 21, 64 years old) noted: “The bombs are destroying us here; the 18-mm nets are wiping out the juvenile shrimp.” The impacts caused by bombs (dynamite) are addressed by Katikiro and Mahenge (2016) and Hampton-Smith et al. (2021), who corroborate their devastating effects on the biodiversity of aquatic ecosystems. During fieldwork, audible detonations and decomposing fish carcasses were observed in estuarine waters and mangroves (Figures 3a, 3b), directly evidencing biodiversity erosion caused by this practice.

Figure 3 – (a) Decomposing fish carcass in mangrove vegetation; (b) fish carcass floating in estuarine waters due to blast fishing.



Source: Santos, L. P. S.

The use of predatory fishing techniques, including the deployment of nets with excessively small mesh sizes (18, 20 and 25 mm), has been recognized as ineffective in protecting juvenile fish and harmful to the maintenance of ecosystem balance, as extensively documented by Pauly and Zeller (2016). Blast fishing, reported during interviews, is classified as an environmental crime under Brazilian Law No. 9.605/98 (Brasil, 1998) and poses severe threats to biodiversity. These destructive practices have contributed to significant declines in fish stocks and have disrupted the dynamics of estuarine ichthyofauna (Sudarmo et al., 2025). Clark (2022) further emphasizes that such methods jeopardize coastal ecosystem sustainability and exacerbate vulnerabilities in historically marginalized fishing communities, compounded by systemic inequities under capitalist and governmental frameworks.

Socioeconomic factors also influence community engagement in fishing. A shift from collective trawl net fishing (requiring 4–12 fishers per vessel) to individual *camarãozeira* (shrimp trawl) operations creates a misleading perception of increased participation due to higher canoe visibility. However, this trend reflects the near disappearance of trawl nets, with many fishers transitioning to solitary practices, retiring, or leaving the sector entirely. As one interviewee noted (Code 09, 44 years):

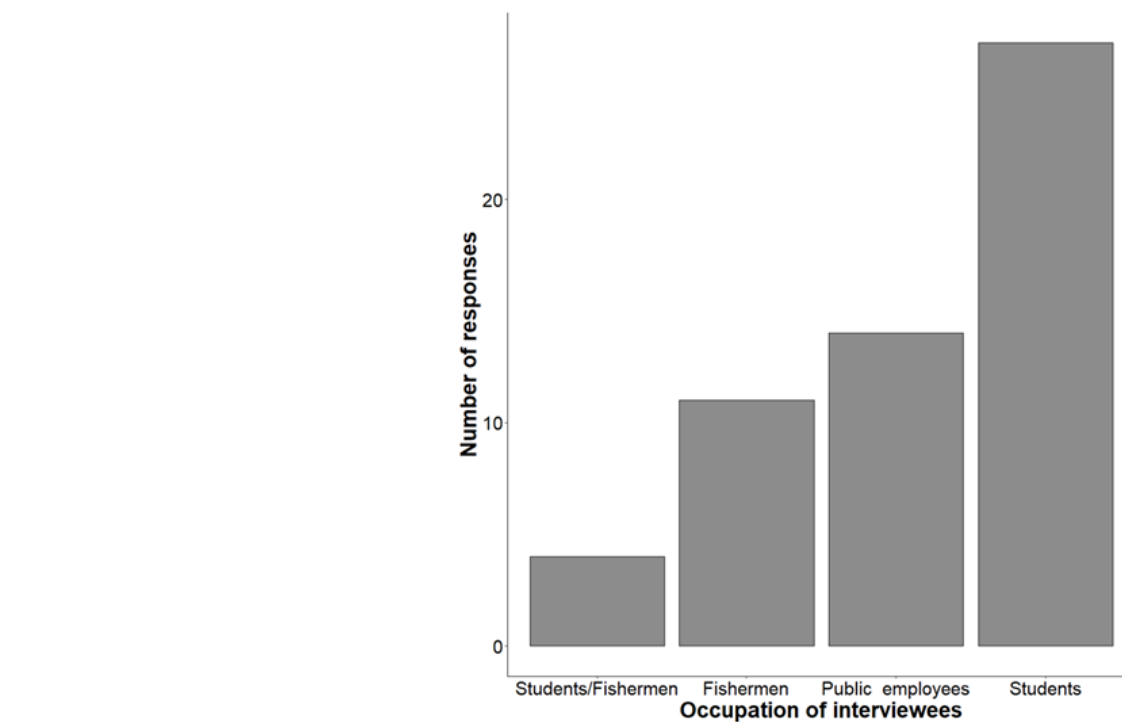
“Years ago, my father told me there were many fishers. Now, few engage in *redinha* [small trawl] fishing. Shrimp trawlers have increased [...] but overall participation has plummeted. Today, more women than men work in fisheries.”

Youth participation in fishing remains critically low, a pattern consistent with findings by Pauly (2018), who highlights that artisanal fisheries worldwide face minimal generational renewal due to environmental degradation, economic insecurity, and health risks associated with marine pollution—which discourage younger individuals from entering or remaining in the sector, while complicating the retention of aging fishers.

The survey data (n=56) revealed a predominantly young demographic profile, with 48.21% (n=27) of participants aged 30–40, followed by 28.57% (n=16) aged 18–25 and 23.21% (n=13) aged 25–30. The majority (85.5%, n=47) were children of fishers, while 14.5% (n=9) had no family ties to the sector. Regarding knowledge transmission, 56% (n=30) learned the activity from their parents, 22.6% (n=12) from peers, and 20.7% (n=11) from extended family. Despite strong cultural heritage, 91.1% (n=51) reported only sporadic involvement in fishing. These results highlight a critical disconnect between cultural heritage preservation and sustained engagement of younger generations, suggesting that socioeconomic and environmental pressures may be marginalizing traditional practices, even among groups with strong ancestral ties to the sector.

Regarding the current occupational activities of young individuals, 19.64% (11) identify themselves as active fishers, while 48.21% (27) are students. The remaining participants are distributed among public servants (14; 25%), with 7.1% describing themselves as both students and fishers (Figure 4). These findings align with field observations that highlight the limited participation of young people in fishing activities. However, this does not negate their knowledge or occasional involvement in fishing, although it also does not ensure the full continuity of the skills and practices required for this activity, which demands immersion and consistency.

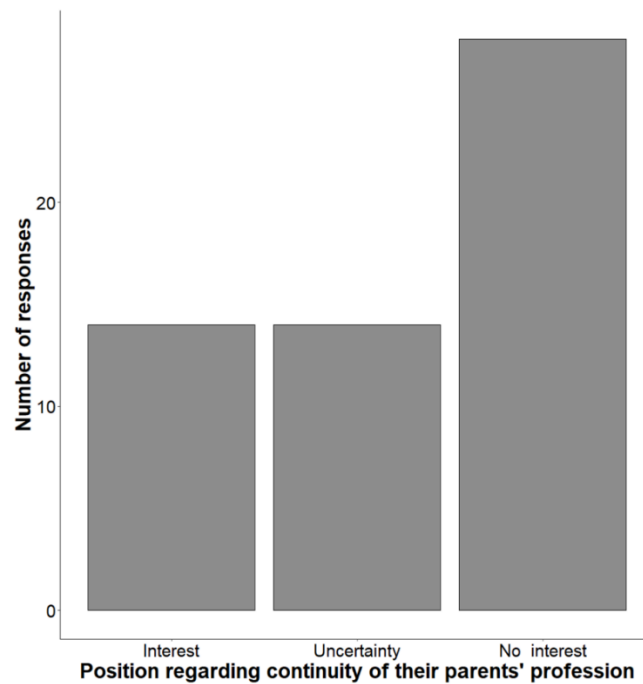
Figure 4 – Responses obtained about the occupation of the interviewees.



Despite this discrepancy, 67% (37) of the online questionnaire respondents identify as fishers. This phenomenon can be understood based on the notion that the identity of "fisher" is strongly associated with a sense of belonging to the territory and the local community, as discussed by Leite et al. (2023). In their study with Caiçara fishers in southeastern Brazil, the authors demonstrate that this identity is socially constructed through relationships established both in work and community interactions. This hybrid identity reinforces the "sense of community" and positions fishing as a central element in the perception of social well-being. This feeling of belonging, in turn, plays a crucial role in strengthening awareness about the sustainable use and protection of territories, although it does not, by itself, ensure the intergenerational continuity of fishing practices.

In relation to the continuity of their parents' profession, 50% (28) of the young respondents stated that they have no interest in pursuing a career as fishers, while 25% (14) expressed uncertainty, indicating that they might consider it, and the remaining 25% (14) expressed a desire to follow this career path (Figure 5). The predominance of disinterest and uncertainty among young people can be partly attributed to the schooling process. As observed by Berkes (2009), when formal education systems fail to incorporate traditional fishing knowledge, they risk alienating younger generations, weakening socio-cultural ties to artisanal practices.

Figure 5 – Responses obtained from interviewees about the position regarding continuity of their parents' profession.



Furthermore, the lack of familial encouragement emerges as a determining factor. Many fishers hope their children will pursue higher education or technical courses due to the economic instability and insecurity associated with the fishing sector. Another relevant aspect is the influence of globalization, which promotes financial and social success as life goals. This phenomenon contributes to the disinterest in artisanal fishing, as its economic returns do not meet the aspirations of many young people (Suh and Nyiawung, 2023).

In addressing the final objective of this research – biocultural erosion – it is directly linked to the loss of socially developed knowledge within populations, encompassing both material goods – such as tools and artifacts used in fishing and intangible knowledge, including cultural practices, sustainable resource management techniques, and other forms of knowledge transmitted across generations, as well as biodiversity itself (Lindholm and Ekblom, 2019). This loss of traditional knowledge, especially regarding culturally significant species, undermines the capacity of communities to sustainably manage and conserve their natural resources (Reyes-García et al., 2023).

Biocultural erosion refers to the gradual process of loss or transformation of a community's knowledge, cultural practices, and ecological understanding, often driven by environmental, social, or economic changes (Lindholm and Ekblom, 2019). The loss of such knowledge undermines the community's ability to interact sustainably with its environment, directly affecting biodiversity conservation and natural resource management (Díaz et al., 2019;

Sinthumule, 2023). This process is slow and continuous, which makes it difficult to detect, especially due to the scarcity of empirical evidence in literature, particularly regarding knowledge related to artisanal fishing. Furthermore, the preservation of traditional knowledge is essential for socioecological conservation, as demonstrated in studies that emphasize incremental learning and community adaptation to environmental change (Turner and Berkes, 2006; Sinthumule, 2023).

Artisanal fishing, exemplified by the Xávega model in Portugal – which has distinct operational characteristics – is currently facing significant risks of decline due to the decreasing participation of younger generations. Traditionally maintained by older fishers, this activity faces challenges that have led to a notable shift of labor towards alternative economic sectors such as tourism (Pascual-Fernández et al., 2019).

In Brazil, the aging demographic of fishing communities represents a critical threat to the transmission of local ecological knowledge, which is essential for the sustainable management of estuarine ecosystems. This situation is exacerbated by insufficient governmental support to ensure the economic security of fishers, along with the detrimental impacts of coastal environmental degradation and contamination, especially from chemical pollutants like petroleum and its derivatives that collectively contribute to the disengagement of youth from artisanal fishing. Consequently, young people often seek more stable socioeconomic opportunities, raising concerns about the continuity of artisanal fishing practices and the conservation of traditional knowledge and associated biodiversity (Suh and Nyiawung, 2023).

Young people often witness their parents suffering from chronic pain and a range of health issues linked to prolonged engagement in fishing activities, inadequate nutrition, and hazardous working conditions. These factors contribute to both physical and emotional exhaustion, ultimately threatening the continuity of artisanal fisheries and the intergenerational transmission of traditional ecological knowledge. Occupational health risks of this nature have been documented in studies such as Laraqui *et al.* (2024), which reported a high prevalence (61.9%) of musculoskeletal disorders among artisanal fishers particularly affecting the upper limbs and lower back and established significant correlations with extended working hours and poor ergonomic conditions. Furthermore, Turner (2024) highlights the cumulative health risks faced by small-scale fishers globally and their broader social implications for community sustainability.

These elements drive younger generations away from an activity that is integral to the culture, economy, and identity of their communities. Although fishers themselves point out that

it is unlikely for the practice to disappear entirely, the progressive reduction in youth participation is inevitable. Consequently, there may be fragmentation in the transmission of local fishing knowledge, with risks of complete interruption and subsequent biocultural erosion of this knowledge. Older individuals who still engage in the activity are beginning to experience physical limitations that lead them to retire from fishing. Biocultural memory, a fundamental mechanism for preserving and transmitting knowledge, is also at risk of being forgotten as active participation in artisanal fishing declines.

4. FINAL CONSIDERATIONS

Artisanal fishing in Santiago do Iguape is a fundamental socio-cultural pillar, shaping local identity and ensuring both food security and economic stability for the community. Despite the extensive traditional ecological knowledge (TEK) accumulated over generations, factors such as pollution and overfishing compromise residents' health, social rights, and the sustainability of the estuarine ecosystem. The disruption in the intergenerational transmission of this knowledge makes it imperative to implement educational programs in schools and associations, as well as to improve working conditions and offer more attractive remuneration to engage youth and preserve this biocultural heritage.

In terms of territorial management, although community participation already exists, it is essential to strengthen shared decision-making processes and expand oversight by governmental bodies and responsible agencies. The consolidation of the Extractive Reserve (Resex), associations, and social groups appears promising for environmental conservation but requires more effective enforcement. Finally, in-depth studies on biocultural erosion are recommended to understand their impacts on traditional knowledge and develop mitigation strategies that ensure the continuity of fishing practices and the ecological balance of the territory.

5. REFERENCES

- ARAUJO, M; DI BLANDA, L; MARTINA, M. Mapeamento participativo das comunidades remanescentes de quilombos e conflitos ambientais do Vale do Iguape, Recôncavo da Bahia. **Revista Extensão**, v. 23, [s.l., s.d.]. Disponível em: [Mapeamento Participativo Vale do Iguape Araujo et al 2019 UFRB.pdf](#).
- ABREU, J. S; CÔRTEZ, L. H. D, O; ZAPPES, C. A., 2024. Critical points concerning artisanal fishing: an analysis from the perspective of artisanal fishers in Southeastern Brazil. *Sociedade & Natureza*, v. 36, e71106. <https://doi.org/10.14393/SN-v36-2024-71106>.

AKRAM, H; HUSSAIN, S.; MAZUMDAR, P.; CHUA, K. O.; BUTT, T. E.; HARIKRISHNA, J. A. Mangrove health: a review of functions, threats, and challenges associated with mangrove management practices. **Forests**, Basel, v. 14, n. 9, p. 1698, set. 2023. DOI: 10.3390/f14091698.

BERKES, F. Community conserved areas: policy issues in historic and contemporary context. **Conservation Letters**, v. 2, n. 1, p. 20-25, fev. 2009. DOI: 10.1111/j.1755-263X.2008.00040.x.

BERKES, Fikret. **Sacred ecology**. 3. ed. New York: Routledge, 2012.

BASURTO, X; GUTIERREZ, N. L.; FRANZ, N.; MANCHA-CISNEROS, M. D. M.; GORELLI, G.; AGUIÓN, A.; THILSTED, S. H. Illuminating the multidimensional contributions of small-scale fisheries. **Nature**, v. 637, n. 637, p. 875-884, jan. 2025. DOI: 10.1038/s41586-024-08448-z.

BRASIL. Lei n. 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 fev. 1998

BRASIL. Lei n. 11.959, de 29 de junho de 2009. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 jun. 2009.

BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. Produção de pescado aumenta 25% nos últimos oito anos. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.mpa.gov.br>. Acesso em: 21 mar. 2024.

CINNER, J. E.; MAUNSEL, J. L.; MADIN, E. M. P.; MCGUIGAN, K. C.; CORNWALL, C. E.; CUMMINS, V.; DALTON, T. M.; HERBST, D. B.; SCHWARZ, A.-M.; WILLIAMS, I. D. Building adaptive capacity to climate change in tropical coastal communities. **Nature Climate Change**, v. 8, n. 2, p. 117-123, fev. 2018. DOI: 10.1038/nclimate3250.

CHUENPAGDEE, R; JENTOFT, S. ¹ Transdisciplinarity for small-scale fisheries governance. In: JENTOFT, Svein et al. (ed.). **Blue Justice: Small-Scale Fisheries in a Sustainable Ocean Economy**. Cham: Springer International Publishing, 2019. p. 321-340. (MARE Publication Series, v. 21). DOI: 10.1007/978-3-030-30380-8_17.

CLARK, T. P. Racial capitalism and the sea: development and change in Black maritime labour, and what it means for fisheries and a blue economy. **Fish and Fisheries**, v. 23, n. 3, p. 648-662, maio 2022. DOI: 10.1111/faf.12639.

DIEGUES, Antonio Carlos. Artisanal fisheries in Brazil. International Collective in Support of Fishworkers (ICSF), 2006. Disponível em: <https://www.icsf.net/>. Acesso em: 21 mar. 2024.

DÍAZ, S; SETTELE, J; BRONDÍZIO, E. S.; NGO, H. T.; GUÈZE, M.; AGARD, J.; ZAYAS, C. N. Pervasive human-driven decline of life on Earth points to the need for transformative change. **Science**, v. 366, n. 6471, p. eaax3100, dez. 2019. DOI: 10.1126/science.aax3100.

DIAS, Alice C. E.; ARMITAGE, Derek; NAYAK, Prateep K.; AKINTOLA, S. L.; ARIZI, E. K.; CHUENPAGDEE, Ratana; DAS, B. K.; DIBA, S. A.; GHOSH, R.; ISAACS, M.; ISLAM, G. M. N.; KANE, A.; LI, Y.; MANASE, M. M.; MBAYE, A. A.; ONYANGO, P.;

PATTANAIAK, S.; SALL, A.; SUSILOWATI, I.; ABROKWAH, S.; FERREIRA, H. M.; REUSS-STENZEL, G. M.; SCHIAVETTI, Andrea; ALVES, J. A. Local ecological knowledge of the artisanal fishers on *Xiphopenaeus kroyeri* (Teleostei: Penaeidae) on Ilhéus coast—Bahia State, Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 10, p. 1-15, 2022. DOI: 10.1186/1746-4269-10-51.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). **The state of world fisheries and aquaculture. Towards blue transformation**. Rome: FAO, 2022. DOI: 10.4060/cc0461en..

GELLIDA-ESQUINCA, C. A.; RIVERA-VELÁZQUEZ, G.; LÓPEZ-RASGADO, F. J.; REYES-ESCUA, F. J. Un marco teórico-metodológico para el análisis biocultural de pesquerías artesanales. **Ciencia Pesquera**, v. 30, n. 1-2, p. 119-133, jan./jun. 2022.

Disponível em:

https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/809802/Ciencia_pesquera_30_-_1_y_2.pdf.

Acesso em: 15 nov. 2025.

HAMPTON-SMITH, M.; BOWER, D. S.; MIKA, S. A review of the current global status of blast fishing: causes, implications and solutions. **Biological Conservation**, v. 262, p. 109307, out. 2021. DOI: 10.1016/j.biocon.2021.109307.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBIO). Resex Marinha da Baía de Iguape. Brasília, 2024. Disponível em:

<https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/marinho/lista-de-ucs/resex-marinha-da-baia-do-iguape>. Acesso em: 15 mar. 2024..

KATIKIRO, R. E.; MAHENGE, J. J. Fishers' perceptions of the recurrence of dynamite-fishing practices on the coast of Tanzania. **Frontiers in Marine Science**, v. 3, p. 233, dez. 2016. DOI: 10.3389/fmars.2016.00233.

KAUFFMAN, J. B.; ADAME, M. F.; ARIFANTI, V. B.; SCHILE-BEERS, L. M.; BERNARDINO, Â. F.; BHOMIA, R. K.; DONATO, D. C.; FELLER, I. C.; FERREIRA, T. O.; GARCÍA, M. C. Jesus; MACKENZIE, R. A.; MEGONIGAL, J. P.; MURDIYARSO, D.; SIMPSON, L.; HERNÁNDEZ TREJO, H. Total ecosystem carbon stocks of mangroves across broad global environmental and physical gradients. **Ecological Monographs**, v. 90, n. 2, p. e01405, maio 2020. DOI: 10.1002/ecm.1405.

LARAQUI, O.; ROLAND-LÉVY, C.; GHAILAN, T.; EL BOURI, H.; MANAR, N.; DESCHAMPS, F.; EL HOSSINE LARAQUI, C. Musculoskeletal disorders of fishermen in the artisanal and coastal sector. **International Maritime Health**, v. 75, n. 1, p. 1-9, jan./mar. 2024. DOI: 10.5603/imh.98470.

LEITE, Mirella C. F.; J, D. S.; ROSS, Helen; SEIXAS, Cristina S. Social wellbeing, values, and identity among Caiçara small-scale fishers in southeastern Brazil. **Maritime Studies**, v. 22, n. 3, p. 36, set. 2023. DOI: 10.1007/s40152-023-00322-4.

LINDHOLM, K.-J.; EKBLOM, A. A framework for exploring and managing biocultural heritage. **Anthropocene**, v. 25, p. 100195, mar. 2019. DOI: 10.1016/j.ancene.2019.100195.

LIRA, A. S.; LUCENA-FREDOU, F; LE LOC'H, François. How the fishing effort control and environmental changes affect the sustainability of a tropical shrimp small scale fishery. **Fisheries Research**, v. 235, p. 105824, mar. 2021. DOI: 10.1016/j.fishres.2020.105824.

MESQUITA, E. M. C.; ISAAC-NAHUM, V. J. Traditional knowledge and artisanal fishing technology on the Xingu River in Pará, Brazil. **Brazilian Journal of Biology**, v. 5, n. 3, supl. 1, p. 138-157, ago. 2015. DOI: 10.1590/1519-6984.01314BM.

OWUOR, Maureen; SANTOS, Tatiane M.; OTIENO, P.; MAZZUCO, Adriele C. A.; IHEATURU, C.; BERNARDINO, Â. F. Flow of mangrove ecosystem services to coastal communities in the Brazilian Amazon. **Frontiers in Environmental Science**, v. 12, p. 1329006, jan. 2024. DOI: 10.3389/fenvs.2024.1329006.

PAULY, D; ZELLER, D. Catch reconstructions reveal that global marine fisheries catches are higher than reported and declining. **Nature Communications**, v. 7, n. 1, p. 10244, jan. 2016. DOI: 10.1038/ncomms10244.

PAULY, D. The future of artisanal fishing. **Science**, v. 360, n. 6385, p. 161, abr. 2018. DOI: 10.1126/science.aas9431.

PASCUAL-FERNÁNDEZ, J. J.; PITA, C; JOSUPEIT, H.; SAID, A.; GARCIA RODRIGUES, J. Markets, distribution, and value chains in small-scale fisheries: A special focus on Europe. ¹ In: CHUENPAGDEE, Ratana; JENTOFT, Svein (ed.). **Transdisciplinarity for Small-Scale Fisheries Governance**. Cham: Springer, 2019. p. 141-162. DOI: 10.1007/978-3-319-94938-3_8.

PRYSTHON, Andréa. Revisitando a pesca artesanal na Embrapa. Um “Oceano azul” de oportunidades ou um “oceano vermelho” de ameaças? **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3, p. e45010313572, mar. 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i3.13572.

PRYSTHON, A; PEREIRA, S. L. A.; MENDES, O. R. Productivity and fisheries monitoring in the Brazilian Amazon: insights from the Tocantins-Araguaia (State of Tocantins and Pará), Branco, and Jauaperi (State of Roraima) river basins. **ACTAPESCA**, v. 23, p. 120-134, 2025. DOI: 10.46732/Actafish.23.120-134.

REYES-GARCÍA, V; CÁMARA-LERET, R.; HALPERN, B. S.; O'HARA, C.; RENARD, D.; ZAFRA-CALVO, N.; DÍAZ, S. Biocultural vulnerability exposes threats of culturally important species. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 120, n. 2, p. e2217303120, jan. 2023. DOI: 10.1073/pnas.2217303120.

RUNDE, A.; HALLWA, G.; SILVANO, Ana M. Fishers' knowledge indicates extensive socioecological impacts downstream of proposed dams in a tropical river. **One Earth**, v. 2, n. 3, p. 255-268, mar. 2020. DOI: 10.1016/j.oneear.2020.02.012.

SALA, E; MAYORGA, J; BRADLEY, D.; CABRAL, R. B.; ATWOOD, T. B.; AUBER, A.; CHEUNG, W.; COSTELLO, C.; FERRETTI, F.; FRIEDLANDER, Alan M.; GAINES, S. D.; GARILAO, C.; GOODELL, W.; HALPERN, B. S.; HINSON, A.; KASCHNER, K.; KESNER REYES, K.; LEPRIEUR, F.; MCGOWAN, J.; MORGAN, L. E.; MOUILLOT, D.; PALACIOS ABRANTES, J.; POSSINGHAM, H. P.; RECHBERGER, K. D.; WORM, B.; LUBCHENCO, J. Protecting the global ocean for biodiversity, food and climate. **Nature**, v. 592, n. 7854, p. 397-402, abr. 2021. DOI: 10.1038/s41586-021-03371-z.

SINTHUMULE, N I. Traditional ecological knowledge and its role in biodiversity conservation: a systematic review. **Frontiers in Environmental Science**, v. 11, p. 1164900, jun. 2023. DOI: 10.3389/fenvs.2023.1164900.

SINGH, S. From vulnerability to viability: A situational analysis of small-scale fisheries in Asia and Africa. **Marine Policy**, v. 155, p. 105731, set. 2023. DOI: 10.1016/j.marpol.2023.105731.

SOUZA, I. S.; MELO, Rafael; SILVA, B. D. Simulação de elevação do nível médio do mar sobre o ecossistema manguezal na Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape-BA. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 15, n. 5, p. 2212-2225, out. 2022. DOI: 10.26848/rbgf.v15.5.p2212-2225.

SUH, R; NYIAWUNG, D. Youth recruitment and retainment in small-scale fisheries: Factors influencing succession and participation decisions in Cameroon. **Aquaculture, Fish and Fisheries**, v. 3, n. 5, p. 424-434, set./out. 2023. DOI: 10.1002/aff2.129.

SUDARMO, A. P.; DWIRASTINA, M.; DITYA, Y. C. Environmental conditions and actual distribution of fish resources in the Lower Musi River South Sumatra, Indonesia. **Fisheries and Aquatic Sciences**, v. 28, n. 4, p. 261-274, 2025. DOI: 10.47853/FAS.2025.e23.

TIDD, A. N.; ROUSSEAU, Y.; OJEA, E.; WATSON, Reg A.; BLANCHARD, J. L. Food security challenged by declining efficiencies of artisanal fishing fleets: A global country-level analysis. **Global Food Security**, v. 32, p. 100598, jan. 2022. DOI: 10.1016/j.gfs.2021.100598.

TURNER, N.J.; BERKES, F. Coming to understanding: Developing conservation through incremental learning in the Pacific Northwest. **Human Ecology**, v. 34, n. 4, p. 495-513, ago. 2006. DOI: 10.1007/s10745-006-9033-z. Turner, J. M. M., 2024.

TURNER, J. M. M. Small Scale Fisheries and the Challenges of Occupational Safety and Health. **Journal of Agromedicine**, v. 30, n. 2, p. 198-200, abr./jun. 2024. DOI: 10.1080/1059924X.2024.2434074.

VIANA, D.; SOUZA, M. R. D. P.; SILVA, U. A. T.; PEREIRA, D. M. C.; KANDALSLI, P. K.; NEUNDORF, A. K. A.; PERES, D.; SANTOS, A. T.; ROMÃO, S.; MOURA, M. O.; FÁVARO, L. F.; DONATTI, L. The effect of bottom trawling time on mortality, physical damage and oxidative stress in two Sciaenidae species. **Reviews in Fish Biology and Fisheries**, v. 31, n. 4, p. 957-975, dez. 2021. DOI: 10.1007/s11160-021-09682-8.

ZELLER, D; VIANNA, G. M. S.; ANSELL, M.; COULTER, A.; DERRICK, B.; GREER, K.; NOËL, S.-L.; PALOMARES, M. L. D.; ZHU, A.; PAULY, Daniel. Fishing effort and associated catch per unit effort for small-scale fisheries in the Mozambique Channel region: 1950–2016. **Frontiers in Marine Science**, v. 8, p. 707999, out. 2021. DOI: 10.3389/fmars.2021.707999.

ZELLER, D; PALOMARES, M. L. D.; PAULY, Daniel. Global Fisheries Science Documents Human Impacts on Oceans: The Sea Around Us Serves Civil Society in the Twenty-First Century. **Annual Review of Marine Science**, v. 15, p. 147-165, jan. 2023. DOI: 10.1146/annurev-marine-030322-113814.

CAPÍTULO IV

Mulheres na pesca artesanal na comunidade quilombola de Santiago do Iguape, Ba: contribuições históricas e desafios atuais.

Lucas Silva Pacheco dos Santos ¹

Francisco José Bezerra Souto ²

Eraldo Medeiros Costa Neto³

Elmo Borges de Azevedo Koch⁴

¹Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: lucas.pacheeco19@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-7059-7126>

² Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: fjbsouto@uefs.br Orcid: <https://orcid.org/0000/0002-8083-2231>

³ Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, Brasil. Brasil. E-mail: Eraldomcosta@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0278-1974>

⁴ Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: Elmoborges@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2022-4066>

RESUMO

Objetivo: Analisar as contribuições das pescadoras para a preservação dos saberes sobre a pesca artesanal local, bem como os desafios enfrentados por elas na ocupação desses espaços.

Introdução e Referencial Teórico: São apresentados dados sobre a importância da pesca artesanal, destacando sua relevância no processo de transmissão intergeracional desses saberes pelas mulheres. Destaca-se também a negligência e a invisibilização sofridas pelas mulheres ao longo da história devido a questões de gênero, que resultaram em a mulher alcançar de forma tardia direitos básicos concedidos ao “pescador”.

Método: A metodologia adotada compreende a coleta de dados em campo por meio de entrevistas semiestruturadas com as pescadoras da comunidade, além de observações diretas. As entrevistas foram conduzidas utilizando o método de amostragem em “bola de neve” (snowball), conforme descrito por Bailey (1994). As entrevistas foram gravadas e acompanhadas de registros fotográficos, com a devida autorização por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi lido e explicado a cada participante.

Resultados e Discussão: Os resultados demonstram que as pescadoras possuem um amplo conhecimento sobre as artes e petrechos de pesca, sobre os recursos pesqueiros, entre outras

questões ambientais. Essas mulheres enfrentam uma tripla jornada de trabalho e muitas dificuldades nos ambientes estuarinos. Elas reconhecem o mar e o manguezal como locais prósperos, que lhes permitem criar seus filhos e obter recursos para sua subsistência. A pesca deixa de ser apenas uma atividade econômica para constituir a identidade e formas de ser/viver/habitar dessas mulheres. Assim, as mulheres quilombolas de Santiago do Iguape assumem protagonismo e liderança em uma atividade permeada por questões de gênero e na busca por direitos básicos

Implicações da Pesquisa: A pesquisa contribui para a valorização do saber pesqueiro construído pelas mulheres pescadoras, que foram invisibilizadas por décadas no setor pesqueiro. Essas discussões podem contribuir para a melhoria e implementação de novas políticas que atendam às demandas do cenário atual de vulnerabilidades enfrentadas por essas Pescadoras

Originalidade/Valor: Este estudo é essencial por evidenciar a invisibilização social e governamental a partir de questões de gênero, bem como as mudanças na autopercepção das mulheres em relação à sua importância na construção e preservação dos saberes sobre a pesca artesanal e seus direitos.

Palavras-chave: Racismo ambiental. Sustentabilidade. Pescadoras. Patrimônio biocultural Haliêutico. Direitos.

ABSTRACT

Objective: To analyze the contributions of female fishers to the preservation of knowledge about local artisanal fishing, as well as the challenges they face in occupying these spaces.

Introduction and Theoretical Framework: Data on the importance of artisanal fishing is presented, highlighting its relevance in the intergenerational transmission of this knowledge by women. It also emphasizes the neglect and invisibility faced by women throughout history due to gender issues, which led to women achieving basic rights granted to "fishermen" only belatedly.

Method: The methodology adopted includes field data collection through semi-structured interviews with female fishers from the community, as well as direct observations. The interviews were conducted using the snowball sampling method, as described by Bailey (1994). The interviews were recorded and accompanied by photographic records, with proper authorization obtained through the signing of the Informed Consent Form (ICF), which was read and explained to each participant.

Results and Discussion: The results show that female fishers possess extensive knowledge about fishing techniques and equipment, fishing resources, and other environmental issues. These women face a triple workload and many difficulties in estuarine environments. They recognize the sea and mangroves as prosperous areas that allow them to raise their children and obtain resources for their subsistence. Fishing becomes more than just an economic activity; it shapes the identity and ways of being/living/inhabiting of these women. Thus, the quilombola women of Santiago do Iguape take on a leading role in an activity marked by gender issues and the pursuit of basic rights.

Implications of the Research: The research contributes to the recognition of fishing knowledge built by female fishers. These discussions may contribute to the improvement and implementation of new policies that address the current vulnerabilities faced by these fishers.

Originality/Value: This study is essential for highlighting social and governmental invisibility due to gender issues, as well as the changes in women's self-perception regarding their importance in the construction and preservation of knowledge about artisanal fishing and their rights.

Keywords: Environmental Racism, Sustainability, Female Fishers, Biocultural Heritage, Women's Rights.

1. INTRODUÇÃO

Os recursos provenientes da pesca constituem uma fonte essencial de insumos, contribuindo de maneira significativa para a mitigação da insegurança alimentar no mundo (Prysthon et al., 2022). No Brasil, as atividades pesqueiras suprem mais de 60% da demanda interna do pescado, sendo essenciais na redução das vulnerabilidades socioeconômicas, especialmente para as comunidades de pescadores artesanais, que dependem total ou parcialmente dessa atividade para sua subsistência (Zacardi et al., 2014; Silva, Araújo, 2024).

Os dados referentes à pesca no Brasil encontram-se desatualizados, uma vez que, desde 2015, não há repasse de informações para a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO). Atualmente, as informações disponíveis sobre o setor baseiam-se em extrapolações estatísticas, o que dificulta uma análise precisa sobre o estado atual da pesca no país. Essa lacuna de dados afeta particularmente a compreensão da contribuição feminina neste setor (Zamboni et al., 2020; Baigún, Valbo-Jørgensen, 2023).

Até 2015, dos mais de 1 milhão de pescadores e pescadoras artesanais cadastrados no Registro Geral de Pescadores (RGP), aproximadamente 45% eram mulheres (FAO, 2024). A região Nordeste se destacou nesse cenário, concentrando quase 50% do total de pescadores

registrados, cerca de 478 mil indivíduos (Brasil, 2015). Na Bahia, até 2011, dos aproximadamente 131.642 pescadores artesanais cadastrados, 55,8% eram mulheres (Brasil, 2015), evidenciando a expressiva participação feminina na pesca artesanal.

Apesar da significativa contribuição das mulheres para a pesca artesanal, sua inserção e reconhecimento têm sido historicamente limitados, muitas vezes ocorrendo de forma anônima e marginalizada. Mesmo desempenhando um papel essencial em diversas etapas da cadeia produtiva, sua participação costuma ser invisibilizada em relação aos homens. As primeiras políticas públicas voltadas para a visibilidade e garantia dos direitos das mulheres pescadoras começaram a ser implementadas na década de 1980. No entanto, foi com a aprovação da Lei nº 11.959, de 29 de julho de 2009, que elas conquistaram alguns direitos específicos no setor pesqueiro, ainda que de forma maneira ainda limitada. Essa legislação estabeleceu diretrizes para a pesca e aquicultura no Brasil, buscando regulamentar o reconhecimento e a proteção das trabalhadoras no setor, mas a desigualdade de gênero ainda persiste, dificultando um acesso pleno aos benefícios e direitos.

Em 2015, as mulheres pescadoras conquistaram o direito de acesso ao sistema previdenciário e ao seguro-defeso, mediante declaração e comprovação de sua atividade de pesca conforme os critérios exigidos para a concessão desses benefícios (Cidreira Neto et al., 2020). Esse avanço representou um importante passo no reconhecimento formal do papel das mulheres na pesca. Contudo, na Normativa nº 2.110, de 17 de outubro de 2022, bem como na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), os termos “pescador” e “mariscador” continuam a ser utilizados de forma genérica, reforçando a percepção de que a atividade é majoritariamente masculina (Brasil, 2022). Essa linguagem contribui para a invisibilização das mulheres nesse setor, perpetuando a marginalização de seu papel produtivo.

Até 2024, não houve alterações nos decretos e normativas que mantêm o uso das expressões "pescador" e "mariscador" (Hellebrandt, 2019, Cidreira Neto et al., 2020). Essa categorização excludente acarreta prejuízos econômicos e identitários para as mulheres, uma vez que a pesca representa não apenas uma atividade econômica, mas também um modo de vida fundamental para as pescadoras (Bastos et al., 2023). A revisão desses documentos tem sido objeto de constantes reivindicações por parte das mulheres do setor, que buscam maior visibilidade e reconhecimento de sua participação (Souza, Marinho, 2018, Bastos et al., 2024).

Nesse cenário desafiador e frequentemente injusto, as colônias de pescadores e aquicultores artesanais, regulamentadas pela Lei nº 11.699, de 13 de junho de 2008, desempenham um papel crucial ao facilitar o acesso aos direitos das pescadoras, fornecendo declarações e documentos necessários para sua regularização (Martins, Alvim, 2016). No

entanto, as mulheres ainda enfrentam grandes dificuldades na concessão desses benefícios, refletindo uma profunda disparidade na equidade de acesso aos direitos entre os gêneros no setor da pesca artesanal (Peixoto et al., 2024).

A participação feminina no setor pesqueiro é marcada por múltiplas questões, incluindo as dificuldades socioeconômicas enfrentadas pelas comunidades pesqueiras frente à degradação ambiental e as disputas por terras, que intensificam a vulnerabilidade dessas trabalhadoras (Maneschy et al., 2011, 2012). Além desses desafios, as mulheres pescadoras sofrem com a amplificação das desigualdades sociais historicamente presentes no Brasil, que se agravam pelo racismo ambiental. Esse fenômeno marginaliza essas comunidades, expondo-as a problemas socioeconômicos e sanitários severos (Dias, 2017, Oliveira, 2022).

Em consonância com as discussões de Maneschy et al. (2011), a comunidade quilombola de Santiago do Iguape, localizada no município de Cachoeira, Bahia, experimentou uma mudança significativa em sua base econômica. A pesca artesanal tornou-se a principal fonte de renda e sustento, especialmente após o declínio das atividades relacionadas à produção de açúcar, fumo e dendê (Reis, 1992, Prost, 2010, Cruz, 2014).

Diante dessa transição econômica e nova realidade, tanto homens quanto mulheres quilombolas, historicamente marginalizados, viram-se obrigados a diversificar suas atividades para sobreviver. A dependência exclusiva da agricultura não era viável, já que a subsistência da família, com muitos filhos para alimentar, não podia esperar os longos períodos entre o plantio e a colheita (Cruz, 2014). Assim, a pesca artesanal ganhou relevância e se consolidou como uma prática essencial para a comunidade, não apenas como uma atividade econômica, mas como um modo de vida, influenciando profundamente a cultura e a identidade local (Ramalho, 2006, Dias, 2017, Rios, 2019).

Na atividade pesqueira, os moradores de Santiago do Iguape estabelecem uma conexão profunda com o ecossistema local, desenvolvendo uma relação histórica de subsistência e identidade com o território de pesca. Contudo, a comunidade enfrentou desafios significativos a partir da construção da barragem Pedra do Cavalo, em 1980, que, a partir de 2005, passou a operar como uma hidrelétrica. Essa mudança afetou o fluxo e a regulação da água no estuário (Prost, 2010). Essas alterações impactaram severamente a segurança alimentar e a saúde da comunidade. As modificações na vazão da água, salinidade e sedimentação do estuário, juntamente com disputas latifundiárias, comprometeram os recursos pesqueiros e a biodiversidade local, resultando em uma redução significativa nas espécies disponíveis para subsistência e exacerbando os problemas de saúde e insegurança alimentar (Prost, 2010, Souto et al., 2023).

Esse contexto, as mulheres, começam a ocupar mais proeminente os espaços de pesca. Além de mariscarem, elas assumem o protagonismo passando a pescar de forma independente, atuando nos estuários, manguezais e suas extensões, e capturando moluscos, peixes e crustáceos. Com isso, tornaram-se também provedoras do lar (Martins, 2013, Figueiredo, Prost, 2014, Martins, Alvim, 2016). Essa participação crescente das mulheres na pesca resultou na(re)construção das identidades de ambos os gêneros como pescadores(as) remanescentes de quilombo. No entanto, a intensificação da degradação dos ambientes estuarinos e a crescente insegurança socioeconômica que afeta a atividade pesqueira tem enfraquecido e fragmentado essa ligação histórica. Diante desta realidade, outras alternativas de sobrevivência começaram a integrar o cotidiano da comunidade, colocando em risco uma prática que é profundamente enraizada na ancestralidade, identidade e cultura local (Dias, 2017).

Desse modo, destacar o papel das mulheres e sua contribuição histórica para a preservação dos saberes locais sobre a pesca desenvolvida na comunidade quilombola de Santiago do Iguape é fundamental para compreender e ressignificar o papel delas como mantenedoras dessa cultura. Neste cenário, o presente estudo analisou as contribuições das pescadoras para a preservação do patrimônio biocultural pesqueiro local, bem como os desafios enfrentados por elas na ocupação desses espaços.

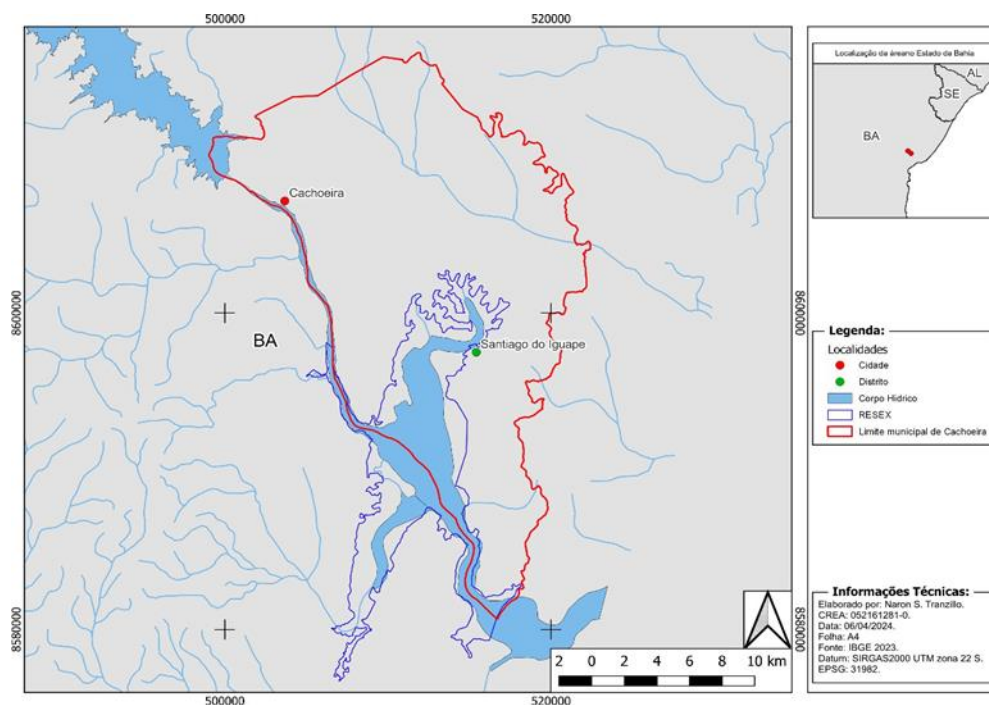
2.METODOLOGIA

2.1 Area de estudo

Santiago do Iguape é uma comunidade tradicional remanescente de quilombo, onde a subsistência já esteve ligada diretamente à economia da cana-de-açúcar, fumo e dendê. Atualmente, a base econômica da comunidade é a pesca artesanal e a agricultura familiar (Reis, 1992, Cruz, 2014). A comunidade está situada a aproximadamente 40 km de sua sede, em Cachoeira, no Recôncavo Baiano, e a 107 km de Salvador, capital do estado da Bahia (Figura 1).

Figura 1

Localização da comunidade de Santiago do Iguape e da Resex Baía de Iguape.



Fonte: Tranzillo (2024).

2.2. Coleta de dados

Os dados foram coletados após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Estadual de Feira de Santana (processo nº 6.623.420) e pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), através da plataforma SISBio. A coleta de dados ocorreu entre fevereiro e julho de 2024.

Os dados socioeconômicos e etnoecológicos foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas e de observações diretas, tanto participante quanto não participante. A técnica etnográfica utilizada permitiu uma imersão profunda na realidade estudada, possibilitando uma coleta de dados rica e detalhada, baseada na interação direta e na vivência compartilhada entre o pesquisador e o grupo focal (Barros, 2012).

As entrevistas foram conduzidas utilizando o método de amostragem em modelo bola de neve (*Snowball*), conforme descrito por Bailey (1994). Nesse método, um(a) participante inicial, previamente selecionado(a), indica outros indivíduos que acredita possuir conhecimento sobre o tema em questão. As entrevistas foram gravadas e acompanhadas de registros fotográficos, com a devida autorização por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi lido e explicado a cada participante.

Foram entrevistadas 20 pescadoras da comunidade, com idades variando de 24 aos 69 anos. Dentre essas, dez já atuam na pesca há mais 15 anos, nove exercem a atividade entre 10 e 15 anos, e uma residente iniciou a pesca há menos de dez anos. A maioria das entrevistadas (60%) possui o ensino Fundamental I e II incompleto. Suas principais fontes de renda são a pesca e o recebimento do Bolsa Família, um auxílio federal destinado a brasileiros em situação de baixa renda.

2.3 Análises dos resultados

As entrevistas foram transcritas e os dados foram analisados qualitativamente, com o objetivo de entender as contribuições das pescadoras na manutenção da atividade pesqueira, as dificuldades enfrentadas, os conflitos e o papel que desempenham em um ambiente historicamente dominado por homens. A análise dos dados foi sistematizada e organizada utilizando uma abordagem de amostragem não probabilística, dada a natureza exploratória da pesquisa, que visava gerar informações sobre os desafios específicos enfrentados pelas mulheres na pesca artesanal.

Para isso, foi empregada a Análise Textual Discursiva, um método que permite a categorização e interpretação das informações coletadas, conforme os procedimentos descritos por Manson (2010) e Moraes (2003). Essa abordagem facilita a identificação de padrões e temas recorrentes, proporcionando uma compreensão aprofundada das experiências e das dinâmicas sociais e econômicas que afetam as pescadoras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pescadoras realizam atividades de coleta de peixes, moluscos e crustáceos em ambientes estuarinos, condicionadas às variações de maré e às condições climáticas favoráveis. A pesca envolve não apenas a captura dos recursos, mas também o seu processamento, que inclui etapas como tratamento, fervura e catação dos organismos. A jornada de trabalho típica para essas atividades tem uma duração aproximada de 6 a 8 horas diárias.

Quando indagadas sobre a origem de seus conhecimentos de pescar, as pescadoras geralmente relataram ter aprendido a prática no núcleo familiar, predominantemente com a mãe, pai e/ou tios, embora, ocasionalmente, mencionassem amigos como fonte de aprendizado. Um exemplo disso foi relatado por uma entrevistada: Aprendi com meu marido, com minha mãe. Na verdade, aprendi mesmo com minha mãe, desde pequena, com sete anos (D., cód. 17). A iniciação nas atividades pesqueiras era motivada tanto pelas dificuldades socioeconômicas

quanto pela tradição familiar de inserir os filhos nessas atividades, visando complementar a renda doméstica.

A participação de menores nas atividades de pesca funciona como um processo de aprendizagem das artes de pesca, permitindo àqueles que optam por seguir a profissão de pescador(a) a aquisição de um amplo conjunto de conhecimentos técnicos (Souto, 2004, Ramalho, 2007, Cruz, 2014, Rios, 2019, Rocha et al., 2023).

As mulheres sempre desempenharam um papel nas atividades pesqueiras, embora historicamente ocupassem posições marginais na cadeia produtiva, predominantemente ligadas à coleta de mariscos e crustáceos, ao processamento do pescado, à confecção e ao reparo de redes, entre outras atividades consideradas de apoio na pesca não embarcada (Ramalho, 2006, Figueiredo, 2013). Devido a processos de exclusão e restrições sociais, a mariscagem se tornou a principal atividade desempenhada pelas mulheres durante muitas décadas, com poucas exceções desafiando o sistema patriarcal vigente ao participar da pesca com redes e embarcações.

No estudo realizado por Figueiredo e Prost (2014) em comunidades da Reserva Marinha Extrativista Baía de Iguape, as pescadoras entrevistadas expressaram receio de ir ao mar pescar, principalmente devido ao risco de abuso sexual e acidentes. Algumas também relataram a crença de que a pesca não é uma atividade feminina, em particular no que se refere à pesca com redes — um conceito socialmente construído que, por muito tempo, levou as pescadoras a acreditar que seu papel estava restrito à mariscagem e ao auxílio no processamento e comercialização de mariscos. Consequentemente, elas não eram reconhecidas como pescadoras legítimas, sendo classificadas como “assemelhadas ao pescador artesanal”, como a normativa nº 2.110 de 17 de outubro de 2022. Questões semelhantes também são discutidas por Herber (2017) e Goes e Cordeiro (2018).

Na normativa nº 971, de 13 de novembro de 2009, classifica as modalidades de pesca como continental e marinha. A pesca continental é realizada por embarcações de médio e pequeno porte, predominantemente por pescadores(as) artesanais. Já a pesca marinha do tipo embarcada é caracterizada pelo lançamento de apetrechos no mar, rios, estuários ou lagos a partir de uma embarcação, onde o 'pescador' está presente.

Em contraste com a pesca embarcada, a mariscagem é tradicionalmente definida como 'toda atividade realizada sem a utilização de embarcação pesqueira', envolvendo a captura ou extração de organismos aquáticos nas margens de corpos d'água, como o mar, rios e lagoas. Essa definição exclui explicitamente o uso de embarcações, diferenciando-se das modalidades de pesca embarcada, que empregam equipamentos específicos como anzóis, linhas e redes.

Além disso, a mariscagem não especifica os apetrechos utilizados para a coleta de moluscos e outros mariscos, destacando a simplicidade e a diferença em relação às pescarias com embarcação.

A ausência de especificação dos apetrechos e a exclusão do uso de embarcações em determinadas modalidades, como a mariscagem, na legislação pesqueira, agravam as barreiras para a equidade de acesso aos direitos e ao reconhecimento formal das mulheres pescadora. A definição socialmente construída de pesca embarcada e, conseqüentemente, de quem é considerado “pescador”, reflete restrições mais rigorosas historicamente impostas. Essas restrições são influenciadas por relações socioeconômicas de gênero, consolidadas ao longo do tempo em contextos marcados pela dominação patriarcal, que designava às mulheres atividades vistas como sem prestígio e de caráter secundário (Diegues, 1998, Cardoso, 2002, Adomilli, 2010 Maneschy et al., 2012).

Segundo Ramalho e Santos (2018), o termo 'pesca embarcada' refere-se à atividade realizada em embarcações de pequeno porte, não industriais, das quais as mulheres são historicamente excluídas. De acordo com os pescadores entrevistados por Laberge (2000), o 'pescador embarcado' é visto como um operário, trabalhando em uma rede de cooperação e compartilhamento de responsabilidades. Ambas as definições compartilham a condição de estar a bordo de uma embarcação e ser do sexo masculino como requisitos implícitos para a classificação da pesca como embarcada.

Dal Negro (2018), por sua vez, caracteriza a pesca embarcada como aquela que envolve o deslocamento para o local de prática utilizando uma embarcação, embora não seja necessário permanecer a bordo durante toda a atividade. Por exemplo, na pesca com redes (modalidades de arrasto), o pescador lança a rede, desce do barco para realizar o arrasto e retorna para descarregar os recursos coletados. Portanto, é pertinente refletir sobre a diferença regulatória entre a pesca de arrasto, classificada como embarcada, e a mariscagem, visto que ambas utilizam embarcações para deslocamento e descarte dos recursos, mas realizam parte significativa ou a totalidade da atividade fora da embarcação.

De acordo com o Decreto nº 8.424, de 31 de março de 2015, alterado pela Normativa nº 2.110, de 17 de outubro de 2022, as marisqueiras são oficialmente reconhecidas como pescadoras e têm direito ao cadastro no Registro Geral de Pescadores - RGP. Contudo, este reconhecimento não garante a elas alguns direitos concedidos aos pescadores de camarão e peixes, como o seguro defeso destinado ao “pescador artesanal”, nem aposentadoria ou auxílio por invalidez, pois as atividades de mariscagem e processamento são consideradas atividades de apoio à pesca artesanal (Pierri, Azevedo, 2010, Brasil, 2015, Huguenin, Martinez, 2021).

Para acessar o seguro-defeso, as mulheres precisam se autodeclarar pescadoras de camarão ou de outros recursos geralmente associados à pesca considerada embarcada, conforme estabelecido pela Lei nº 11.959/2009 e pelo Decreto nº 8.425, de 31 de março de 2015.

Esta exigência impõe às mulheres o mesmo nível de expertise e documentação requeridos dos homens para acessar os direitos conferidos ao 'pescador artesanal'. Além disso, não abrange os trabalhadores de apoio à pesca artesanal como beneficiários, o que acentua a desigualdade de direitos entre gêneros na atividade pesqueira. Isso é particularmente relevante, considerando que uma grande parte das pescadoras exercem atividades de mariscagem (Huguenin, Martinez, 2021).

Diante disso, surgem várias questões em relação à legislação, especialmente considerando que os recursos coletados na mariscagem, como os moluscos bivalves – por exemplo, o sururu (*Mytilidae*) e a ostra (*Crassostrea rhizophorae* Guilding, 1928) – são vulneráveis a mudanças de salinidade e à degradação de seus habitats, resultando em constantes reduções populacionais (Nunes, 2016; Souto; Dos Santos, 2020; Moraes et al., 2024).

Nessas circunstâncias, as mulheres enfrentam insegurança alimentar e outras vulnerabilidades socioeconômicas, uma vez que sua principal fonte de renda e subsistência está comprometida. Deveriam, portanto, ter acesso ao seguro-defeso ou a outros benefícios que garantam condições básicas de alimentação, conforme previsto pela Constituição de 1988 e por decretos subsequentes. Esse contraste destaca a necessidade urgente de reflexões sobre a equidade dos direitos relacionados às atividades desempenhadas pelas mulheres na pesca.

Desafiando a concepção predominante de que as mulheres se dedicam exclusivamente à mariscagem, as observações de campo revelaram uma pescadora retornando de uma atividade de pesca embarcada, utilizando redes para captura de camarão (Figura 2A), e outra utilizando gaiolas para captura de siris (Figura 2B), ambas sozinhas e conduzindo suas embarcações (Figura 2A e 2B). Esses registros foram fundamentais para corroborar a práxis de que as pescadoras ocupam, em sua totalidade, diversos espaços na atividade pesqueira, como discutido por Araújo e Parente (2016); Huguenin e Martínéz, (2021); Lopes e Martínéz (2023).

Figura 2. Registro das pescadoras retornando da pesca embarcada para camarão (a) e da pesca com gaiola (b).



Fonte: pesquisa de campo (2024).

Esses registros de mulheres envolvidas na pesca classificada como embarcada ressaltam sua capacidade de superar limitações impostas e evidenciam sua importância na manutenção e perpetuação desses saberes. Estudos como o de Silva e Adomilli (2020), realizados no Rio Grande do Sul, discutem a vivência e a força de vontade exigidas por essas práticas. Essas investigações desconstruem a falsa ideia de que a pesca é predominantemente masculina e que as mulheres carecem de força física e expertise para operar embarcações e redes.

Cabe ressaltar que a pesca com redes e pequenas embarcações na comunidade de Santiago de Iguape não envolve longos períodos no mar; trata-se de uma atividade em que as pescadoras saem e retornam no mesmo dia, o que facilita a participação frequente das mulheres. No entanto, as alterações ambientais que afetam a disponibilidade de recursos tornam essas atividades imprevisíveis e sem garantia de sucesso, aumentando a vulnerabilidade das pescadoras. Além das tarefas pesqueiras, elas também cuidam dos filhos e das atividades domésticas, o que as leva a evitar distâncias maiores. Esses dados são consistentes com os encontrados por Silveira (2019).

Apesar dos numerosos desafios, as mulheres não hesitam em se esforçar para conquistar independência financeira e garantir a segurança alimentar de suas famílias. Isso é evidenciado no seguinte relato: “Eu pescava de tudo, pescava de redinha. Saía de noite com o marido, pescava calão, tainha. Pegava ostra, sururu, camarão, siri” (M., cód. 2., 54 anos). Segundo essa pescadora, essa era a única forma de alimentar seus filhos. Atualmente, afastada da pesca por

motivos de saúde, ela enfrenta dificuldades burocráticas para obter aposentadoria por invalidez, o que a coloca em uma situação ainda mais difícil.

As pescadoras foram questionadas sobre os tipos de recursos que costumam coletar durante as atividades de pesca, bem como sobre artes de pesca que conhecem, utilizam ou já utilizaram em suas atividades. Os registros desse saber-fazer estão resumidos na Tabela 1.

Tabela 1
Conhecimento ecológico local das pescadoras sobre os recursos e petrechos utilizados na práxis de suas atividades. * = em alguns casos, as informações não foram citadas na entrevista formal.

Petrechos usados na pesca e mariscagem	Petrechos conhecidos, mas não utilizados	Recursos pesqueiros conhecidos e coletados	Recursos pesqueiros conhecidos, mas não coletados
Baldes	Arrieiro	Amoreira	Arraia
Calão	Musuá	Aratu	Langudinha.
Camarãozeira	Rede grande	Aribi	Paru
Enchedores	Tainheira	Camarão,	Robalo
Faca		Caranguejo	
Facão		Mirim	
Gaiola		Ostra	
Jereré		Pescada	
Linha		Siri	
Luva		Sururu	
Redinha		Tainha	
Saptão		Tararaca	
		Xangó	

As pescadoras demonstram um amplo conhecimento sobre as espécies presentes no estuário, mencionando mais de 15 nomes de recursos que coletam (Tabela 1). Em vez de focar na identificação científica das espécies, priorizamos nomes populares conhecidos localmente, a maioria dos quais já foi documentada por Reis-Filho et al. (2018) em seus estudos realizados nas comunidades da Reserva Extrativista Marinha Baía de Iguape.

Durante suas narrativas, as entrevistadas revelam uma profunda afinidade com a pesca, o que ameniza os percalços associados ao saber-fazer pesqueiro: “Eu caía no calão, arrastava. Situação difícil para puxar aquela rede na cintura, é pau viola. Eu criei minhas filhas através da pesca e sobrevivo através da pesca. Eu amo fazer, eu amo mariscar, eu amo pescar” (D., cód. 17.). Neste contexto, o ambiente aquático e as áreas de manguezal transcendem a função de locais de captura de recursos; tornam-se também espaços de autorreconhecimento, luta, desafio, ressignificação, superação e reconstrução de identidades. Atualmente, nesses locais historicamente invisibilizadas, as mulheres reavaliam sua importância, contribuição e expertise

na manutenção e transmissão intergeracional desses saberes, como discutido por Diegues (2019).

Ao acompanhar algumas pescadoras na coleta de sururu (*Mytella* sp), observou-se que a saída para o estuário ocorreu às 4h30min e o retorno às 10h43min, utilizando uma embarcação para deslocamento até o local da coleta. Os registros do tempo necessário para a realização da atividade variam entre 8 e 10 h, dependendo da abundância do recurso no local escolhido para a pesca (Figura 3). Esse tempo é semelhante ao identificado no estudo realizado por Souza (2018).

Figura 3. Registros de pescadores na mariscagem do sururu (*Mytella* sp.).



Fonte: registros em campo (acervo dos autores).

O trabalho feminino não se encerra após “catar” (a coleta e processamento) os mariscos; muitas delas continuam realizando as atividades básicas do lar, como cozinhar, lavar, cuidar dos filhos e outros afazeres, após a pescaria. Essa realidade torna a participação das mulheres no setor uma necessidade para a sobrevivência familiar, frequentemente resultando em uma sobrecarga devido à tripla jornada de trabalho – pesca, responsabilidades domésticas e cuidados com a família – que podem chegar a até 14 horas diárias (Franca, 2017, Goes, Cordeiro, 2018, Silva, Knoller, 2020). Essa carga excessiva expõe as mulheres a problemas de saúde que se manifestam ao longo do tempo (Silva, 2020). Em Santiago do Iguape, 90% das pescadoras entrevistadas relatam os desafios de viver das atividades de pesca, como ilustrado na seguinte declaração:

“Viver da pesca é tudo. Porque se não fosse a pesca aqui no Iguape pra gente, o povo ia morrer de fome. É cansativo, a gente vai pra maré mariscar, quando chega pra ferventar, senta para catar, quando você vai parar para descansar, você dá aquele cansaço todo, entendeu? Ainda tem criança pequena pra olhar, isso tudo”. (A., cód. 16., 24 anos).

Outra entrevistada, quando questionada sobre os desafios enfrentados durante a atividade, especialmente relacionados ao contato direto com a lama, que tem causado intensa coceira e dificultado a realização da tarefa, comentou: Não vou dizer que é fácil. A gente enfrenta, se tiver chovendo, a frieza, a gente vai pro mar. A lama também coça, fica todo empolado, cheio de caroço (A., Cód. 15., 31 anos).

As pesquisas realizadas na comunidade por Silva (2018) e Veloso Junior (2020) abordaram o problema da coceira que tem prejudicado a atividade desde 2007, agravando-se significativamente nos últimos sete anos e limitando a pesca e mariscagem devido ao surgimento de problemas dermatológicos, como dermatites, entre pescadoras e pescadores da comunidade. Os autores citados identificaram a espécie de esponja *Amorphinopsis atlantica* Carvalho, Hajdu, Mothes & van Soest, 2004 (Porifera: Demospongiae: Halicondriidae) como a causadora da coceira. Os pescadores e pescadoras das comunidades na Reserva Extrativista (Resex) associam a presença dessa espécie como às alterações nas faixas de salinidade ocasionadas pela vazão da Hidrelétrica Pedra do Cavalo. Tal percepção ambiental é corroborada por Veloso Junior (2020, p. 121), que afirma: “As alterações na vazão, no regime de liberação de água e a diminuição do intervalo de variação da salinidade do estuário favoreceram a propagação de *A. atlantica* na baía do Iguape”.

A presença de problemas ambientais que impactam a rotina é comum nas comunidades pesqueiras. Segundo a senhora A. (cód. 20., 51 anos), além da redução dos recursos causada pelas alterações provocadas pela Hidrelétrica Pedra do Cavalo, a comunidade enfrenta problemas adicionais, como vazamentos de esgoto pela Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embasa) e dermatites causadas pela presença da esponja *A. atlântica*. Esses problemas dificultam a coleta de espécies essenciais para a subsistência da comunidade, uma vez que alguns desses fatores contribuem para a redução populacional de determinadas espécies.

“A ostra e o sururu mesmo tá sumido, que antigamente a gente pescava, ia pra maré e nustante achava um quilo de ostra. Hoje em dia não tem mais, hoje não vê mais a ostra no mar, nos paus. Você não acha mais, é raro, porque você repare que tem uma bucha, invés do lugar da ostra, vem uma bucha que que pega e mata ela. E a água mata os camarões, siri e tudo. O esgoto da Embasa é quem tá acabando mais o marisco aqui. Se a pessoa que for pescar, não pode nem passar, a lama tá verde e a água com mal cheiro”. (A., cód. 20., 51 anos).

Não é apenas essa pescadora que denuncia o problema ambiental recorrente na comunidade, causado pela liberação e vazamentos irregulares de esgoto, que contamina o manguezal e expõem as marisqueiras a condições insalubres de trabalho. Sobre essa problemática, a senhora M. (cód. 3., 60 anos), outra pescadora da comunidade, relata:

“Os esgotos causam isso. De primeiro não tinha nada disso, não tinha óleo, não tinha esgoto. Mainha ia ali no porto de antrifo, quando mainha chegava era com meio mundo de marisco. Eu saía para vender no balaio, eu e lade, saía gritando” Oíá o sururu”, eu ficava toda molhada, porque você sabe, o sururu, ele chora no sol quente. Hoje vejo as mães saindo daqui 5h da manhã, quando chega é com pouco sururu, pra mim esse derrame de óleo é esses esgotos que tá tendo aqui”.

Santos e Nolasco (2017), em seus estudos na comunidade, relatam a contaminação do estuário resultante do despejo irregular de esgotos. No entanto, o problema é ainda mais agravado pelos esgotos vinculados à Embasa, que são liberados de forma irregular e vazam durante as chuvas. Em 2024, essa questão permanece sem solução, e a contaminação do ecossistema continua prejudicando a fonte de subsistência e a saúde das pescadoras. Essa situação gera riscos de contaminação química devido ao excesso de nutrientes e substâncias nocivas, e riscos biológicos, uma vez que esgotos domésticos e industriais não tratados corretamente pode transportar agentes patogênicos (bactérias e protozoários), conforme discutido por Rocha (2016).

Algumas pescadoras também associaram problemas dermatológicos ao derramamento de petróleo ocorrido em 2019, que afetou mais de 300 mil famílias no litoral brasileiro, gerando insegurança socioeconômica devido ao receio de comercializar e consumir alimentos potencialmente contaminados (Alves et al., 2021). No entanto, a coceira observada nas pescadoras precede esse grave crime ambiental. Todas essas questões merecem atenção, pois expõem as pescadoras a riscos significativos para a saúde. As condições insalubres de trabalho contribuem para o adoecimento das pescadoras, enquanto a contaminação química e biológica do manguezal ameaça não apenas a saúde das pescadoras, mas também a biodiversidade desse ecossistema (Ramalho, 2021, Trindade et al., 2021, Mendes et al., 2024).

Na comunidade, a conscientização sobre a representatividade e a importância da gestão participativa feminina tem se tornado cada vez mais relevante para discutir e buscar soluções que mitiguem os impactos ambientais e melhorem as condições de trabalho. Alguns moradores, incluindo uma mulher, participam do conselho da Resex, atuando como vozes da comunidade e desempenhando um papel ativo nas discussões que afetam o território pesqueiro.

Criada em 2007, a rede “Elas Negras Conexões” tem desempenhado um papel crucial no autorreconhecimento das mulheres como mantenedoras da cultura local e detentoras de

saberes, além de destacar a necessidade de lutar por reconhecimentos, garantias e direitos historicamente negados. As mulheres da comunidade buscam a implementação efetiva e a garantia legal dos direitos historicamente negados. Elas passaram a compreender a importância de se organizarem de forma coletiva e participativa para melhorar a gestão do espaço e dos recursos. No dia 13 de julho de 2024, as mulheres da comunidade realizaram o Festival do Manguezal, cujo objetivo foi limpar uma parte do mangue e sensibilizar a comunidade sobre a importância de cuidar do manguezal, dada sua ligação histórica com a cultura, identidade e subsistência da comunidade.

Apesar dos desafios enfrentados na rotina da pesca, as mulheres abordam a atividade com afeto e demonstram um conhecimento profundo sobre as práticas pesqueiras. As mulheres pescadoras desempenham um papel essencial na preservação dos saberes relacionados às modalidades de pesca, aos ambientes e às técnicas de manejo dos recursos. Elas são, acima de tudo, agentes ativas nas políticas que visam promover mudanças na compreensão das relações de gênero e no pertencimento ao território pesqueiro, além de contribuir para uma legislação mais inclusiva dos direitos femininos na pesca.

Como discute Little (2003), considerar o mar como um ambiente não exclusivamente masculino permite ressignificar a concepção historicamente construída sobre o papel da mulher na pesca, muitas vezes reduzida a uma função secundária ou de “ajuda”. É crucial reconhecer o mar como um território social que fomenta interações humanas com os componentes bióticos e abióticos, permitindo a emergência de identidades e o ethos mantido por esses grupos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados do estudo evidenciam o papel crucial das mulheres como agentes ativas na manutenção e transmissão dos conhecimentos sobre as práticas pesqueiras, que constituem um patrimônio biocultural essencial para a comunidade. Ressalta-se, no entanto, a necessidade urgente de aprimorar a qualidade dos equipamentos utilizados, ajustar a carga horária e fornecer assistência adequada à saúde das mulheres pescadoras.

Embora a comunidade conte com associações que buscam garantir direitos, é fundamental fortalecer as reivindicações junto às autoridades competentes para a implementação de políticas públicas que valorizem a atividade pesqueira e melhorem a gestão dos ambientes onde essas práticas são realizadas. As mulheres pescadoras estão frequentemente em contato com a lama e a água do estuário; portanto, se esses ambientes estiverem

contaminados, elas estão suscetíveis ao desenvolvimento de comorbidades, agravos à saúde e redução da qualidade de vida.

5.AGRADECIMENTOS

As pescadoras da comunidade Santiago do Iguape pelos aprendizados partilhados, por abrirem suas casas, suas histórias e dividirem conosco seus saberes, ensinamentos, dificuldades e amor pelo que fazem. Ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES)- Código de Financiamento 001 E ao Ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Evolução da UEFS.

6.REFERÊNCIAS

ADOMILLI, G. Territorialidade e conflito na pesca embarcada: um estudo de caso sobre os pescadores de São José do Norte-RS e suas analogias sobre animais marinhos. In: ZANETTI, M. C. Z. A.; FONTES, R. M. (ed.). **Coletivos Pesqueiros: Desafios e Perspectivas Antropológicas**. [S.l.: s.n.], 2010. v. 1, p. 213-233.

ALVES, L. M.; DA SILVA, I. F.; DE ANDRADE, S. W.; DE OLIVEIRA, A. K. C. Contaminação por óleo e resíduos sólidos no litoral do Nordeste. **Meio Ambiente, Sustentabilidade e Tecnologia**, v. 10, p. 56, 2019.

ARAÚJO, S. H. de A. M.; PARENTE, Tatiana G. P. G. (In) visibilidade das mulheres na pesca artesanal: uma análise sobre as questões de gênero em Miracema do Tocantins-TO. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, v. 4, n. 2, p. 177-199, jul./dez. 2016.

BASTOS, M. L. A. et al. Benefícios previdenciários de pescadores artesanais e marisqueiras em comunidade quilombola no Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 48, p. 9, 2023.

BAIGÚN, C.R. M.; VALBO-JØRGENSEN, Jacob. **La situación y tendencia de las pesquerías continentales artesanales de América Latina y el Caribe**. Roma: FAO, 2023. 197 p. (FAO Documento Técnico de Pesca e Aquicultura, n. 677)

BARROS, F. B. Etnoecologia da pesca na reserva extrativista Riozinho do Anfrísio-Terra do Meio, Amazônia, Brasil. **Amazônica-Revista de Antropologia**, v. 4, n. 2, p. 286-312, jul./dez. 2012.

BRASIL. Lei n. 11.959, de 29 de junho de 2009. Normas gerais da política nacional de desenvolvimento sustentável da aquicultura e da pesca. Brasília, DF: Presidência da República, 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11959.htm. Acesso em: 16 abr. 2024.

BRASIL. Receita Federal do Brasil. Instrução Normativa RFB n. 971, de 13 de novembro de 2009. Dispõe sobre as normas gerais de tributação previdenciária e de arrecadação das contribuições sociais administradas pela Secretaria da Receita Federal do Brasil (RFB).

Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 nov. 2009. Disponível em: IN RFB 971-09 (fazenda.sp.gov.br). Acesso em: 8 maio 2024.

BRASIL. Receita Federal do Brasil. Instrução Normativa RFB n. 2110, de 17 de outubro de 2022. Dispõe sobre normas gerais de tributação previdenciária e de arrecadação das contribuições sociais administradas pela Receita Federal do Brasil. **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, n. 197, p. 5, 18 out. 2022. Disponível em: <http://normas.receita.fazenda.gov.br/sijut2consulta/consulta/normas.receita.fazenda.gov.br/sijut2consulta/link.action?id>. Acesso em: 14 jul. 2024.

BRASIL. Decreto n. 8.424, de 31 de março de 2015. Estabelece normas e procedimentos para a concessão de benefícios e isenções fiscais. **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, n. 62, p. 1, 1 abr. 2015. Disponível em: Decreto nº 8425 (planalto.gov.br). Acesso em: 15 ago. 2024.

BRASIL. **Solicitar registro do pescador amador**. Brasília, DF: Ministério da Pesca e Aquicultura, [2024?]. Disponível em: <https://www.gov.br>. Acesso em: 8 jul. 2024.
CARDOSO, D. M. Mulher, pesca e ambiente. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25., 2002, Salvador, BA. **Anais** [...]. Salvador, BA: Intercom, 2002.

CIDREIRA NETO, Ivan R. G.; RODRIGUES, G. G.; CANDEIAS, Alberto L. B. Pesca artesanal: identidade e representatividade da mulher pescadora. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 13, n. 42, p. 62-76, 2020.

CRUZ, A P. B. da S. **“Viver do que se sabe fazer”: memória do trabalho e cotidiano em Santiago do Iguape (1960-1990)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

DAL NEGRO, T. **Avaliando a pesca amadora costeira no sudeste do Brasil**. 2018. Dissertação (Mestrado em Aquicultura e Pesca– Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Instituto de Pesca, São Paulo, 2018.

BRASIL. Lei n. 11.959, de 29 de junho de 2009. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca. **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, 30 jun. 2009. Disponível em: L11959 (planalto.gov.br). Acesso em: 15 jul. 2024.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). Pescadoras buscam visibilidade e garantia de direitos. Brasília: FAO, 2019. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1237574>. Acesso em: 13 mar. 2024.
FIGUEIREDO, M. M. A.; PROST, Christian. O trabalho da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal. **Revista Feminismos**, v. 2, n. 1, 2014.

FRANCA, H. C. A. **Vulnerabilidade e sustentabilidade natural da paisagem da região de Santiago do Iguape, Município de Cachoeira, Estado da Bahia**. 2017. [Tese (Doutorado em Geologia) – Universidade Federal da Bahia], Salvador, 2017.

GÓES, L; CORDEIRO, R. A mulher pescadora no cotidiano da pesca artesanal. **Psicologia em Revista**, v. 24, n. 3, p. 778-796, dez. 2011
Hellebrandt, L. (2019). O que torna as mulheres invisíveis na pesca? Reflexões a partir de pesquisas com mulheres da colônia Z-3 Pelotas/RS.

Em S. A. Martínez (Org.), *Mulheres na atividade pesqueira no Brasil* (pp. 265-278). Compos dos Goytacazes: EDUENF.

HUGUENIN, F. P.; MARTÍNEZ, S. A. Mulheres da Pesca: Invisibilidade e Discriminação Indireta no Direito ao Seguro Desemprego: Invisibility and Indirect Discrimination Undermining Unemployment Insurance Rights. **Direito Público**, v. 18, n. 97, 2021.

LITTLE, P. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Anuário Antropológico**, v. 28, n. 1, p. 251-290, jan./jun. 2003.

LOPES, M. S.; MARTÍNEZ, S. A. Conhecimentos e pesca artesanal feminina. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, v. 11, n. 1, p. 141-162, jan./jun. 2023.

LABERGE, J. As naturezas do pescador. In: LABERGE, J.; CARVALHO, J. (ed.). **A imagem das águas**. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 39-58.

MASON, M. Sample size and saturation in PhD studies using qualitative interviews. **Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research**, v. 11, n. 3, set. 2010.

MARTINS, M. L. S.; ALVIM, R. G. Perspectivas do trabalho feminino na pesca artesanal: particularidades da comunidade Ilha do Beto, Sergipe, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 11, p. 379-390, 2016.

MARTINS, M. L. S. **Rios, estuários e mangues: a mulher na pesca artesanal**. 2013. [Número de folhas ou páginas]. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

MANESCHY, M. C.; SIQUEIRA, D.; ÁLVARES, M. L. M. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, n. 3, p. 713-737, set./dez. 2012.

MANESCHY, M. C. Mulheres na pesca artesanal: trajetórias, identidades e papéis em um porto pesqueiro no litoral do estado do Pará. In: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (org.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. [S.l.]: Alternativa, 2013. p. 15-34.

MENDES, E. F. et al. Percepções de famílias de pescadores e pescadoras artesanais sobre o impacto da pandemia no meio ambiente. **Peer Review**, v. 6, n. 4, p. 115-135, out./dez. 2024.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 9, p. 191-211, 2003.

MORAES, D. C.; CÂMARA, A. M. de M.; JESUS, P. P. de; PEREIRA, L. F.; MORAES, M. H. B.; MONTELES, J. S.; PINHEIRO NETO, A. I.; FUNO, I. C. da S. A. E a percepção ambiental de comunidades tradicionais em estuários amazônicos do Brasil. **Revista Unimar Ciências**, v. 1, n. 32, 2024.

BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA). **Dados do Registro Geral da Pesca – Pescadores, Embarcações, Colônias, Associações, Sindicatos e Cooperativas**. Salvador: Ministério da Pesca e Aquicultura, 2015.MPA. (2016). **Dados do Registro Geral da Pesca – Pescadores, Embarcações, Colônias, Associações, Sindicatos e Cooperativas**. Salvador: Ministério da Pesca e Aquicultura.

NUNES, F. D. F. V. **Sanidade de ostras (*Crassostrea gigas*) cultivadas em sistemas de cultivo suspenso no estado de Santa Catarina: aspectos biológicos e econômicos.**

Dissertação (Mestrado em Pós-Graduação em Ciência Animal Tropical) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

PIRES, M. A.; MACEDO, E. D. Impactos das mudanças climáticas na pesca artesanal: uma análise das práticas e conhecimentos tradicionais. **Revista Brasileira de Climatologia**, v. 14, p. 34-50, jul./dez. 2022.

PRYSTHON, A.; UMMUS, M. E.; TARDIVO, T. F.; PEDROZA FILHO, M. X.; CHICRALA, P. C. M. S.; KATO, H. D. A.; PAZ, L. D. S. **A pesca artesanal no rio Araguaia, Tocantins, Brasil: Aspectos tecnológicos e socioeconômicos.** Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2022.

RAHMAN, M. M.; AL-ALAWI, K. Pesca artesanal e mulheres no Brasil: análise das políticas públicas e do impacto econômico. **Journal of Aquaculture and Marine Biology**, v. 30, n. 2, p. 112-128, 2022.

SANTOS, L. M.; GOMES, P. M. Pescadores e pescadoras de São Sebastião do Paraíso: uma análise de suas condições de trabalho. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 8, n. 1, p. 77-90, jan./abr. 2021.

SILVA, C. B. Política pesqueira e desafios da mulher na pesca artesanal: um estudo de caso na região Sul do Brasil. **Estudos de Políticas Públicas**, v. 16, p. 27-46, 2020.

SILVA, L. S.; PEREIRA, M. C. Pescadoras e sua invisibilidade no contexto da pesca artesanal: um estudo nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia Rural**, v. 13, n. 4, p. 89-102, out./dez. 2017.

SILVA, G. H.; ARAÚJO, B. L. G. M. Pescape: Uma ferramenta desenvolvida para registro de crimes ambientais na pesca em Pernambuco. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 1, p. e10813144812, jan. 2024. DOI: 10.33448/rsd-v13i1.14812.

SOUZA, A. A dinâmica da pesca artesanal no Brasil: um estudo sobre a gestão e sustentabilidade. **Revista Brasileira de Ciências Ambientais**, n. 24, v. 2, p. 44-5, jul./dez. 2022.

CONCLUSÕES GERAIS

Os resultados demonstram, por meio de uma abordagem metodológica tripartida e ético-êmica (Capítulos II, III e IV), que o sistema de Pesca Artesanal Quilombola da comunidade de Santiago do Iguape (Recôncavo Baiano) se configura como um Patrimônio Biocultural (PB) material e imaterial de alta relevância, profundamente vinculado à cultura e identidade local, mas que se encontra em um estado crítico de vulnerabilidade. Essa vulnerabilidade é intensificada por vetores interconectados de degradação ambiental, racismo ambiental e injustiça climática. A pesquisa cumpriu seu objetivo principal ao desvelar as complexas tensões entre a continuidade dos saberes ancestrais e os fatores de ruptura impostos por agentes externos e pela ineficácia institucional. Os achados centrais convergem para três conclusões

(i) O Imperativo Ético da Devolutiva Científica e a Justiça Epistêmica

A pesquisa lança luz sobre a responsabilidade ética da comunidade científica. A dissociação entre o conhecimento acadêmico produzido sobre a Resex e o seu retorno prático para os moradores (falha na devolutiva) mina o potencial da ciência como ferramenta de transformação social. O fortalecimento da autonomia comunitária e a promoção de práticas sustentáveis dependem de um diálogo contínuo e transparente entre pesquisadores e moradores. A devolutiva precisa ser um compromisso ético-político que garanta a apropriação do conhecimento científico pela comunidade, transformando-o em subsídio direto para a gestão participativa, para a implementação de políticas públicas eficazes e para a luta por justiça ambiental.

(ii) Ameaça de Erosão Biocultural e a Crise na Transmissão de Saberes

O estudo confirmou que a pesca artesanal enfrenta um risco real de erosão biocultural, evidenciado pela crise na transmissão intergeracional do conhecimento tradicional. A contaminação sistêmica do estuário (por esgotos e resíduos químicos) e os impactos ambientais crônicos de grandes empreendimentos transformaram o território e a *práxis* pesqueira, tornando a atividade insalubre e economicamente inviável. A consequência imediata é o envelhecimento da mão de obra e o desinteresse juvenil. A insegurança econômica, o risco sanitário (exposição a agentes patogênicos na lama e água contaminadas) e a precarização das condições de trabalho desmotivam as novas gerações, resultando na fragmentação das técnicas de pesca coletiva e no potencial perda de um conjunto valioso de conhecimento ecológico local (TEK), essencial para a gestão sustentável do ecossistema.

(ii) Protagonismo Feminino como Pilar da Resistência Cultural

O trabalho evidenciou que a mulher pescadora é o elemento central na manutenção e transmissão desse Patrimônio Biocultural em risco. O papel das pescadoras transcende historicamente o apoio secundário, assumindo funções de protagonismo e liderança tanto nas práticas pesqueiras (incluindo a pesca embarcada e a gestão de petrechos) quanto na esfera sociopolítica.

Entretanto, esse protagonismo é exercido em meio a uma injustiça de gênero persistente. O sistema regulatório, ao negar direitos básicos (como o seguro-defeso) e manter classificações ocupacionais excludentes, perpetua a invisibilidade e a sobrecarga feminina, forçando as mulheres a

uma tripla jornada. O reconhecimento legal de direitos, saberes e territórios para as mulheres pescadoras é, portanto, uma condição indispensável para a preservação cultural e o fortalecimento da autonomia comunitária.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Formulário de instrumento de coleta de dados: Roteiro para entrevista semiestruturada

A) Dados do(a) participante da pesquisa

1) Código: _____ 2) Idade: _____ anos 3) Sexo: Masculino () Feminino ()

4) Escolaridade:

Fundamental I: () Completo () Incompleto

Fundamental II: () Completo () Incompleto

Ensino médio: () Completo () Incompleto

Graduação: () Completa () Incompleta

5) Prática religiosa que professa: _____

B) Etnoecologia pesqueira

1) O(A) senhor(a) pesca há quanto tempo?

() 1-5 anos () 5-10 anos () 10-15 anos () 15-30 anos () mais de 30 anos

2) Além da pesca, trabalha com alguma outra coisa?

(Há outra atividade de renda)? () Não () Sim. Qual: _____

3) Aprendeu a pescar/mariscar com quem?

4) Quantos membros da família do(a) senhor(a) realizaram ou ainda realizam atividades de pesca e ou mariscagem?

5) Quais tipos de artes (instrumentos, armadilhas, apetrechos) de pesca o(a) senhor(a) conhece?

6) Quais tipos de artes de pesca (instrumentos, armadilhas, apetrechos) o(a) senhor(a) utiliza hoje em suas atividades?

7) Todas as artes de pesca citadas pelo(a) senhor(a) ainda são utilizadas na comunidade?

8) Existem dias e horários específicos para a realização dessas pescarias?

- 9) Local de pesca: () Litorânea () Costeira () Alto mar
- 10) Que tipos de peixes/mariscos o(a) senhor(a) mais costuma pesca?
- 11) Notou alguma diferença no número de pescadores ainda hoje ativos na localidade?
- 12) Que tipo de petrechos de pesca o(a) senhor(a) utiliza para pescar/mariscar?
- 13) Os (As) jovens da comunidade se interessam em exercer a atividade de pescador ou marisqueira?
- 14) Percebeu alguma alteração, nos últimos anos, nos tipos de peixes capturados na região?
- 15) Se sim, quais são essas alterações e por que acha que elas ocorreram?
- 16) Acredita que um dia a atividade de pesca aqui na comunidade pode deixar de existir? Se sim, por quê?
- 17) Existe alguma norma, lei ou acordo local para a realização da pesca e da mariscagem? Se sim, quais são?
- 18) Acha que os peixes e os mariscos da região são capturados de modo controlado?
- Sim (), por quê? Não (), por quê?
- 19) O que acha sobre a realização de estudos e pesquisas sobre a pesca e a mariscagem feitos por pessoas de fora da comunidade?
- 20) Considera importante registrar as informações sobre as artes de pesca? Por quê?
- 21) O que significa viver da pesca para o(a) senhor(a)?
- 22) Existe alguma crença (história local) sobre entidades (assombrações) do mangue (e de outros locais de pesca), por exemplo, que

APÊNDICE 2 - Termo de Livre Consentimento Esclarecido TCLE

Convidamos o(a) senhor(a) para participar do projeto de pesquisa intitulado “Patrimônio biocultural e as práticas haliêuticas na comunidade quilombola de Santiago do Iguape (Cachoeira-Bahia)”, que será desenvolvido por Lucas Silva Pachêco dos Santos, aluno do programa de Pós-Graduação em Ecologia e Evolução da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), sob orientação do doutor Eraldo Medeiros Costa Neto (responsável principal), professor do Departamento de Ciências Biológicas da Universidade estadual de Feira de Santana. O objetivo principal da pesquisa é registrar os conhecimentos sobre as principais artes de pesca artesanal desenvolvidas na comunidade e entender a relação dos conhecimentos locais sobre os recursos pesqueiros. A coleta de dados será realizada no período de oito meses, após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP/UEFS. O Comitê de Ética em Pesquisa é responsável por analisar, acompanhar e aprovar protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos, para defesa dos interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade, dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. No trabalho que será feito, vão ser realizadas entrevistas e as respostas vão ser registradas com auxílio de gravador de voz e também por escrito, além de registros fotográficos das atividades de pesca exercidas na localidade para obter dados com menor perda de informações relevantes, a fim de minimizar que os dados sejam deturpados, confusos e/ou descritos de forma errônea, já que queremos destacar as falas dos entrevistados na construção do texto e publicação dos resultados finais do trabalho. O participante da pesquisa terá o tempo que precisar para responder as perguntas do formulário. Serão realizadas também observações e registros da chegada e partida de pescadores e pescadoras, e da dinâmica das atividades de pesca feitas na comunidade. As entrevistas serão realizadas na residência e/ou em local escolhido pelo/a entrevistado/a, a fim de lhes garantir conforto e sigilo na coleta de dados. O estudo baseado em coleta de dados de natureza qualitativa envolve riscos de invasão de privacidade, devido à abordagem sobre vivências individuais e coletivas dos entrevistados; constrangimento, desconforto, estresse, cansaço, vergonha ou mudança de comportamento ao decorrer da gravação de áudio. Para minimizar os riscos, o pesquisador tomará todos os cuidados possíveis para manter em sigilo a identidade dos participantes, com atenção, respeito e sensibilidade, de forma que amenize eventuais problemas relacionados ao entrevistador e aos entrevistados. Asseguramos que seu nome não será registrado, garantindo o anonimato, bem como a exclusão de qualquer informação que possa permitir a identificação do participante da pesquisa. Garante-se a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes

da pesquisa durante todas as fases da pesquisa. No entanto, uma vez que os pesquisadores não conseguirão identificar de quem são as informações solicitadas, caso o participante da pesquisa solicite sua retirada da mesma, não será possível retirarmos os dados apresentados a qualquer tempo. Assegura-se que os dados pessoais, bem como as informações fornecidas nos formulários, não serão de forma alguma acessados e nem identificados por terceiros, mas apenas pelos pesquisadores envolvidos na execução desta pesquisa. A participação dos moradores será de forma voluntária sem remuneração financeira pela participação, mas com direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes dos moradores da comunidade pesquisada. Os participantes da pesquisa têm o direito de desistir de colaborar com a pesquisa a qualquer tempo, sem nenhum prejuízo. Caso algum participante da pesquisa sinta desconfortos durante o trabalho de campo, garantimos local reservado e total liberdade para que o participante não responda questões constrangedoras. Assegura-se que os participantes da pesquisa receberão assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, em caso de danos decorrentes da pesquisa. As declarações prestadas pelos participantes da pesquisa serão inseridas na dissertação, bem como em eventuais artigos científicos. Ocorrerá a gravação de imagem e voz, desde que autorizada pelo participante da pesquisa. As imagens servem para exemplificar, com ilustrações, as atividades de pesca exercidas na comunidade, enquanto a gravação de voz, durante entrevistas, serve para que o pesquisador não perca contato visual com o participante da pesquisa, além de permitir o registro amplo de toda a fala do participante, sem perda de conteúdo. Apenas serão transcritas as informações pertinentes aos objetivos da pesquisa. Todo material etnográfico obtido a partir das transcrições de entrevistas, observações e registros fotográficos será analisado e depositado no Laboratório de Etnobiologia e Etnoecologia (LETNO) da UEFS, para a finalidade prevista no protocolo e conforme acordado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esses materiais etnográficos ficarão resguardados por um período de cinco (5) anos no Laboratório de Etnobiologia e Etnoecologia, após o qual eles serão destruídos e devidamente descartados. Dentre os benefícios da realização deste estudo, destacamos: 1) fortalecer e incentivar a importância da manutenção dos conhecimentos tradicionais dos moradores da comunidade; 2) devolver aos moradores locais as informações geradas pela própria comunidade durante o estudo na forma de cartilhas e reuniões, aproximando assim o meio acadêmico-científico das comunidades;

3) enviar publicações advindas do projeto para bibliotecas de instituições de ensino médio e superior, de pesquisa e desenvolvimento, públicas e privadas; 4) gerar conteúdos técnico-científico sobre o estados das artes de pesca e sua importância sociocultural e econômica; e 5) ampliar a importância das comunidades tradicionais como agentes de etnoconservação em revistas e eventos científicos nacionais e internacionais e gerar um quadro comparativo proveniente dos resultados da pesquisa com dados da literatura. Os resultados finais da pesquisa serão publicados em eventos ou periódicos científicos e serão socializados na comunidade, uma vez que cópias destas publicações e da dissertação serão deixadas na Associação Quilombola de Santiago do Iguape; assim, o acesso aos resultados da pesquisa poderá ser obtido por aqueles moradores que assim desejarem. Este termo apresenta duas vias que devem ser assinadas por mim e pelo(a) senhor(a). Uma cópia fica com a gente e a outra fica com o(a) senhor(a). Este é nosso acordo. Desde já me coloco à disposição para esclarecer dúvidas, antes, durante e após a realização deste trabalho. Querendo entrar em contato comigo, estou disponível pelo e-mail: lucas.pacheeco19@hotmail.com ou pelo telefone celular (75) 983400545. Os contatos do pesquisador responsável, professor Eraldo Medeiros Costa Neto, são: (75) 3161-8019, e-mail eraldont@uefs.br, endereço Departamento de Ciências Biológicas da UEFS, Av. Transnordestina, s/n, Bairro Novo Horizonte, em Feira de Santana. Tendo dúvidas sobre os princípios éticos desta pesquisa, indicamos contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UEFS: (75) 3161-8124, e-mail: cep@uefs.br. Endereço: Av. Transnordestina, s/n, Bairro Novo Horizonte, Feira de Santana - BA, horário de funcionamento do CEP/UEFS é das 13:30h às 17:30h.

Autorização de gravação de voz e captura de imagens pessoais e das artes de pesca.

() Sim, autorizo gravação de voz, registro manuscrito das informações e captura de imagem.

() Não, não autorizo gravação de voz, registro manuscrito das informações e captura de imagem.

Responsável pela pesquisa

Participante da pesquisa

APÊNDICE 3 - Folder construído e entregue aos estudantes e pescadores.

Sabe o Lucas Pachêco, lá de Santiago do Iguaçu? Pois é, ele fez o mestrado dele na UEFS, pesquisando sobre o patrimônio biocultural da pesca na região. E olha só que legal: ele mostrou como a pesca é super importante não só para a economia, mas também para a cultura da comunidade. O Lucas foi lá, bateu um papo com os pescadores, com as pescadoras e com os jovens para entender como é a vida deles, os desafios que enfrentam e como mantêm viva essa tradição de geração em geração.

Na pesquisa, ele destacou o conhecimento profundo que as pessoas do lugar têm sobre os peixes, mariscos e outros recursos que pescam. Mas também falou dos problemas, como os grandes empreendimentos que chegam por lá, a poluição e a degradação dos manguezais, que acabam afastando parte da comunidade da pesca.

E tem mais: as mulheres da comunidade são verdadeiras guardiãs dessa cultura. Mesmo com todos os desafios que enfrentam para ocupar esses espaços e garantir seus direitos como pescadoras, elas estão lá, firmes e fortes, dominando os ambientes aquáticos. Espero que você tenha curtido saber um pouco mais sobre como a pesca é essencial para essa comunidade e por que é tão importante manter essa tradição viva, já que ela faz parte da identidade dos moradores. E isso é motivo para se ter muito, muito orgulho dessa identidade, viu?!

Ah, e essa pesquisa foi financiada pela CAPES e contou com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Evolução da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Um agradecimento especial aos conterrâneos do Lucas, que compartilharam seu saberes e tornaram essa pesquisa possível. Eles são demais!

Eu escrevi uma canção que também pode ser recitada como uma poesia. Você canta ou recita comigo?

PESCADOR (A) DE ALMA E CORAÇÃO

Eu sou um pescador e sei remar,
nas ondas, no balanço e no calmar do mar.
Eu amo minha terra, os rios e o mar.
Nesse paraíso quero sempre estar.

Meu pai é pescador e minha mãe também,
e sou o fruto desse mar também.
Eu sei que todo dia eles vão trabalhar,
buscando o sustento para me alimentar.

O mar é um tesouro com preço inestimável,
as bênçãos que me dá, é algo inexplicável.
E desse tesouro precisamos cuidar,
evitando jogar lixo para não contaminar.

Não retirar as árvores para o mar não avançar.
Cuidar desse ambiente para a vida preservar.
Por isso eu te peço de todo coração,
preserve os manguezais da degradação.

As espécies que ele abriga são inigualáveis,
caranguejo, peixe, ostra, siri e guaiamum,
sururu, carapeba, camarão e o aratu.
Toda essa riqueza é um presente do Criador.

E para encerrar essa linda canção,
também sou pescador de alma e coração.
Do meu território eu vou sempre cuidar,
proteger os ecossistemas e das espécies zelar.

Eu sou pescar de alma e coração,
eu amo esse verso dessa linda canção.

PESCADOR (A) DE ALMA E CORAÇÃO

A PESCA ARTESANAL EM SANTIAGO DO IGUAPE: UM PATRIMÔNIO QUE DEVE SER PRESERVADO!



Lucas Silva Pachêco dos Santos
Francisco José Bezerra Souto
Eraldo Medeiros Costa Neto

Organizadores

Vamos bater um papo sobre a nossa terra?

Você sabia que Santiago é uma comunidade inserida em uma Unidade de Conservação?

Se sim, parabéns! Se não, vou te explicar agora. Em uma Unidade de Conservação, especialmente nas Reservas Marinhas Extrativistas, a coleta de recursos naturais necessita ser feita de forma consciente e sustentável, protegendo os recursos, o território e as pessoas que dependem deles para sobreviver.

Você sabia que a pesca é um patrimônio bio-cultural?

Isso quer dizer que tudo, seja o conhecimento sobre o mar, os manguezais e o estuário, bem como as artes de pesca, precisam ser preservados, pois fazem parte da cultura e da história da comunidade.

Mas sabia que todo esse conhecimento pode ser perdido parcial ou totalmente?

Pois é. Hoje há um grande desinteresse pela profissão Pescador/Pescadora e isso expõe esses conhecimentos ao esquecimento. Apesar de ser uma realidade ainda distante, pode acontecer.

Então será que existe uma maneira de evitar essas perdas?

Sim. Uma delas é dar continuidade a essas atividades, transmitindo pela vivência desses saberes para as novas gerações.

Viu como não é difícil? Mas antes de continuar, me responda uma coisa, você é pescador(a)?

Humm! Tenho certeza de que seus pais, avós ou tios pescam ou já pescaram algum dia e, por isso, sua identidade também está vinculada a essa profissão.

Que tal perguntar aos pescadores e às pescadoras sobre a diversidade de peixes que eles/elas conhecem? Sobre as redes de pesca que utilizam?

Eu soube que na comunidade tem muitos peixes, como por exemplo: bagre, paru, robalo, tainha, mirim, arraia, pescada, amoreia e muitos outros.

Soube que tem siri, guaimum, caranguejo, ostra, sururu e aratu. E uma diversidade muito grande de organismos. E aí, você conhece esses recursos?



Já pensou em ir pescar com parentes ou amigos e aprender sobre os horários das marés, sobre as redes, como e onde pescar, como governar uma canoa e, claro, aprender a nadar para não se afogar?

Mesmo que você não siga na profissão, ao fazer isso estará ajudando a manter a transmissão desses saberes para que não se percam.

As práticas de pesca são realizadas no manguezal próximo da comunidade. Por isso, para preservar as práticas de pesca e manter esses conhecimentos, é necessário também cuidar do ambiente. Por isso, não jogue lixo nos manguezais, nos rios, nas ruas e nem no estuário!

Agora que você já sabe da importância que o estuário e o manguezal têm para a região, além das questões econômicas, você terá a missão de proteger e zelar pelo uso sustentável dos recursos naturais.

A partir desse momento, você também é guardião/guardiã do nosso território. Santiago é nossa casa, nosso lar.

Nossos saberes são riquezas que não podem ser pagas com dinheiro. Nossa cultura é linda e de nossas origens devemos nos orgulhar. Por isso, diga sempre: sou pescador de alma e coração, da minha cultura eu não abro mão! Sou fruto dessas águas, dessa terra e carego comigo um sentimento de pertencimento que nada pode abalar.



Arte: Julia Lima

Santos, L. S. P.; Souto, F. J. B.; Costa Neto, E. M. Pescador(a) de alma e coração. A pesca artesanal em Santiago do Iguape: um patrimônio que deve ser preservado. Feira de Santana: Zarte Editora, 2025. ISBN

ANEXOS**ANEXO 1 – Termo de Anuência.****Associação quilombola de Santiago do Iguape, Cachoeira,
Bahia****TERMO DE ANUÊNCIA**

Eu, Edson da Conceição Falcão, inscrito no CPF: 131.636.555-72, na qualidade de Presidente da Associação Quilombola de Santiago do Iguape, autorizo a execução do projeto de mestrado intitulado “Patrimônio Biocultural e as práticas haliêuticas na comunidade quilombola de Santiago do Iguape (Cachoeira-Bahia): uma abordagem etnoecológica” do discente Lucas Silva Pachêco dos Santos, mestrando do curso de Pós-Graduação em Ecologia e Evolução da Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, sob coordenação e orientação do professor Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto, Lotado no Departamento de Ciências Biológicas da UEFS. Assumimos o compromisso de acompanhar e apoiar a o desenvolvimento da pesquisa a ser realizada na comunidade, com data prevista para início em janeiro de 2024 e finalização até junho de 2025

Santiago do Iguape, Cachoeira, Ba, 7 de outubro de 2023



Presidente da Associação Quilombola de Santiago do Iguape

ANEXO 2 – Autorização do Presidente da Colônia de Pescadores.**Colônia de Pescadores e Aquicultores Z-52, Cachoeira,
Bahia.**

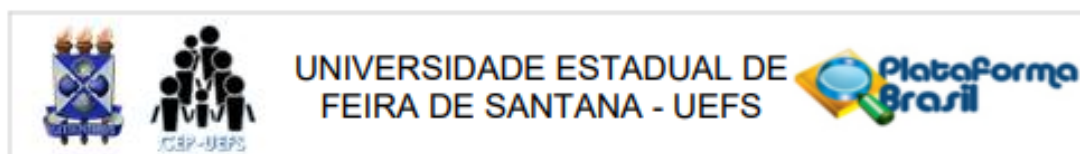
Eu, Erivaldo Araujo dos Santos, inscrito no CPF: 967.924.775-91, RG: 07.524.758-51, na qualidade de Presidente da Colônia de Pescadores e Aquicultores Z-52, localizada na rua Quebra cabeça, n 01, em Santiago do Iguape, Cachoeira, Ba, CNPJ: 07.465.098/0001-00, autorizo a execução do projeto de mestrado intitulado "Patrimônio Biocultural e as práticas haliêuticas na comunidade quilombola de Santiago do Iguape (Cachoeira-Bahia): uma abordagem etnoecológica" do discente Lucas Silva Pachêco dos Santos, mestrando do curso de Pós-Graduação em Ecologia e Evolução da Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, sob orientação do professor Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto, Lotado no Departamento de Ciências Biológicas da UEFS.

Santiago do Iguape, Cachoeira, Ba, 5 de outubro de 2023

Colônia de Pescadores e Aquicultores Z-52
Erivaldo Araujo dos Santos
Presidente da colônia Z-52

07.465.098/0001-00
COLONIA DE PESCADORES E AQUICULTORES Z-52
DE CACHOEIRA-BA
End.: Rua Quebra Cabeça, nº 01 - Térreo
Santiago do Iguape - Cep.: 44.300-000
Cachoeira - Bahia

ANEXO 3 - Parecer de aprovação do projeto.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Patrimônio biocultural e as práticas haliêuticas em uma comunidade tradicional: Uma abordagem etnoecológica

Pesquisador: Eraldo Medeiros Costa Neto

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 75151323.5.0000.0053

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Feira de Santana

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.623.420

Apresentação do Projeto:

As informações contidas neste parecer, em sua maioria, foram copiadas do arquivo "PB Informações Básicas do Projeto" e do arquivo "Projeto", os quais constam do protocolo de submissão.

"Os conhecimentos desenvolvidos por povos e comunidades tradicionais perpassam as gerações e constituem a base do seu patrimônio biocultural. A conservação desse patrimônio torna-se um grande desafio diante das mudanças socioambientais que se agravam a cada ano. Diante disto, a presente pesquisa tem por objetivo registrar, à luz da Etnoecologia Abrangente, os saberes e as técnicas relacionados com atividades de pesca artesanal (haliêutica) em uma comunidade no recôncavo baiano e sua possível relação com a erosão biocultural. Os dados serão coletados e analisados seguindo-se o modelo metodológico "quadro de pesquisa biocultural para a pesca artesanal", o qual envolve quatro etapas: Compreensão, que se refere à percepção dos atores locais; Análise das dimensões Korpus, Cosmos, Práxis, Eekos e Consensus; Avaliação, que busca por indicadores; e Gestão, que diz respeito à importância do uso sustentável e meios de mitigar problemas socioambientais. Dentro desta metodologia, inserimos a Análise Textual Discursiva (ATD) para facilitar a triangulação e compreensão dos conhecimentos locais. Espera-se que os dados resultantes desta pesquisa possam contribuir para fomentar a proteção ao patrimônio biocultural de comunidades tradicionais, sobretudo frente à carência de estudos bioculturais em

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS

Bairro: Módulo I, MA 17

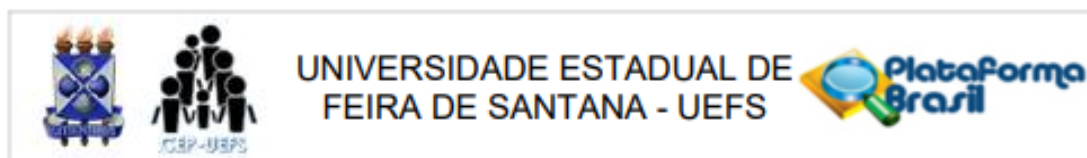
CEP: 44.031-460

UF: BA

Município: FEIRA DE SANTANA

Telefone: (75)3161-8124

E-mail: cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 6.623.420

comunidades de pescadores artesanais.

Quanto aos critérios de inclusão, serão selecionados para participar da presente pesquisa moradores da comunidade Santiago do Iguape, maiores de idade, que atuam ou atuaram como pescadores e pescadoras, ou seja, moradores(as) diretamente envolvidos(as) com coleta e manejo de recursos pesqueiros locais. Assim, estão excluídos menores de idade, não residentes na comunidade, quem não exerce atividades haliêuticas (de pesca), além de moradores que não forem indicados pelas/os participantes no modelo "bola de neve".

Antes de iniciar a fase de coleta de dados, o projeto passará pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da UEFS e será cadastrado no SISGEN. A pesquisa será apresentada aos moradores em reunião que acontecerá na Associação de Moradores da comunidade quilombola para esclarecimentos. Observações, anotações e registros serão realizados no decorrer da pesquisa para permitir a observação de aspectos não citados pelos entrevistados a respeito dos conhecimentos e práticas haliêuticas. As respostas às entrevistas serão registradas com auxílio de gravador, mediante a comunicação, esclarecimento, autorização e assinatura do TCLE pelos entrevistados; posteriormente elas serão transcritas. As perguntas do formulário se alternam em objetivas e subjetivas, conduzidas de modo que possam fornecer dados relacionados às atividades de pesca exercidas na comunidade.

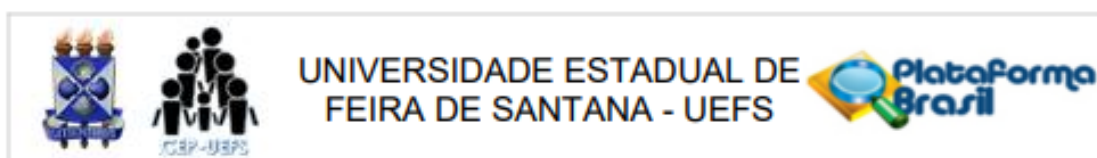
Garantimos que informações sobre recursos pesqueiros e os dados sobre atividades de pesca obtidos na pesquisa serão utilizados exclusivamente para a finalidade prevista no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 2).

Todo material coletado, incluindo os roteiros das entrevistas e as gravações de áudio e vídeo, após analisados, serão depositados e resguardados por um período de cinco anos no Laboratório de Etnobiologia e Etnoecologia da UEFS. Após esse período eles serão destruídos e devidamente descartados.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Analisar o conhecimento etnoecológico dos moradores da comunidade quilombola Santiago do Iguape (Cachoeira, Bahia) sobre o patrimônio biocultural relacionado às atividades pesqueiras a partir da sustentabilidade e sua relação com a erosão biocultural. **Objetivo Secundário:** Registrar o patrimônio biocultural da comunidade quilombola Santiago do Iguape, em

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8124 **E-mail:** cep@uefs.br



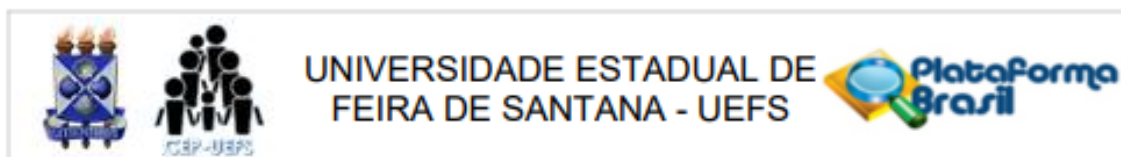
Continuação do Parecer: 6.623.420

especial das artes de pesca; Verificar a percepção dos(as) pescadores(as) sobre a oferta de diferentes peixes na comunidade ao longo do tempo; Identificar os impactos das atividades exploratórias e sua relação com o possível abandono das práticas de pesca através da perspectiva ética; Registrar, a partir da percepção dos moradores e dos dados disponíveis na literatura, se está havendo erosão biocultural das práticas de pesca artesanal na comunidade quilombola Santiago do Iguape; Verificar a eficiência do sistema de proteção conferido pela Resex a partir da percepção dos moradores.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O estudo baseado em coleta de dados de natureza qualitativa envolve riscos de invasão de privacidade, devido à abordagem sobre vivências individuais e coletivas dos entrevistados; constrangimento, desconforto, estresse, cansaço, vergonha ou mudança de comportamento ao decorrer da gravação de áudio. Para minimizar os riscos, o pesquisador tomará todos os cuidados possíveis para manter em sigilo a identidade dos participantes, com atenção, respeito e sensibilidade, de forma que amenize eventuais problemas relacionados ao entrevistador e aos entrevistados. Asseguramos que seu nome não será registrado, garantindo o anonimato, bem como a exclusão de qualquer informação que possa permitir a identificação do participante da pesquisa. No entanto, uma vez que os pesquisadores não conseguirão identificar de quem são as informações solicitadas, caso o participante da pesquisa solicite sua retirada da mesma, não será possível retirarmos os dados apresentados a qualquer tempo. A participação dos moradores será de forma voluntária sem remuneração financeira pela participação, mas com direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes dos moradores da comunidade pesquisada. Os participantes da pesquisa têm o direito de desistir de colaborar com a pesquisa a qualquer tempo, sem nenhum prejuízo. Caso algum participante da pesquisa sinta desconfortos durante o trabalho de campo, garantimos local reservado e total liberdade para que o participante não responda questões constrangedoras. Assegura-se que os participantes da pesquisa receberão assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, em caso de danos decorrentes da pesquisa. Todo material etnográfico obtido a partir das transcrições de entrevistas, observações e registros fotográficos será analisado e depositado no Laboratório de Etnobiologia e Etnoecologia (LETNO) da UEFS, para a finalidade prevista no protocolo e conforme acordado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Apêndice 2). Esses materiais etnográficos ficarão resguardados por um período de cinco (5) anos no Laboratório de Etnobiologia e Etnoecologia, após o qual eles serão destruídos e devidamente descartados. Dentre

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8124 **E-mail:** cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 6.623.420

os benefícios da realização deste estudo, destacamos: 1) fortalecer e incentivar a importância da manutenção dos conhecimentos tradicionais dos moradores da comunidade; 2) devolver aos moradores locais as informações geradas pela própria comunidade durante o estudo na forma cartilhas e reuniões, aproximando assim o meio acadêmico-científico das comunidades; 3) enviar publicações advindas do projeto para bibliotecas de instituições de ensino médio e superior, de pesquisa e desenvolvimento, públicas e privadas; 4) gerar conteúdos técnico-científico sobre o estado das artes de pesca e sua importância sociocultural e econômica; e 5) ampliar a importância das comunidades tradicionais como agentes de etnoconservação em revistas e eventos científicos nacionais e internacionais e gerar um quadro comparativo proveniente dos resultados da pesquisa com dados da literatura. Os resultados finais da pesquisa serão publicados em eventos ou periódicos científicos e serão socializados na comunidade, uma vez que cópias destas publicações e da dissertação serão deixadas na Associação Quilombola de Santiago do Iguape; assim, o acesso aos resultados da pesquisa poderá ser obtido por aqueles moradores que assim desejarem.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa será realizada por meio de entrevistas e aplicação de questionários a pessoas pertencentes a comunidade quilombola, que são historicamente vulneráveis, bem como, prevê a gravação de voz e imagem dos participantes, além de acesso a dados legalmente considerados como pessoais e sensíveis.

Também envolve situações passíveis de limitação da autonomia do participante em razão de relações hierárquicas, autoritárias ou de dependência.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Quanto aos termos de apresentação obrigatória verificou-se que todos foram anexados.

Recomendações:

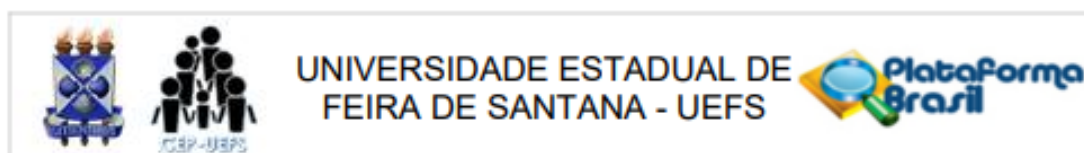
A pesquisa deve ser cadastrada no Sistema Nacional de Gestão de Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado – SISGEN e o número do protocolo deve ser informado a este CEP.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

CONCLUSÃO: PENDÊNCIAS SANADAS. PROTOCOLO APROVADO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8124 **E-mail:** cep@uefs.br

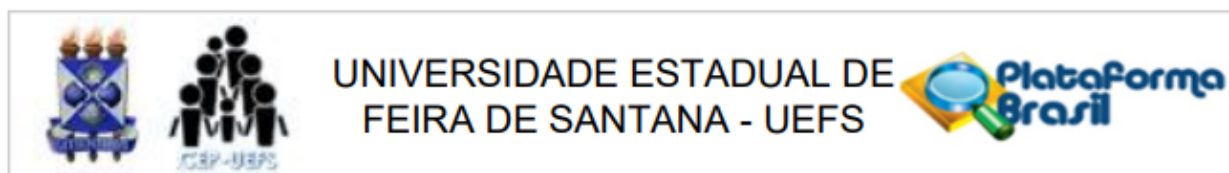


Continuação do Parecer: 6.623.420

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2230659.pdf	21/12/2023 22:44:59		Aceito
Brochura Pesquisa	Projeto_de_pesquisa_3a_versao.pdf	21/12/2023 22:44:25	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito
Outros	Carta_resposta.pdf	21/12/2023 22:44:11	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_segunda_versao.pdf	21/12/2023 22:43:55	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito
Declaração de concordância	Termo_anuencia_nova_versao.pdf	10/12/2023 16:55:18	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_Nova_Versao.pdf	10/12/2023 16:54:17	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_NovaVersao.pdf	08/12/2023 09:15:58	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito
Outros	RespostaPendencias.pdf	08/12/2023 09:14:35	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_Brochura.docx	20/10/2023 06:16:39	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	20/10/2023 06:16:27	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	20/10/2023 06:15:51	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito
Folha de Rosto	folha_derosto.pdf	16/10/2023 08:36:50	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito
Outros	Termo_Anuencia.pdf	15/10/2023 09:56:56	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito
Outros	Termo_compromisso_etico_Lucas.docx	15/10/2023 09:55:06	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito
Outros	Termo_compromisso_etico_Francisco.docx	15/10/2023 09:54:50	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito
Outros	Termo_compromisso_etico_Eraldo.docx	15/10/2023 09:54:29	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito
Outros	Instrumento_coleta_dados.docx	15/10/2023 09:53:57	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_Pesquisador_Lucas.pdf	15/10/2023 09:53:05	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_Pesquisador_Francisco_Souto.pdf	15/10/2023 09:52:56	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito

Endereço: Avenida Transnordesina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-460
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA
 Telefone: (75)3161-8124 E-mail: cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 6.623.420

Declaração de Pesquisadores	Declaracao_Pesquisador_Eraldo.pdf	15/10/2023 09:52:49	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	15/10/2023 09:52:18	Eraldo Medeiros Costa Neto	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FEIRA DE SANTANA, 24 de Janeiro de 2024

Assinado por:
LIZ SANDRA SOUZA E SOUZA
 (Coordenador(a))